



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL – UEMS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

MARIA LUIZA SANTOS CASTELARI

O DISCURSO DO HOMOSSEXUALISMO FEMININO

Campo Grande/MS

2013

MARIA LUIZA SANTOS CASTELARI

O DISCURSO DO HOMOSSEXUALISMO FEMININO

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem: Língua e Literatura, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

CAMPO GRANDE – MS
2013

C343d Castelari, Maria Luiza Santos

O Discurso do homossexualismo feminino / Maria Luiza Santos Castelari.
Campo Grande, MS: UEMS 2013.
105f.; 30cm.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues.
Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,
Unidade Universitária de Grande, 2013.

1. Discurso. 2. Homossexualismo feminino. 3. Família. 4. Preconceito.
I. Título.

CDD 20. ed. 401.41

MARIA LUIZA SANTOS CASTELARI

O DISCURSO DO HOMOSSEXUALISMO FEMININO

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem: Língua e Literatura, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues
Presidente da Banca - UEMS - Campo Grande/MS

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes
Convidado da Banca - UEMS - Campo Grande/MS

Profa. Dra. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta
Convidada da Banca – UNEMAT - Cáceres/MT

Prof. Dr. Daniel Abrão
Suplente da Banca - UEMS - Campo Grande/MS

Profa. Dra. Maria Leda Pinto
Suplente da Banca – UEMS - Campo Grande/MS

Campo Grande/MS, 04 de julho de 2013.

Dedico este trabalho

Aos participantes, colaboradoras e amigas que se despiram do silêncio para apresentar suas trajetórias e suas histórias de vida.

De vida que é para ser modelada a cada amanhecer, sem cansar, sem parar e sem desesperançar.

De vida que é memória, que é história, que não tem fim.

Pois viver é acreditar que mesmo quando não mais existir,

Haverá alguém escrevendo essa história por ti...

AGRADECIMENTO

O conhecimento é algo que adquirido perdura para sempre em nós.

Oportunidade como esta de “beber de uma fonte” extremamente farta e amadurecida não é sempre que temos. Estar ao meio de Mestres e Doutores colhendo aprendizado é algo extraordinário. Não apresento ainda, a competência necessária para absorver todas as informações disponibilizadas durante essa trajetória de estudos, mas com certeza, trago comigo um pouco mais de conhecimento.

Talvez pudesse apenas dizer obrigado a Deus, que me deu força e esperança, ao meu orientador Professor Doutor Marlon Leal Rodrigues ao qual tenho imenso respeito e agradecimento pelo apoio, pela paciência, por estar sempre presente compartilhando seu conhecimento para que meus estudos fluíssem com tranquilidade e segurança.

Aos professores e a todos que fazem parte desta família denominada UEMS, por nos receberem de braços abertos, estarem sempre dispostos a nos atender com carinho e respeito, a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por favorecer os custeios da pesquisa.

À minha família que superou a dimensão da ausência de meu carinho e de meus cuidados, ausência essa causada pela intensidade dos estudos. Aos amigos próximos ou distantes (apenas geograficamente, pois estão em minha memória e em meu coração), pelos impulsos e aplausos e por saberem que fazem parte e/ou ajudaram-me a construir mais esse pedaço de minha história.

Porém, este trabalho marca a reta final de um engrandecido percurso e deixa um brilho maior em meu espírito, dizer obrigada não será suficiente. O agradecimento virá durante a caminhada para o futuro, só o futuro irá dar-me oportunidade de transmitir ao meu próximo todo ou quase todo o conhecimento adquirido. No caminho para o futuro, utilizarei de todas as contribuições recebidas, teóricas e práticas, para não decepcioná-los e assim poderei apresentar, com um sentido maior, quanto estou agradecida pelo conhecimento e engrandecida pelas amizades.

Os dizeres não são como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender: São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele.

(Orlandi, 2010, p.30).

CASTELARI, M. L. S. **O Discurso do Homossexualismo Feminino**. 2013. 105 F. Dissertação de Mestrado em Análise de Discurso do curso de Letras. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Unidade Universitária de Campo Grande - MS, 2013.

As questões preconceituosas diante do construto do discurso social excludente e opressor, que envolve a temática sobre o homossexualismo apresentam-se em uma dimensão incalculável, onde o grupo minoritário e discriminado é apresentado com sentido de “anormalidade”. Muitos são os desafios de um sujeito na posição de homossexual, desafios estes que adentram o ambiente familiar, religioso, midiático, cultural e social, porém, o passo norteador e desafiador desse sujeito é a aceitação familiar e a “autoaceitação” e/ou a busca para desvendar o desconhecido que se apresenta de imediato a esse sujeito com “estranhamento”. O ponto que referencia esta pesquisa está voltado para o discurso do homossexualismo feminino e os preconceitos e/ou conflitos dentro do lar. A hipótese é que há um sentido elevado de “interferência” do grupo familiar, apresentando sentido de “tentativas de mudança” quanto à orientação sexual desse sujeito na posição de homossexual feminino, e que há uma “camuflagem” no sentido de comportamento do cotidiano vivido por essas famílias. O discurso de algumas dessas famílias, considerada a primeira instituição à qual esse sujeito constitui confiabilidade, representado pelo discurso dos sujeitos colaboradores, na posição de homossexual feminino dentro de um contexto de tensão social, representa em grande medida o discurso social, midiático e religioso, ou seja, um discurso com sentido de patriarcal, heterossexual, preconceituoso e opressor. A escola ocupa o lugar de parceira da família e identificam-se no silenciamento, encontram dificuldades para introduzir, debater e defender novas concepções e valores que envolvem a homossexualidade. Os discursos dos colaboradores apresentam sentidos de encorajamento, apresentando palavras e atitudes, (ações de familiares) com sentidos que perante “as leis” são consideradas crimes, violência contra a criança e o adolescente e contra a mulher, e o tempo e a reflexão podem ter colaborado para que essas famílias pudessem ultrapassar fronteiras e limites, modificando sua forma de olhar e onde olhar, dizendo “não” a conformidade de um discurso hetero e opressor. A pesquisa situa-se na Análise de Discurso, a AD, trabalhada na França por Michel Pêcheux e no Brasil por Eni P. Orlandi.

Palavras-chave: *Discurso, Homossexualismo feminino, família, preconceito.*

CASTELARI, M. L. S. **The Discourse of Female Homosexuality**. 2013. 105 F. Master's Dissertation in Discourse Analysis Letters course. State University of Mato Grosso do Sul. Unit University of Campo Grande - MS, 2013.

The prejudiced questions before the construct of social discourse exclusionary and oppressive involving the issue on homosexuality present themselves in an untold scale, which the discriminated and minority group is presented with sense of "abnormality". Many are the challenges of a subject in the position of homosexual, these challenges that enter the family, religious, media, cultural and social, but step guiding and challenging the of this subject is familiar acceptance and "self-acceptance" and/or the search to unravel the unknown that is presented immediately to that subject with "strangeness". The reference point this research is focused on the discourse of female homosexuality and prejudice and / or conflicts within the home. The hypothesis is that there is a heightened sense of "interference" of the family group, with the sense of "attempts to change" concerning the sexual orientation of that subject in the position of female homosexual, and that there is a "camouflage" behavior towards the everyday lived by these families. The speech of some of these families, considered the first institution to which this subject is reliability, represented by the discourse of the subjects employees in the position of female homosexual within a context of social tension, represents to a large extent the social discourse, media and religious, in other words, a speech with a patriarchal sense, heterosexual, prejudiced and oppressive. The school occupies the place of family and identified themselves in silencing, find it difficult to introduce, discuss and arguing for new ideas and values involving homosexuality. The collaborators' speeches present sense of encouragement, with words and attitudes, (family actions) with meanings that before "laws" are considered crimes, violence against children and adolescents, and against women, and the time and reflection might have contributed to that those families could cross boundaries and limits by modifying its way of looking at and where to look, saying ' no ' to compliance of a speech straight and oppressor. The research is located in Discourse Analysis, AD, crafted in France by Michel Pêcheux and Brazil by Eni P. Orlandi.

Keywords: Discourse, female homosexualism, family, prejudice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
RELATÓRIO DE CAMPO /Aplicação do Questionário.....	18
Do Questionário/Tabelas.....	21
CAPÍTULO I – ESTADO DA ARTE	27
1.1. Breve histórico da homossexualidade feminina.....	28
1.2. Breve histórico da constituição familiar/Conceito de família.....	31
1.3. A Família.....	33
1.4. Mídia e Ficção.....	35
CAPÍTULO II – SUPORTE TEÓRICO	39
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS	47
3.1. Discurso: A tensa descoberta.....	47
3.2. Discurso: O confronto das formações discursivas.....	51
3.3. Discurso: (1) Negação e (2) ocultamento da/na e para com a família.....	55
3.3. 1. Negação.....	56
3.3. 2. Ocultamento.....	57
3.4. Discurso: O confronto com a família.....	59
3.5. Discurso: Reflexivo e mudança de conceito.....	63
3.6. Discurso: Valores e religião na/da família.....	65
3.7. Discurso: Gesto de dizer/calar na/da família.....	70
3.8. Discurso: De enfrentamento e conflitos com o tempo/idade.....	72
3.9. Discurso: Mídia e a (não) coautoria/reflexão.....	75
3.10. Discurso: A conquista de igualdade e espaço.....	77
3.11. Discurso de encorajamento ao outro.....	79
3.12. Discurso: O Eu centrado no tema.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
ANEXO I – Questionário.....	92
ANEXO II – Índice de Enunciados.....	94

INTRODUÇÃO

“Não é necessário pesquisar com afincos a história da humanidade para compreender algumas razões e sentidos da prática do direito e da proibição como forma de exclusão. A história da humanidade caracteriza-se pela história da dominação: história do desejo, do poder, da opressão e dominação”.

RODRIGUES (2011, p.12).

A história de uma sociedade (trans) forma-se paulatinamente, não de acordo com vontades e desejos particularizados, mas no dizer de Marx (1997, p. 21) “não a [os homens] fazem sob circunstância de suas escolhas e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. Essas (trans) formações históricas são marcantes e extremamente necessárias quando se apresentam enquanto demandas históricas para determinados grupos; são os que podem significar conquistas de uma nação, de um povo, de uma etnia, de um grande ou pequeno grupo social.

Este trabalho, nesse sentido, apresenta como referencial a “discursividade” (ORLANDI, 2001) homossexual-ismo-¹, esse que representa um grupo social minoritário que há tempos vem sendo apresentado com assiduidade em reportagens televisivas ou por vários outros meios de comunicação. Nesses espaços de circulação de linguagens, são exibidas imagens, discursos, ações com sentidos que não raras vezes são significados como preconceituosos, violentos e opressores, práticas essas dirigidos aos homossexuais em diversos momentos e lugares.

¹ O termo ISMO: O sufixo é apresentado por Houaiss (2001, p. 1655) como formador de nome, de ação, de verbos em *Izò* e, as vezes em *iō*, pelo latim, *ismos*. Exemplos: *kateklizo* = *katekhismós* = port. Catequizar, catecismo. Também foi usado em medicina designando uma intoxicação, como: absintismo, alcoolismo, entre outras. Nos séculos XIX e XX seu uso se desseminalizou para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos, através de nomes próprios representativos, ou nomes locativos de origem, o autor apresenta centenas de palavras, entre elas: alpinismo, atletismo, jornalismo, individualismo, etc. Em Coutinho (1972, p.172), o sufixo é apresentado como: sufixo nominal de origem grega - *ismós* - exprime opinião, crença, escola, sistema, origem, como: ecletismo, ateísmo, islamismo, positivismo, catolicismo, dualismo, fatalismo, entre outras. Ferreira (2009, p.1135), apresenta [além dos termos acima] que o sufixo original do grego, exprime: ato, prática ou resultado, peculiaridade de: ação, conduta, hábito, ou qualidade, características de: afecção, quadro mórbido, condição patológica (causada por), conjunto de características comuns a certo povo, ou civilização, expressão, ou palavra própria de determinada língua, ou religião, ou povo, proteção, patronato, modalidade ou prática esportiva, e exemplifica com palavras como: classicismo, positivismo, socialismo, terrorismo, mineirismo, anglicismo, heroísmo, aporismo, botulismo, alcoolismo, meteorismo, americanismo, arabismo, brasileirismo, latinismo, afilhadismo, clientelismo, nepotismo, aeromodelismo, ciclismo e iatismo.

Em relação ao termo ou nomeação de homossexual, de acordo com Tafarello (2011, p.247), surgiu no século XIX, por volta de 1869:

Em um contexto médico-jurídico-religioso e lhe foi atribuído em sentido de anormalidade (doença), aberração (vício) pecado. A partir daí, começa a ganhar ênfase o próprio termo sexualidade, que também não existia em grego. Afrodísia, em grego, se referia à expressão da sexualidade e, na relação entre homens, havia o erasta, o rapaz mais velho, mas não necessariamente com mais de 50 ou 60 anos, e o erômenos, que tinha idade entre 13 e 17 anos; o surgimento da barba marcava o fim da relação. Fazia parte do costume grego o homem mais velho educar o jovem para ser o homem do estado, e essa educação passava também pela iniciação sexual. Na obra Banquete, de Platão, a relação entre erômenos e erasta é ponto de discussão, sobretudo nos diálogos de Fedro e Alcibíades. Mas não é por esse fato que devo ver Platão como sendo um escritor gay ou escrevendo para um público gay. Há de se considerar ainda, que a tônica da discussão do Banquete é a questão do Eros, o amor entre homens que era considerado verdadeiro, que tem origem no verbo eromai, desejar.

Há, sujeitos em que, na posição de homossexuais eram/são agredido moral e fisicamente nas ruas e/ou em locais públicos e privados. Isso de forma explícita ou não. Diante da negatividade dessas práticas discursivas e não discursivas, Louro (1997, p.22), sugere que se faz necessário:

Recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se produzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.

Porém, as referidas agressões em formas de práticas discursivas ou não discursivas veiculadas pelas reportagens, que se repetiam(em) com certa frequência eram(são) consideravelmente voltadas para o sexo masculino, ou seja, para os homossexuais masculinos, ou *gays*.

A “temática” (RODRIGUES, 2011) discursiva no que se refere ao homossexualismo em um todo é de suma importância para uma longa e duradoura discussão sobre preconceito e o discurso de práticas sociais. Porém a proposta desta pesquisa é analisar o discurso de algumas mulheres na posição de “sujeito”, (ORLANDI, 1999) de homossexual feminino, ou no discurso do senso comum: lésbicas.

Os discursos como informações cotidianas são apresentados por um determinado grupo de mulheres/colaboradoras que sentem(iram) na “pele” a materialidade dos discursos sociais negativos. No relato apresentam “sentidos” (PÊCHEUX, 1997) de experiências, medos, conflitos familiar e também conquistas. Apresenta de certa forma, o dia-a-dia desse sujeito na posição de homossexual feminino, em uma ininterrupta “luta” para ser e agir como ele mesmo se representa, sem sofrer a materialidade de preconceito e conseqüentemente a opressão social e/ou familiar.

Os discursos desses sujeitos, também trazem em si a representação discursiva de seus familiares no referente à orientação sexual hetero e homo. Apresenta sentidos que se identificam com a “ficção” midiática e também com a realidade desses sujeitos. É a partir dessas questões construção de sentidos, tanto midiático sobre esses sujeitos, seja também por meio de ficção e/ou realidade, com artistas famosos que representam seus personagens em novelas e minisséries apresentadas pela TV e cinema, ou informativos em (tele) jornais e revistas, que deixa o telespectador e/ou leitor atentos a esses discursos, aos conceitos e preconceitos no referente ao tema homossexual (ismo).

Questões discursivas como formas de informações, assistidas por grande número de famílias, através da mídia, que de certa forma, podem apontar um horizonte colaborativo ao discutir de forma direta ou indireta o direito a orientação sexual; com probabilidade de despertar sentido de reflexão sobre questionamentos, como: há um tipo de comportamento e de atitudes adequadas para que esses sujeitos não sofram preconceitos e/ou danos morais e físicos dentro e fora do lar? Quanto à faixa-etária, a posição financeira, intelectual, cultural e social, esses teriam alguma interferência no comportamento dos mesmos e nas atitudes de seus familiares?

Estas e tantas outras questões referentes ao homossexualismo apresentam sentidos que podem “despertar” reflexão. Para Louro (1997, p.84 – 86) “essas questões remetem para a temática da diferença, da desigualdade, do poder”. E a autora acrescenta que essas temáticas requerem estratégias de intervenção e acentua que:

Para que possamos pensar em qualquer estratégia de intervenção é necessário, sem dúvida, reconhecer as formas de instituição das desigualdades sociais. A sensibilidade e a disposição para, se lançar a tal tarefa são indispensáveis, mas as teorizações, as pesquisas e os ensaios provenientes dos Estudos Feministas, e também do campo dos Estudos Negros, dos Estudos Culturais, dos Estudos Gays e Lésbicos, podem se tornar elementos muito importantes para afinar o olhar, estimular inquietações, provocar questões.

O escopo dessa pesquisa possui como referente que o “discurso” (Orlandi, 2010) desses sujeitos na posição de homossexual feminino, apresente sentidos com possibilidades de respostas. Sentido de reflexão no que se refere ao grupo social ao qual esse sujeito está inserido, ou seja, a família e o espaço por ela definido como lar. Essa família que vem passando por muitas e aceleradas transformações sociais. Transformações essas que não oferecem meios para que essas famílias “camuflem” as dificuldades encontradas para se adaptarem as mesmas. A questão familiar passa além da transformação de sentido, passa pela desestabilização de valores históricos.

O discurso desses sujeitos apresenta-se dentro de um contexto de tensão social, para Rodrigues (2011, p.54) “Os discursos, ao se constituírem, trazem além de suas características específicas (seus sentidos, suas relações, suas filiações históricas), as suas temáticas, a partir da forma de articulação e de funcionamento do conjunto de objetos inscritos em seu interior”, ou seja, é dentro desse sentido de conflitos e pressão do discurso social no referente ao dito “anormalidade” que o discurso desse sujeito na posição de homossexual feminino será apresentado.

Objeto

O objeto desta pesquisa são os discursos de sujeitos homossexuais femininos, ou seja, como eles se representam para si e para os outros iguais a si e diferente de si mesmo. Tais sentidos constituem suas discursividades de si e sobre si considerando os espaços de circulação e condições de produção material de práticas discursivas.

Objetivo

O objetivo geral é analisar o discurso de mulheres na posição sujeito homossexual, já de forma específica a proposta é: como o sujeito se representa para si e para o outro na relação familiar e fora dela. Discursos que revelam tensão de sentidos tanto na família quanto fora dela em relação à orientação sexual; analisar se a opção pela orientação sexual gera algum tipo de conflito na relação dos sujeitos consigo mesmo, ou seja, a “opção” é uma construção do sujeito com ele mesmo ou não; analisar o funcionamento discursivo enquanto discursivo naquilo que ele possui de sentidos, deslocamentos, paráfrases e equívocos.

Metodologia

A concepção imediata de metodologia que se apresenta é com sentido de cronograma, ou, necessidade prévia de seleção e conhecimento do material a ser utilizado e a forma de aplicação do mesmo. Para Dubois (2004, p.412) a metodologia fornece um conjunto de processos de descobertas suscetíveis de ajuda ao linguista determinando regras de uma língua. Já para Rodrigues (2011, p. 41) a questão de método é apresentada com sentido mais amplo, o autor especifica que:

A palavra método deriva de forma geral para conjunto de regras, procedimentos, princípios ordenados com objetivos de distinguir, analisar, abordar determinados objetos com fins científicos e filosóficos, para dele abstrair propriedades, sistemas, regras, conceitos, valores, etc. [...]. É uma das contrapartes necessárias do conhecimento teórico, empírico e pragmático e do próprio pensar técnico, científico e filosófico. O próprio saber humano, constituído historicamente, foi e é possível porque a sua materialização e ritualização para apreender, pensar e refletir sobre os eventos mais cotidianos não se deram aleatoriamente, mas a partir de um conjunto de práticas que obedeciam a certas maneiras e formas de fazer e de saber.

O autor complementa que de forma geral é por meio do método que o analista aproxima-se das características próprias do objeto da pesquisa com possibilidades de fazê-lo “falar”.

Diante destas perspectivas, aplicou-se como embasamento metodológico à pesquisa a elaboração e aplicação de um questionário, com um total de 25 (vinte e cinco) questões abertas, e especificamente direcionado a homossexualidade feminina, com limite de 7 (sete) linhas para cada resposta e somou-se em um total de 9 (nove) páginas. A aplicação do questionário aconteceu nos dias 10 (dez); 12, (doze); 13 (treze) e 15 (quinze) do mês de julho do ano de 2012 (Dois Mil e Doze), nas dependências da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Unidade Universitária de Nova Andradina-MS. A partir das respostas/discursos se foi feitos recortes dos enunciados e agrupados em diferentes formas de discursos.

O discurso desses sujeitos apresenta-se dentro de um contexto de tensão social. Isto é, para Rodrigues (2011, p.54) “Os discursos, ao se constituírem, trazem além de suas características específicas (seus sentidos, suas relações, suas filiações históricas), as suas temáticas, a partir da

forma de articulação e de funcionamento do conjunto de objetos inscritos em seu interior”, ou seja, é dentro desse sentido de conflitos e pressão do discurso social no referente ao dito “anormalidade” que o discurso desse sujeito na posição de homossexual feminino será apresentado.

Justificando o Tema

O tema da pesquisa partiu de conversas da pesquisadora com amigos de orientação homossexual. Prevalendo o assunto, sobre reportagens televisivas ou que circulavam no momento através de outros meios de comunicação social. Essas reportagens expunham imagens com sentido preconceituoso e violento, com homossexuais sendo agredido, moral e fisicamente. O assunto por vezes adentrava a particularidade do espaço familiar desses amigos, onde apontavam o comportamento e atitudes, de certa forma, não adequadas, praticadas por familiares no referente à orientação sexual. Conversas estas que permitiram questionamentos e possibilidades de investigações, sugerindo, dessa forma o referido tema.

Estabelecer o *tema* para uma pesquisa, de certa forma, apresenta um sentido conflituoso, pois é por meio do tema que a pesquisa toma vida e torna-se existente. O conflito imediato está no questionar se o tema escolhido se apresenta com sentido que possa abranger de certa forma, o que a pesquisa pretende.

Triviños (1994, p.96), ao se referir ao tema especifica que:

A eleição do tema da pesquisa dificilmente será um indicador preciso da fundamentação teórica que orienta o pesquisador [...]. A delimitação do problema significa um encaminhamento, com maior clareza, da teoria que alimenta o esforço do pesquisador. Mas será na formulação do problema onde a concepção teórica do estudioso ficara mais claramente estabelecida. E não só ela, mas também os objetivos, as hipóteses e/ou questões de pesquisa e, fundamentalmente, os métodos e técnicas que se empregarão na análise e interpretações recolhidas.

A sexualidade em si é uma temática recente e, conseqüentemente, é de se esperar que os temas para apresentá-la estão - ainda - passando por adaptações e normatizações de sentidos. Isso se refere que ainda não há uma definição “oficial” que possa apresentar qualquer que seja a orientação sexual de um sujeito quer feminino ou masculino em relação a sua fisiologia ou

genitalha. Não há como definir satisfatoriamente o sentido de homossexualismos apresentado pelos termos homoerotismo ou homoafetividade, ou seja, esses termos por seus sentidos ainda não conseguem abordar o homossexualismo, mesmo que esse ainda seja marcado por sentidos de negatividade.

Existe, de certa forma, uma ressignificação e/ou uma reconstrução na busca de um sentido satisfatório para esses “ajustes” na forma de discurso. Pode-se apresentar como exemplos a essas “reconfigurações de sentido” direcionando o discurso para outro lado que não seja especificamente a sexualidade: não se faz mais sentido apresentar a palavra “favela”, pois a mesma foi substituída pela palavra “comunidade”, a palavra “lixeiro” por “gari”, a “empregada doméstica” por “secretária do lar”, a palavra “negro” por “afrodescendente ou afrobrasileiro”, a palavra “prostituta” por “profissional do sexo”, enfim, são inúmeras as palavras que estão se ajustando a um novo discurso, de certa forma, há uma reconstrução de sentidos quando se “muda” a forma de “nomear”.

O nomear no referente à escolha do tema da pesquisa, se deu pelo fato do mesmo apresentar um sentido maior diante das perspectivas da pesquisa, ou seja, o termo *homo* para Ferreira (2009, p.1054) (do grego *hom-*, *homo*, *homós*) referente a “homem” comum, em um todo, semelhante, igual. A junção deste “homo” com “afetividade”, que para o autor (1993, p.14) é qualidade ou caráter de afeto, ou “homo” com erotismo, (p. 216-340) que é amor lúbrico, lascivo, sensual, esses termos *homoafetividade* e/ou *homoerotismo*, não apresentam o sentido específico para as expectativas da pesquisa. Não se pretende analisar a relação afetiva e nem tão pouca erótica. A questão é um tema que aborde a constituição da orientação sexual de mulheres que por sua opção se relacionam de diversas formas com outras mulheres.

Diante desses paradigmas, acredita-se que a delimitação do problema na referida pesquisa se acentua ao acrescentar o termo “feminino” no fechamento do tema. Os termos homoeróticos e homoafetivo em circulação em diversas pesquisas é uma tentativa de ressignificar cujo objetivo é ter um nome que desloque os sentidos pejorativos e negativos de um grupo social, no entanto, acreditamos que seria mais apropriado o próprio grupo se enunciar em relação a nomenclatura, enquanto isso não se coloca de forma clara, a terminologia homossexualismo feminino apresenta um sentido que hoje “melhor” expressa o que se quer dizer por um grupo social de mulheres que constroem sua orientação sexual com outras mulheres.

Relatório de Campo/Aplicação do Questionário

A primeira necessidade em se tratando de uma pesquisa de campo e buscar os sujeitos que se disponibilizem para a proposta do trabalho, Triviños (1994, p.144) salienta que para amenizar essas dificuldades o pesquisador deve: “realizar uma série de atividades preliminares tendentes a esclarecer sua visão de cada um de seus possíveis informantes. Isto significa realizar contatos informais com a maior quantidade possível de pessoas que estão envolvidas no processo social que interesse”. Outro ponto apresentado pelo autor (p.141) é que o pesquisador deve definir com clareza sua função, e esclarece que o investigador é:

Uma pessoa que deseja conhecer aspectos da vida de outras pessoas. Estas, como todos os grupos humanos, tem seus próprios valores que podem ser muito diferentes dos valores dos pesquisadores. Eles possuem interesses, inimizades, setores sociais constituídos por amigos, familiares, etc., ou estão unidos pelos mesmos anseios.

Diante desses paradigmas o primeiro contato com as colaboradoras antecedeu-se no mês anterior a aplicação do questionário com o intuito de apresentar o propósito do trabalho que se pretendia elaborar junto a elas, ressaltando que a aproximação da pesquisadora com as colaboradoras foi abreviada com o auxílio de uma das convidadas, já conhecida da pesquisadora, e que não houve recusas, resistências e/ou desistências aos convites. A escolha do local para a aplicação do questionário foi de caráter metodológico, pois não havia (na época) nenhuma ligação acadêmica e/ou empregatícia, entre a instituição e as colaboradoras. Todas as participantes são/eram moradoras de Nova Andradina² e somou-se em um total de 12 (doze) mulheres, na faixa etária entre dezoito e cinquenta anos, com grau de instrução baseado em Ensino Superior.

²A região foi colonizada por Antônio Joaquim de Moura Andrade por volta de 1938. O município foi criado pela Lei nº 1.189, de 20 de dezembro de 1958. **Nova Andradina** é um município brasileiro da região Centro-Oeste, situado no Estado de Mato Grosso do Sul. Sétima maior cidade e nono maior PIB do Estado, é o principal centro urbano e econômico da região sudeste de Mato Grosso do Sul. Popularmente denominada de *Capital do Vale do Ivinhema*, e/ou *Cidade Sorriso*, a cidade tem como destaque principal a criação e abate de bovinos, o que também lhe rendeu o título de *capital do boi*, pela importância de ser um dos principais polos pecuários do Brasil. Fica a aproximadamente 300 km da Capital, com 46 mil habitantes, 2 hospitais, 7 instituições de Ensino de Nível Superior, 5 cursos Técnicos e 3 cursos Interativos. Na gestão 2013/2016 o prefeito Roberto Hashioka (PMDB).

Composto o grupo, o questionário foi elaborado juntamente ao professor orientador, com perguntas abertas voltadas para a homossexualidade feminina e sua relação com aqueles que possuem grau de parentesco com a mesma.

Vale ressaltar que a pesquisadora e colaboradoras estavam estabelecidas a 300 quilômetros de distância entre as mesmas, um dos motivos pelos quais a confirmação do local, dia e horário para a aplicação do questionário foram efetuados via telefone celular. Este fato não apresentou consequências negativas, pois já havia se estabelecido de certa forma uma confiabilidade entre as participantes e a pesquisadora, requisito esse que na concepção de Triviños (1994, p.149) é muito importante para uma pesquisa. O autor apresenta a importância da escolha do local e de se estabelecer horários e determinarem o tempo médio de duração para a efetuação dos trabalhos. Dessa forma o investigador pode planejar o seu tempo e demonstra, de certa forma, respeito pelas atividades das participantes e a importância das mesmas para as metas que se procura atingir, e o autor acrescenta que:

O investigador deve estar plenamente convencido da necessidade de desenvolver, [...] todos os elementos humanos que permitam um clima de simpatia, de confiança, de lealdade, de harmonia entre ele e o entrevistado [participante]. Isto é essencial para atingir a máxima profundidade no espírito do informante sobre o fenômeno que se estuda. Para conseguir isto, não existem regras que se devam seguir em detalhe. Porém, sem dúvida, são importantes as condições de personalidade do informante e a disposição do cientista para tratá-lo como ser humano, como pessoa. A modéstia, e não a arrogância contribui de maneira singela para que se estabeleça o ambiente que permite a mais ampla expressão de naturalidade, de espontaneidade. Nem tudo depende do investigador, mas sua ação, seu modo de comportar-se no grupo, suas atitudes etc. são decisivas para o êxito de seu empreendimento.

Dessa forma, a viagem para o início da aplicação dos trabalhos aconteceu na quinta-feira, dia 05/07/2012. Os contatos aconteceram (via telefone celular) na sexta-feira, onde se obteve sucesso em reservar o local (UEMS-NA) e horário. Por vários motivos (entre eles, a Fejuna³, o frio e chuva), o primeiro encontro aconteceu apenas na terça-feira, dia 10/07/2012. Os encontros

³ Fejuna é uma festa tradicional e típica de Nova Andradina, realizada pela Prefeitura Municipal, a mesma faz parte do calendário oficial dos eventos turísticos do Estado. A festa acontece sempre na primeira ou segunda semana do mês de julho, em 2013 está na 31ª edição, onde a principal atração é a queima da fogueira, que contará com aproximadamente 25 metros de altura, além de comidas, bebidas e danças típicas da região.

aconteceram em quatro etapas, cada etapa com um grupo diferente de colaboradoras. Estavam presentes no primeiro encontro quatro colaboradoras, chegaram juntas, no horário combinado, estavam tranquilas, risonhas e conversavam entre si enquanto respondiam ao questionário. Comentavam as questões e apontavam respostas umas para as outras. Levaram menos de duas horas para o término do trabalho.

O segundo encontro aconteceu na quinta-feira, dia 12/07/2012, no mesmo horário e local, com duas colaboradoras. Chegaram no horário marcado, ficaram silenciosas e tensas durante a efetuação dos trabalhos, houve momentos de indecisão sobre as respostas de algumas questões. Na sexta-feira, dia 13/07/2012, o encontro foi com duas colaboradoras que estavam ansiosas e questionavam sobre a escolha das perguntas ali expostas, quais os procedimentos e questionamentos utilizados para a escolha das questões e outras perguntas nesse sentido. As dúvidas das mesmas foram sanadas dentro das possibilidades daquele momento.

O último encontro aconteceu no domingo, dia 15/07/2012, aproximadamente às 14h00. (este aconteceu do lado externo aos portões da universidade), por ser domingo e horário de almoço, não havia portões abertos, porém era o único horário que as quatro colaboradoras tinham disponível (além de haver muito interesse por parte das mesmas em colaborar com a pesquisa). Todos os procedimentos sucederam-se igual aos outros encontros, houve muita descontração, risos, comentários e sugestões de respostas entre as mesmas.

Por se tratar de informações sigilosas ⁴, cada ficha foi acompanhada de envelope e os mesmos foram lacrados pelas próprias colaboradoras e abertos posteriormente pela pesquisadora juntamente ao professor orientador, nas dependências internas da UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande.

A análise dos dados coletados se dará atendendo aos questionamentos e objetivos da pesquisa a partir dos procedimentos metodológicos aderidos, disponibilizando para a mesma 87 (oitenta e sete) respostas/enunciados, divididos em 12 (doze) grupos discursivos. Poderá se ter

⁴O Conselho de Ética da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), no período referente à aplicação dos trabalhos voltados a referida pesquisa, encontrava-se em fase de implantação, desta forma, coube à pesquisadora e ao professor orientador, a responsabilidade de cumprir com todas as questões de ética com as pessoas colaboradoras.

acesso ao questionário, contendo 24 (vinte e quatro) perguntas, e 288 (duzentos, oitenta e oito) respostas/enunciados na íntegra, no tópico direcionado aos anexos.

Do Questionário

Pode-se definir questionário apenas como “série de questões e perguntas” (Ferreira, 1989, p.456), porém, as questões e as perguntas não são o único enfoque do analista e o questionário para o mesmo possui outros desafios. Um desses desafios pode-se abordar na concepção de Rodrigues (2011, p.18), que refere: “o questionário funcionará como um ‘provocador’ de discursividade, não importando, para o momento da análise, as perguntas elaboradas, mas sim os discursos que delas emergirão”.

O questionário ainda possui o “poder” de proporcionar a expectativa do “reencontro” do analista com seu material de análise. Há todo um ritual e/ou uma cumplicidade de/com/o “autor” e “coautor” (Orlandi, 2010, p. 74), já que o material de análise é/será elaborado por ambos. Esse, talvez, seja o ponto que proporciona um diferencial positivo na proposta metodológica de se utilizar da elaboração do questionário. Para Rodrigues (2011, p.19), essa cumplicidade citada acima não é aquém, e a mesma poderá ser utilizada como material de apoio, ou seja, aquele material que não possui registros e escrituras comprobatórias, mas que estão registrados na memória do analista, como: expressão facial e corporal, emocional e comportamental, todos esses gestos e/ou inquietude, as conversas, o silêncio ou a falta do mesmo que procederam ao antes e o durante a aplicação do questionário ficam impregnados na memória do analista e essas informações afetam positivamente a análise.

Dentro deste contexto o questionário foi elaborado apresentando algumas das perspectivas de Rodrigues (2011, p.33), ou seja, as questões foram apresentadas de forma que as respostas/discursos apresentassem um caráter discursivo, descritivo e aplicativo. Para isso, acrescentou-se no final das perguntas a expressão “comente, explique etc.” quando havia necessidade. A quantidade de perguntas apresenta como finalidade, impedir que o participante se esquivasse de compartilhar de algumas informações, pois entre uma e outra pergunta, não se define quais as de maior influência e importância para a pesquisa. O espaço referente a disponibilização de sete linhas para a resposta, tem o propósito de impedir que o participante

“fuja” a informação necessária, dispersando-se do assunto. A última pergunta/discurso apresenta-se como um espaço “livre”, onde o participante poderia, ainda, se expressar. A identificação dos participantes não se fez necessariamente um campo obrigatório, porém se o mesmo identificou-se, total ou parcialmente obteve garantido o sigilo nominal, como também obteve garantida a devolução do questionário, (com prazo determinado de três meses) ao participante, caso o mesmo desistisse de colaborar com a pesquisa.

Rodrigues (idem) ainda apresenta alguns dos pontos positivos do questionário, enfatizando que:

O questionário cria e favorece uma certa discursividade fluida, mesmo com alguns aspectos negativos, mas é a própria imposição do questionário enquanto objeto de pesquisa. Esse espaço de discursividade de uma forma ou de outra possui o seu próprio que se impõe de certa maneira ao analista. Nisto há uma representação positiva do questionário, quer pela autoridade reconhecida da pesquisa, quer pela representação da instituição e do pesquisador, ou ainda pelo fato do questionário abrir um espaço em que o sujeito pudesse expressar algo “caro” de si, se sua representação identitária que normalmente não se tem oportunidade de expressar.

Outro ponto positivo apresentado pelo autor é a exposição dessas informações em tabelas, as mesmas representam a descrição estatística da aplicação do questionário. Na concepção de Rodrigues (idem, p.34): “os dados tabelados se prestam para duas questões básicas: refletir sobre questões estruturais (quantidade de perguntas, o ritual de aplicação) e também sobre as próprias questões em duas instâncias: uma em suas especificidades e a outra enquanto conjunto de questões”.

A exposição de informações apresenta sentido de facilitador de acesso ao referido questionário, não se fazendo necessário o trabalho de análise/estatísticas das mesmas, porém os dados expostos (dessa forma) abreviam as idas e vindas do pesquisador às consultas/revisão do *corpus*.

a) Tabela 1

	Aplicado	Respondidos (as)	Não respondidos (as)	Respondidos (as) parcialmente
Questionário	012	012	000	000
Total de respostas do questionário	288	271	007	010

b) Tabela 2

	Identificados: nomes e outras informações	Não identificados	Identificados parcialmente
Questionário	011	000	001

c) Tabela 3

	18-20 anos	21-25 anos	26-30 anos	31-40 anos	41-45 anos	46-50 anos	Acima de 50 anos
Idade	002	005	002	000	001	002	000

d) Tabela 4

	Superior completo	Superior incompleto	Ensino Médio completo	Ensino Médio incompleto	Ensino Básico Completo	Ensino Básico incompleto
Grau de instrução	005	006	000	001	000	000

e)Tabela 5

Perguntas	Respondida	Respondida parcialmente	Não respondida
01. Quantas pessoas fazem parte do seu grupo familiar?	011	000	001
02. Qual o grau de parentesco do grupo familiar? Especifique cada um deles.	011	000	001
03. Em relação aos tipos de valores morais e religiosos da sua família, como é? Comente os casos.	011	001	000
04. Na sua família se comenta sobre homossexualismo masculino ou feminino? Se sim ou não comente	012	000	000
05. Há caso de homossexualismo na sua família? Se sim ou não comente.	011	000	001
06. De forma geral como a sua família vê o homossexualismo? Comente.	012	000	000
07. Quando você sentiu que gostava mais de menina do que de menino? Comente.	012	000	000
08. Quando você percebeu que sentia atração por meninas, como foi para você? Comente.	012	000	000
09. A sua família sabe ou desconfia de sua orientação sexual? Se sim ou não comente.	012	000	000
10. Caso a sua família saiba, como foi a reação na época e como é hoje? Comente.	011	000	001
11. Que tipo de atitude sua família tomou quando soube? Comente.	009	002	001
12. O que mudou na sua vida após seus familiares aceitarem ou não sua orientação sexual? Comente.	011	000	001

13. Em que parte da vida foi mais difícil para você? Na infância, na adolescência ou depois de adulta? Comente sobre cada uma delas.	012	000	000
14. Em relação aos seus amigos e amigas que sabem de sua orientação, como é o seu relacionamento com eles? Comente.	011	001	000
15. Há membros de sua família que possui amizades com outras pessoas de sua orientação sexual? Comente.	010	002	000
16. Você no momento atual possui parceira de relacionamento estável? Comente.	011	001	000
17. Você possui algum relacionamento heterossexual para disfarçar sua orientação perante sua família e perante a sociedade? Se sim ou não comente.	012	000	000
18. Você sofre algum preconceito no âmbito familiar? Se sim ou não comente.	011	001	000
19. Você sofre algum tipo de preconceito no trabalho e no grupo social? Se sim ou não comente.	011	001	000
20. Você recebe ajuda financeira de sua família? Se sim ou não responda: A) Sim. O tipo de ajuda financeira (quantitativa) tem alguma relação com a sua orientação sexual? Comente.	005	000	007
20. Você recebe ajuda financeira de sua família? B) Não. O tipo de ajuda financeira (quantitativa) tem alguma relação com a sua orientação sexual? Comente.	006	001	005
21. Quando você dependia financeiramente de sua família, o tipo de ajuda tinha alguma relação com sua orientação sexual? Se sim ou não comente.	010	002	000

22. O que você teria a dizer para uma jovem de sua orientação sexual quanto o relacionamento familiar.	012	000	000
23. Você acredita que Propagandas Governamentais ou de ONGs, podem contribuir para diminuir o preconceito sobre a homossexualidade feminina? Se sim ou não comente.	011	001	000
24. Caso você tenha alguma coisa a dizer sobre sua orientação sexual, utilize este espaço.	010	000	002

As tabelas em si, de imediato, proporcionam uma expectativa no referente à participação parcial e/ou total das colaboradoras, como pode se observar na tabela de número (2), a mesma apresenta que, das doze colaboradoras, apenas uma, identificou-se parcialmente, enquanto que as outras disponibilizaram de todas as informações solicitadas pelo questionário. Esse disponibilizar de dados pessoais implica de certa forma, sentido de confiabilidade no referente ao sigilo de dados conforme exposto no mesmo. Outro ponto é a faixa-etária das participantes exposta na tabela de número (3), a mesma apresenta que maior parte desses sujeitos colaboradores está entre 21 e 25 anos de idade. O grau de instrução das mesmas, exposto na tabela de número (4) é Ensino Superior e a tabela de número (5), apresenta que o número de questões que ficaram sem respostas e/ou foi respondido parcialmente, esse número não é relevante, pois se leva em consideração que por vezes a informação estava contida na resposta da questão anterior, e esses números estão expostos na tabela de número (1).

Capítulo I. Estado da Arte

Os “temas” (Rodrigues, 2011) homossexualismo, família e preconceito são debatidos em vários meios de comunicação e com base em diferentes métodos. Porém, a maior parte dos trabalhos não se direciona, especificamente ao sujeito homossexual feminino no convívio familiar, mas, possuem vínculo teórico parcial com o tema aqui, pesquisado.

Como se pode observar em Souza (2002), que em suas pesquisas busca uma avaliação da personalidade em mulheres homossexuais, e adentra a historicidade do homossexualismo feminino, suas transformações sociais e culturais, as leis formuladas, especificamente, para esse grupo social. Porém os equipamentos instrumentais e métodos utilizados pela pesquisadora não está relacionado à área da AD.

Pontes (2010) aponta questões sobre a maternidade homossexual e as reflexões sobre vínculos não biológicos e não legais com os filhos. Questões que atravessam famílias homo parentes, composta por duas mulheres e filhos, e refere-se ao preconceito social.

O tema da pesquisa de Mello (2006) é: *Familismo (Anti) homossexual e Regularização da Cidadania no Brasil*. O autor adentra as diferentes formas de famílias indefinidas e seus referenciais perante a sociedade, como família normal e família anormal (aquela que não esta composta por pai, mãe e filhos).

A pesquisa de Allochi (2010) com o título, *Psicologia Transpessoal Fenomenológica*, adentra o preconceito sofrido pelo homossexual dentro do lar. O autor define que este ato praticado pela família é apenas de imediato ao conhecimento da orientação sexual desse membro da família e que a aceitação não é demorada.

Uma fonte relevante é o trabalho de Rocha (2009): *Discurso sobre Identidade: Homossexualismo Feminino*. A pesquisadora trabalhou com a hipótese que é possível considerar que a identidade é construída discursivamente a partir das experiências dos sujeitos. Ou seja, buscou através do discurso a identidade ou identificação da posição sujeito homossexual feminina.

O percurso metodológico utilizado por Rocha identifica-se com o percurso metodológico da pesquisa aqui, em questão. A escolha de um grupo de mulheres na posição sujeito

homossexual feminino, a aproximação para uma breve conversa sobre a pretensão da pesquisa que se antecede a aplicação da coleta de dados, porém a pesquisa não se constitui direcionada ao convívio familiar.

1.1. Breve histórico da homossexualidade feminina

Como explorar a historicidade da espécie humana demarcando épocas? Esse intento torna-se mais distante das possibilidades de obtermos dados “reais” e “exatos” quando buscamos demarcações ao que se refere à sexualidade. Porém, muitos dos pesquisadores e/ou observadores da espécie humana utilizam como ponto de referência aquele que é considerado o “pai” ou o “criador” da psicanálise, Sigmund Freud. Como demarcador temporal utiliza-se o final do século XIX. Freud, estudioso da sexualidade humana presenteia à humanidade com a obra *Três Ensaios Sobre a Teoria Da Sexualidade*, e é desse ponto de partida que cientistas e pesquisadores buscam acompanhar as formas e as mudanças comportamentais e/ou biológicas do “homem” no referencial sexualidade.

Os conhecimentos teóricos, culminando com os adquiridos no convívio em sociedade apontam que a sexualidade não depende apenas do corpo físico, vai, além disso. A sexualidade é moldada (ou vai se moldando) por um conjunto de fatores que envolvem a crença, o comportamento, a ideologia, a imaginação, etc.. Podemos diagnosticar isto nas leituras de Louro (1997), e de muitos outros estudiosos da área, quando explicitam que as identidades são possuidoras de um caráter histórico, instável, plural e fragmentado. Essas características aplaudem tanto as identidades sociais como as identidades sexuais: Para Louro, (1997, p.27):

É evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente Inter – relacionadas; nossa linguagem e nossas praticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento – seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.

Ou seja, se a sexualidade vai se formando e se transformando no social e se esse social sofre mutações diante do espaço geográfico e temporal (essa mutação acompanha épocas e grupos sociais), pode-se introduzir a essa mesma época (século XIX) os estudos direcionados ao homossexualismo. Pois foi por volta do século XIX, que o conceito de homossexualidade rompe com a barreira do silêncio, podendo, porém, tomar como ponto referencial a Antiguidade Clássica na Grécia.

Fazemos parte de uma cultura em que, “mudar” e ou conviver com o que não faz parte do que se acredita ser o “certo” causa grandes transtornos, e quando se tem que “conviver” com o “diferente”, busca-se adjetivos que possam camuflar o real. Muitas das vezes “quem” profere ou se utiliza dos vocábulos voltados à sexualidade e suas formas, não estão muito cientes do que estão proferindo. A mulher na posição sujeito homossexual, muitas vezes é denominada de lésbica; Houaiss (2004, p.1745), expõe que: “aquela que é dada ao lesbianismo”, vem da palavra *Lesbos* (Latim), ilha grega da Antiguidade Clássica.

A história do lesbianismo não vem com datas definidas, porém muitos dos historiadores utilizam - se como demarcador geográfico a ilha de Lesbos e como demarcador temporal tomam como base os anos 630-560 a.C.. O lesbianismo anterior ao século XX, era visto por psicólogos como uma enfermidade e as mulheres que mostrasse um comportamento masculino era considerada como tal. A partir deste século as lutas pelas conquistas de igualdade minimizaram este conceito.

Tudo começa com Safo, uma poetisa grega que vivia na ilha de Lesbos, seus escritos eram platônicos e exaltava o amor sexual e emocional entre ela e outras mulheres. Suas poesias foram censuradas, porém alastraram-se séculos afora, dando ascendência ao marco lesbianismo, ao amor entre duas mulheres, ao homossexualismo feminino.

Safo casou-se com Andros, um rico comerciante e teve uma filha, à qual deu o nome de Cleis, mas viuviu muito cedo. Formou uma escola, onde ministrava a dança, a poesia e a música, direcionando suas instruções apenas as moças. Apaixonou-se por uma de suas discípulas, Atis, e tornaram-se amantes, a paixão de Atis por Safo não é duradoura. E a poetisa dedica versos à sua amada (Oliveira/brevesdesaude.com.br).

Acredita-se que o heterossexualismo talvez seja o ponto estratégico de toda essa demanda em volta dos estudos que envolvem a homossexualidade e em particular a homossexualidade feminina. Em nossa cultura o conceito de sexualidade “ainda” é predominante ao homem, por que a relação sexual é vista como uma relação genital, ou seja, é necessário para esse ato a presença dos órgãos genitais, em especial o órgão genital masculino, ou seja, o “pênis”. Dentro desses conceitos o homossexualismo feminino não poderá vir a ser liberto, pois se assim o fizerem, os padrões culturais que dá poder ao heterossexualismo poderá perder sua legitimidade. A invisibilidade feminina existe (ainda) e a luta para que essa “nuvem” que às acoberta desapareça tornou-se infinda e constante. Porém, já é raridade nos deparamos com aquela mulher “passiva” e “insegura”, que dedica totalmente seu “tempo” ao lar e aos filhos. Sem a pretensão de deixar de lado o que a deveria adjectivar de “sexo frágil”, ou seja, uma mulher companheira, cuidadora dos filhos e do lar que busca não dividir ou extrair “algo” do sexo oposto (o homem), mas somar objetivos, ocupar sua posição de sujeito livre, que “discute”, que participa etc.

A mulher buscou e permanece reivindicando, conquistando (paulatinamente) uma “nova” identidade perante o “outro”. Se a mulher em sua historicidade necessitou (a) (trans) formar o pensar de uma sociedade dada como hetero, pode-se imaginar quais árduas lutas e dificuldades que a mesma terá/tem que “encarar” para expor-se como homossexual. Tornar-se visível, respeitada com sua autoestima dentro dos parâmetros necessários ao bem estar de todo ser humano (não deixando de enfatizar que toda mulher tem seu “jeitinho” especial de se “produzir” de/para conquistar a si própria e ao outro) é algo (ainda) a se conquistar. A não aceitação ou a falta de liberdade que a mesma sofre em expor ou expressar sua orientação sexual em ambientes “abertos” (inclusive dentro do lar) é algo que “pode” afetar a autoestima dessa mulher. Muitas vezes levando-a a seguir “normas” ditas como “certas” engavetando dessa forma, seus sentimentos.

Foucault (1988) defende que a sexualidade deve ser vista como um dispositivo histórico e que suas concepções são mutáveis, e estão sempre em construção e é esse dispositivo histórico que determina qual comportamento voltado para a sexualidade será observado como um comportamento (a) normal ou (in) aceitável. Segundo Foucault (1988, p.100)

Não se deve concebê-la [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a por em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco

a pouco, desvendar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a realidade subterrânea que se apreende com dificuldades, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder.

Quando a sexualidade está voltada para o homossexualismo é ou se tem preferência que a mesma se mantenha invisível, pois isso é imprescindível para que a sexualidade heterossexual mantenha seu patamar definido como legítimo correto e aprovado. Dentro destas qualificações cabe perfeitamente à família “padrão”, como se pode observar na sequência.

1.2. Breve histórico da constituição familiar/Conceito de família

A família passou e seguirá seu percurso com grandes e significantes mudanças, transformações, acomodações ou qualquer outro significado que se possa utilizar para adjetivar/justificar o que se passa com/na mesma, porém “ainda” assim será/é reconhecida como a maior e mais respeitada “instituição” do/no país.

Como delimitar datas ou períodos do surgimento da espécie humana? Como estabelecer períodos exatos quanto ao surgimento da origem da família? É sem sombra de dúvidas uma longa viagem retrospectiva, porém muitos cientistas e pesquisadores buscam (cada vez em épocas mais distante) essa tão fascinante história do surgimento e das formas de sobrevivência que se utilizou os primeiros homens sobre a terra.

Morgan (Levis Henry Morgan 1877) dedicou-se aos estudos voltados para a antropologia e para a etnologia. Enfatizou em suas pesquisas os iroqueses; pontuou que, através das experiências vividas com esse povo que (o escritor) buscava material para sua reflexão sobre a cultura e a sociedade em um todo. E é destas reflexões que Morgan lança seu trabalho *Ancient Society* (A Sociedade Antiga, 1877) e é baseado nestas leituras e pesquisas que Frederich Engels trabalha o que diz respeito à origem da família.

A obra de Engels é datada de 1884 e leva o título *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, a mesma se apresenta em três épocas: Estado Selvagem, Barbárie e Civilização e estão simultaneamente divididas em fases.

A primeira Época e/ou Estado Selvagem, dividiu-se em: a) Fase Inferior: os "homens" permaneciam nos bosques tropicais, viviam em árvores, alimentavam-se de sementes, raízes e nozes. Nesse período o grande progresso é a formação da linguagem articulada. Esses são fatos baseados na admissão que o homem tem procedências do reino animal, pois não há testemunho direto dessa fase. b) Fase Média: O homem já conhece o fogo e já o emprega no preparo do alimento, que agora se pode acrescentar a mesma (a alimentação) o peixe e/ou os animais aquáticos, isso deu a eles (ao homem primitivo), certa liberdade no referencial clima e localidade, pois seguiam o curso dos rios espalhando-se em "quase" todas as regiões. Iniciam a fabricação de instrumentos em pedras (os paleolíticos) e armamentos (a clava e a lança). c) Fase Superior: a fase do arco e da flecha (armas que seriam futuramente substituídas pela espada de ferro e a arma de fogo, a decisiva), a caça tornou-se uma ocupação rotineira, já desenvolviam faculdades mentais para confecção de trabalhos manuais como, sua própria "casa" e alguns utensílios domésticos confeccionado em madeira e cortiça.

A segunda época, a Barbárie, que se divide em: a) fase Inferior: a grande descoberta, a cerâmica, e é nessa fase que esses povos sentem a diferença de condições naturais de sobrevivência entre os dois continentes. O traço que determina o período da barbárie é, segundo Engels, (1884 - p.02)

A domesticação e a criação de animais e o cultivo de plantas. Pois bem: o continente oriental, o chamado mundo antigo, tinha quase todos os animais domesticáveis e todos os cereais próprios para o cultivo, exceto um; o continente ocidental, a América, só tinha um mamífero domesticável, a lhama, - e, mesmo assim, apenas uma parte do sul - e um só dos cereais cultiváveis, mas o melhor, o milho. Em virtude dessas condições naturais diferentes, a partir desse momento a população de cada hemisfério se desenvolve de maneira particular, e os sinais nas linhas de fronteiras entre as várias fases são diferentes em cada um dos dois casos.

b) a fase Superior iniciou-se com a fundição de minério de ferro, é a fase da civilização, da escrita alfabética para empregar em registros literários, esse início se dá "primeiramente" no hemisfério Oriental e a ela pertencem: os gregos da época heroica, as tribos, ítalos de pouco antes da fundação de Roma, os germanos de Tácito, os normandos do tempo dos Vikings.

Engels (idem, p.03) resume esses três períodos como:

Estado Selvagem – Período em que predomina a apropriação de produtos da natureza, prontos para ser utilizados; as produções artificiais do homem são, sobretudo, destinadas a facilitar essa apropriação. *Barbárie* - Período em que aparecem a criação de gado e a agricultura, e se aprende a incrementar a produção da natureza por meio do trabalho humano. *Civilização* – Período em que o homem continua aprendendo a elaborar os produtos naturais, período da indústria propriamente dita e da arte.

Essas épocas apresentam sentidos importantes na trajetória histórica da humanidade e no referente ao conceito de formação e estrutura da família.

1.3. A Família

Engels (1884, p.04) explica essa classificação de família utilizando o exemplo familiar de Morgan:

Morgan, que passou a maior parte de sua vida entre os iroqueses - ainda hoje estabelecidos em Nova York – e foi adotado por uma de suas tribos (a dos senecas), encontrou um sistema de consanguinidade, vigente entre eles, que entrava em contradição com seus reais vínculos de família. Reinava ali aquela, espécie de matrimônio facilmente dissolúvel por ambas as partes, que Morgan chamava “família sindiásmica”. A descendência de semelhante casal era patente e reconhecida por todos; nenhuma dúvida podia surgir quanto às pessoas a quem se aplicavam os nomes de pai, mãe, filho, filha, irmão ou irmã. Mas, o uso atual desses nomes constitui uma contradição. O iroquês não somente chama filhos e filhas aos seus próprios, mas, ainda, aos de seus irmãos, os quais, por sua vez, o chamam pai. Os filhos de suas irmãs; pelo contrário, ele os trata como sobrinhos e sobrinhas, e é chamado de tio por eles. Inversamente, a iroquesa chama filhos e filhas os de suas irmãs, da mesma forma que os próprios, e aqueles, como estes, chamam-na mãe. Mas chamam sobrinhos e sobrinhas os filhos de seus irmãos, os quais a chamam de tia. Do mesmo modo, os filhos de irmãos tratam-se, entre si, de irmãos e irmãs, e o mesmo fazem os filhos de irmãs. Os filhos de uma mulher e os de seu irmão chamam-se reciprocamente primos e primas. E não são simples nomes, mas a expressão das ideias que se tem do próximo e do distante, do igual ou do desigual no parentesco consanguíneo, ideias que servem de base a um sistema de parentesco inteiramente elaborado e capaz de expressar muitas centenas de diferentes relações de parentesco de um único indivíduo.

Essa fase e essa exposição da importância das formas de parentesco consanguíneo apresenta sentido de reflexão das formas as quais se utiliza nos dias atuais. Engels (idem) enfatiza que:

“A família”, diz Morgan, “é o elemento ativo; nunca permanece estacionada, mas passa de uma forma inferior a uma forma superior, à medida que a sociedade evolui de um grau mais baixo para outro mais elevado. Os sistemas de parentesco, pelo contrário, são

passivos só depois de longos intervalos, registram os progressos feitos pela família, e não sofrem uma modificação radical senão quando a família já se modificou radicalmente”.

1 – A primeira “versão” de família que apresenta o autor e a “família primitiva”, aquela, onde, pais, irmãos, irmãs, primos e primas em primeiro e/ou segundo graus eram todos maridos e mulheres entre si. Essa é a família consanguínea que desapareceu.

2 – A família punaluana: Nessa fase na organização da família excluem-se os pais e filhos das relações sexuais recíprocas e a exclusão dos irmãos.

3 – A família sindiásmica: É a fase do regime de matrimônio por grupos, já se formava a união por pares, de duração longa. Onde o homem tinha uma esposa principal (entre muitas outras) e a esposa um esposo principal (entre muitos outros). Os missionários viam esse tipo de matrimônio como um “adultério arbitrário”.

4 – A família monogâmica: É uma época em que a mulher “perde” a parceria que tinha com seu (s) companheiro (s). A monogamia é imposta apenas para ela, pois para o homem ficam em aberto suas vontades e realizações sexuais. Esse homem pode ter outros filhos com outras mulheres, porém é de direito “herdeiro” apenas os filhos que o mesmo terá com a esposa legítima.

Engels (1884 p.18) esclarece o que realmente significou (a) para a mulher (principalmente) o que trouxe e o que ficou da monogamia ou do matrimônio dentro desse contexto:

A monogamia não aparece na história, portanto, absolutamente, como uma reconciliação entre o homem e a mulher e menos ainda, como a forma mais elevada do matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob a forma de escravidão de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, na pré-história. Num velho manuscrito inédito, redigido em 1846 por Marx e por mim, (Engels) encontro a seguinte frase: “A primeira divisão do trabalho é a que fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos”. Hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem estar e o desenvolvimento de uns se verificam a custa da dor e da repressão de outros.

Durante todo esse percurso percorrido para compreender a formação dessa família, pode-se também observar que a sociedade cresceu e se modificou ou se edificou economicamente, é nesse momento que o Estado assume as “rédeas” da situação, contornando e adequando as leis e a economia que não mais pode ser administrada “apenas” por seus possuidores. Não se conclui ou finaliza uma pesquisa e/ou estudo voltado para a humanidade, este é apenas a forma que o autor utiliza para expor as palavras de Morgan: (MORGAN, apud, ENGELS, 1884, p.64):

Para concluir, vejamos agora o julgamento da civilização por Morgan: “Desde o advento da civilização, chegou a ser tão grande o aumento da riqueza, assumindo formas, tão variadas, de aplicação tão extensa, e tão habilmente administrada no interesse dos seus possuidores, que ela, a riqueza, transformou-se numa força incontrolável, oposta ao povo. A inteligência humana vê-se impotente e desnorteada diante de sua própria criação. Contudo, chegará um tempo em que a razão humana será suficientemente forte para dominar a riqueza e fixar as relações do Estado com a propriedade que ele protege e os limites aos direitos dos proprietários. Os interesses da sociedade são absolutamente superiores aos interesses individuais, e entre uns e outros devem estabelecer-se uma relação justa e harmoniosa”.

Dentro desses paradigmas, surgem possibilidades de observar que a sexualidade, (retomando a homossexualidade) caminhou e acompanhou as transformações sociais, econômicas e culturais. Na época atual são raros os lares que apresentam “aquela” instituição social tão conhecida e tão padronizada que é/era a família tradicional, formada pelo pai, pela mãe e um filho (o mais velho) e pela filha (a caçulinha). O homossexualismo seria como uma avalanche para essas concepções de sexualidade e de família, ambas consideradas perfeitas e sem desvios. Tudo que não condiz com essa “camuflagem” estrutural de família, causa estranhamento.

1.4. Mídia e Ficção

Homossexualismo, o assunto vem sendo apresentado com sentido de polêmica pela sociedade, que busca informações e passa adiante todo e qualquer conhecimento obtido, seja por experiências vividas e/ou presenciadas (na vida real e/ou fictícia), por qualquer meio de comunicação acessível, através da televisão, do rádio, do jornal, de revistas, de filmes, de livros, de teatros, de passeatas ou de encontros direcionados ao tema.

O meio de comunicação social ou mídia utiliza-se de formas variáveis para transmitir a sociedade o que se advém da/na mesma. Apresentam informações fictícias e/ou informações do cotidiano daqueles que sentem na pele essa realidade; informações apresentadas como na reportagem de Coura (2011, p.169-170), com o título: *A família encolheu*, a autora diz que a família encolheu e mudou de formato. Que os lares brasileiros, menores, tem estrutura bem mais diversa do que a clássica, pai, mãe e filhos. Na reportagem Coura utiliza-se de dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), onde apresenta pontos como: que a média de moradores por casa é três, que 39% das famílias são chefiadas por mulheres, que em 8% dos lares há filhos apenas de um dos cônjuges, que uma média de sete milhões de imóveis ou 12% do total são ocupados apenas por uma pessoa, que 36% dos casais estão vivendo em um casamento informal. A atenção se acentua no sentido de que pela primeira vez no Censo de 2010, o IBGE inclui a pergunta para os entrevistados sobre sua orientação sexual. Em sessenta mil (60.000) casas, foi-se declarado que ali vivia um casal de homossexual. Esse número representa 0.1% do total de domicílios do país. Essa informação de dados sobre as famílias formadas por um casal homossexual e o fato de a informação ser colhida pelo IBGE, apresenta o sentido de que o país está se libertando para o respeito e caminhando em sentido ao fim do preconceito.

A informação colhida pelo IBGE pode-se culminar com os exemplos que o mundo fictício oferece, e, assim, repensar sobre as atitudes adotadas por parte das famílias na realidade do dia a dia do sujeito na posição de homossexual feminino. Como exemplo de ficção as telenovelas, Serpa (2003, pp.40-49) traz na capa da revista *Criativa* a manchete: “Beijaço! Paula Picarelli ousou viver uma lésbica apaixonada na novela. Agora está pronta para o beijo na TV.” Junto a essa manchete de capa, acompanha uma foto da atriz insinuando um beijo na boca diante do espelho, onde refletida a atriz toca seus próprios lábios. A jornalista usa o tema para a entrevista que vem dentro da revista intitulada *Ligações perigosas*. No decorrer da reportagem com a atriz, citam-se vários pares de atrizes e seus papéis na ficção como homossexuais femininas. Cada uma das telenovelas citadas na reportagem utilizou-se de seus personagens para levar a tona um problema social, político e/ou religioso, e no decorrer de cada capítulo aponta uma problemática e um horizonte para a solução (sugestão) do problema apresentado.

A atriz Paula Picarelli na época da novela contava com seus vinte e cinco anos e revela ter sentido um frio na barriga ao ousar viver uma homossexual na TV. Sentia temor que o público

rejeitasse, mas estava pronta para o beijo histórico. A atriz diz ter ouvido (durante o tempo que a novela estava no ar), muitas brincadeiras do tipo: "larga essa menina e fica comigo". O par romântico era formado por Paula, que vivia Rafaela e pela atriz Aline Moraes que vivia Clara, o medo das atrizes era de que o final das personagens fosse à morte. A novela levava como tema de *Mulheres Apaixonadas*, o próprio tema já o é de uma nitidez admirável. Em 1988, a mesma emissora de televisão, Rede Globo, colocou no ar, através da novela *Vale Tudo* (outro tema transparente). A união entre o casal formado pelas atrizes Lala Deheinzelin e Cristina Prochaska, em que a intenção da trama era discutir a partilha de bens entre casais homossexuais, a trama acabou em viúves. Já em 1998 em *Torre de Babel*, as atrizes Silvia Pfeifer e Christiane Torloni, que encenavam outro casal de homossexuais, não tiveram muito êxito e o final do casal aconteceu bem antes ao final da trama.

A revista aproveitou o ensejo da reportagem e culminou com alguns depoimentos colhidos perante alguns famosos. Buscam-se um efeito de sentido, a partir dos títulos escolhidos para a fala e/ou depoimento desses famosos, como se observa nos exemplos a seguir: Laura Finocchiano, cantora, contempla a atitude do escritor como uma *Atitude de efeito*, e diz acreditar no amor entre pessoas e de canja deixa um trecho de sua música Link, "Oi. o amor é a ciência, forma, conteúdo, o amor é tudo". Já a cantora e escritora Vange Leonel, que se coloca na posição de sujeito homossexual, usa o título *show de bola* e diz: "não é fácil levar um romance homossexual a milhões de telespectadores sem cair no chavão preconceituoso ou na caricatura grosseira". O título, *Forcinha para a causa* é de Lala Deheinzelin que é produtora cultural e viveu uma personagem homossexual como citado anteriormente. A atriz Silvia Pfeifer, já citada acima diz: "Quando pessoas que são marginalizadas pela sociedade aparecem felizes na tevê, incomoda muito".

Até esse ponto a revista apresenta o lado fictício e a opinião de pessoas famosas no referente ao tema homossexual feminino, porém a mesma buscou através de suas leitoras, uma reportagem/entrevista com algumas mulheres nessa posição sujeito, as quais relatam seus "desejos de mulher" e suas experiências, apresentando a manchete "nossas leitoras contam como foi sentir atração por outra mulher e quais loucuras fizeram em nome desse desejo".

A intenção de expor relatos desses sujeitos na posição de leitoras ou de pessoas comuns sugere despertar nas famílias reflexão no que se refere a seus filhos na posição de sujeito homossexual feminino. Ressaltando que as entrevistas/depoimentos da revista totalizam em nove, porém em apenas três delas o relacionamento foi satisfatório e o casal permaneceu junto, as outras seis mulheres relatam que voltaram a se relacionar com homens.

Depoimento da primeira leitora (selecionado pela pesquisadora) que se identifica como Crica e é carioca. O depoimento da mesma leva o tema *A vencedora* nunca fui pudica, mas a ideia de ficar com uma mulher não me fazia a cabeça. Até que um dia, aquela moça de vinte anos, lembrava a Gabriela de Jorge Amado. Seus seios pareciam dois frutos prontos para serem devorados. Tudo isso me passou pela cabeça e o que eu queria era beijá-la. Epa! Mas sou mulher, como posso pensar assim? [...] Passei noites sem dormir, sem entender o que acontecia comigo. Eu tinha um belo namorado, uma boa formação e não tirava a tal menina da cabeça. [...] Vivemos as mais incríveis formas de amor. [...] Hoje, sou muito feliz com meu namorado e não sinto atração por outras mulheres.

O tema do segundo relato é *Aconteceu na noite de Natal* (selecionado pela pesquisadora). Tatiane Escobar é de Manaus e relata que: “Até os trinta e cinco anos sempre tive relacionamentos com homens. Mas descobri que o meu noivo havia me traído com outro homem. [...] Em setembro de 2000, reencontrei uma amiga, Sabrina, já separada e mãe de um menino de nove anos. [...] depois de algum tempo, acabamos juntas na cama, nunca pude imaginar tal situação. Nosso relacionamento de quatro meses terminou porque Sabrina começou a sofrer por causa do filho. [...] Comecei a frequentar boates GLS e conheci Marta. Namoramos um ano e oito meses. Simplesmente não me interessou mais por homens”.

Apresentado por meio de ficção e/ou cotidianos, os relacionamentos homossexuais apresentam sentidos (ainda) de serem interrompidos e/ou de não obterem sucesso, sentido real de histórias afetivo/amorosos desses sujeitos na posição de homossexual feminino e esse insucesso aponta como referente à pressão do discurso hetero social.

Capítulo II. Suporte Teórico

“O que se pode apreender do percurso de Michel Pêcheux na elaboração da Análise de Discurso é que ele propôs uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-dito. Ele exerceu com sofisticação e esmero a arte de refletir nos entremeios”.

Orlandi (2002, p.7)

A Análise de Discurso se deu origem nos anos 60, pela necessidade de se estudar a linguagem do homem, através de fatores sociais, históricos e políticos, com suas condições de produção. Segundo Orlandi (1999, p.20), no seu surgimento, a Análise de Discurso tornou-se herdeira de três áreas do conhecimento, a Psicanálise, a Linguística e o Marxismo, trabalhando a noção de discurso, que não se reduz ao objeto da Linguística, não absorve a teoria Marxista e nem corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Está ligada ao campo da comunicação, e o sujeito para se significar submete-se ao discurso. Essa interlocução acontece através de palavras simples que já chegam até nós, carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram, e que, no entanto significam em nós e para nós. A formação do discurso é que forma o sujeito, aquilo que é dito que pode e o que não pode, promove a realidade.

Para Orlandi, (2010, p.21), discurso é ritual da palavra. Discurso é: “movimento dos sentidos, essência dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incertezas, de trajetões, de ancoragem e de vestígios”. Todas essas indeterminações desse sujeito com a linguagem acabaram por se encontrar e se determinarem entre si culminando com a historicidade dos mesmos. Nem todos esses sujeitos estão aptos a captar essa determinação é como se ela já estivesse lá, sempre pronta. Porém, a autora especifica que é designado para esta tarefa, “de interpretar essa determinação entre a linguagem e o sujeito”, um corpo social ao qual fazem parte tais como: juízes, professores, padres, advogados, etc.

As relações dos sentidos é um dos fatores que constitui os discursos. Um discurso não está só, não é único, mas possui uma ligação com outros discursos, inclusive para discursos futuros, ou seja, (Orlandi, 2010, p.39): “Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há desse modo, começo absoluto, nem ponto final para o

discurso”. Esse discurso ao ser “produzido de um modo ou de outro” é experimentado por seu “produtor”, antes de seu receptor/interlocutor.

Segundo Orlandi (idem, p.39) é nesse “experimental” ou nesse “ouvir” sua própria argumentação por antecipação, que entra a relação de forças:

Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis, etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno.

É nesses paradigmas que o sujeito utiliza-se das regras de projeção, ou seja, esse sujeito passa da situação de ”como está inscrito na sociedade” (empírica) para posicionar-se como “sujeitos no discurso”.

Porém todos esses mecanismos são mecanismos imaginários e envolvem a língua (que é a matéria) e a formação social (que é institucional), que produz imagens desse sujeito. Dessa forma Orlandi (idem p.40), expõe que:

A imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?), mas também do sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É, pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras. E se fazemos intervir a antecipação, este jogo fica ainda mais complexo, pois incluirá: a imagem que o locutor faz da imagem que seu locutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante.

No discurso não há apenas palavras, há sentidos, significação, historicidade e há o posicionamento do sujeito quanto à produção do mesmo.

A reflexão de Pêcheux (2002, p.50) é que o discurso seja visto como estrutura e acontecimento. O conceito do autor sobre acontecimento é como um fato novo, no contexto de atualidade no espaço de memória. Não da memória individual, mas no sentido de memória mística, da memória social inscrita em práticas, da memória construída do historiador. Ou seja, a

memória discursiva restabelece os pré-construídos, elementos citados e relatados. Esses novos dispositivos para a Análise de Discurso é uma forma de conhecimento sobre a língua, o discurso e a ideologia. Para Pêcheux (1997, p.60) é a ideologia que fornece as evidências do “o que é” e o “que deve ser”, isso às vezes por meio de desvios. Ou seja, o sujeito evidencia ou não sua ideologia depende a forma de como emprega o seu discurso, essa formação do discurso é que determina o sujeito.

Dentro deste contexto está o conceito sobre a ideologia apresentado por Orlandi (2010 p.44), quando apresenta que: “as formas discursivas representam no discurso, formações ideológicas” e essa ideologia não está nas palavras, mas na materialização do discurso, no seu efeito de sentido.

E em se tratando de Formação Discursiva na Análise de Discurso, a autora apresenta que a mesma: “permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso”. Ou seja, o analista deve observar as condições, sócio histórico, em que o referido discurso foi produzido, para que possa compreender o seu funcionamento.

Para Orlandi (2010, p.44), as palavras iguais “podem” trazer sentidos diferentes e cabe ao mesmo: “remeter o dizer a uma formação discursiva, (e não outra) para compreender o sentido do que ali está dito”.

Outro fator importantíssimo para a Análise de Discurso é a metáfora, ou a “transferência” de sentidos de uma palavra.

Segundo Pêcheux (1975, p.162), o sentido é sempre uma palavra, uma expressão, ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metáfora), que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido. O sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório.

Ou seja, é dentro deste contexto que se encontram também o “já dito” e “esquecido”, ou a sustentação da memória (aquele que você utiliza e acredita estar utilizando pela primeira vez, sem o ser). Aquele dizer “presente” (do momento) que sustenta a memória (o já dito, ausente). É o interdiscurso determinando o intradiscurso.

Também faz parte deste contexto o “silêncio”, que é uma forma do “não-dito” (mas, presente), esse silêncio é apresentado por Orlandi (2010, p.83) por etapas: o silêncio fundador que é o:

Silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro. Mas, há outras formas de silêncio que atravessam as palavras, que “falam” por elas, que as calam. Desse modo distinguimos o silêncio fundador (que, como dissemos, faz com que o dizer signifique) e o silenciamento ou política do silêncio que, por sua vez, se dividem em: silêncio constitutivo, pois uma palavra apaga outras palavras (para dizer é preciso não-dizer: se digo, "sem medo" não digo "com coragem") e o silêncio local, que é a censura, aquilo que é proibido dizer: numa ditadura não se diz a palavra ditadura não porque não se saiba mas porque não se pode dizê-lo.

Ou seja, é de total responsabilidade do analista “captar” o que realmente deveria/caberia “dizer”, porém não o fez, trocando as palavras pelo silêncio, cabe ao analista identificar as palavras cabíveis a aquele “ato” de silenciar. Para todo esse processo, se fará necessário que o analista utilize-se da teoria e do método oferecido pela Análise de Discurso, o que levará a diferentes indicadores, como apresenta Orlandi (2010, p.84).

Uma posição pragmática, uma posição enunciativa e uma posição discursiva. Não é do mesmo não dizer que estamos falando em cada uma dessas teorias. E a maneira de analisar o não dito, em cada uma delas, difere e dá como resultado conclusões diferentes, com consequências diferentes a respeito de nossa compreensão dos sentidos e dos sujeitos em sua relação com o simbólico, com a ideologia, com o inconsciente.

Não podemos deixar de enfatizar que na concepção da autora o discurso “é efeito de sentidos entre locutores”, e que o “silêncio” é/faz parte desse efeito de sentidos. Em outras palavras, silenciar não é calar, o silêncio fala.

Sob essas formulações, algumas categorias de análise auxiliam a entender melhor o discurso e o que se pretende evidenciar nele, como: identidade, ideologia e problematização. O

comprometimento com o sentido e com o político não nos permite uma interpretação. Sobre a interpretação. Vejamos Orlandi (2010, p.25) diz que é:

Nessa conjuntura, toda leitura precisa de um artefato teórico para que se efetue: Althusser escreve sobre a leitura de Marx, Lacan propõe uma leitura de Freud que é um aprofundamento na filiação da Psicanálise, Barthes considera a leitura como escritura, Foucault propõe a sua arqueologia. A leitura mostra-se como não transparente, articulando-se em dispositivos teóricos.

A linguagem concebida e observada pela Análise de Discurso é que fornece respaldos para que esse sujeito sintáctico se alicerçado em sua produção existencial humana, ou seja, a AD trabalha com a língua do mundo, aquela que forma e transforma.

Para Orlandi (2010, p.50) o sujeito acredita ser “dono” de seu discurso e que esse discurso é inédito e único. Isso não é verdadeiro e ao mesmo tempo o é, pois esse homem (sujeito) é: “um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso, pode tudo dizer contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento”. É um ponto que fixa a ideia de que a linguagem pode e deve ser observada culminando com a exterioridade desse sujeito que a utiliza. Por esses fins é que o observador: (Orlandi, 2010, p.16) “articula de modo particular conhecimentos do campo das Ciências Sociais e do Domínio da Linguística”. É aí que entra a reflexão sobre a epistemologia, da psicologia, da filosofia do conhecimento empírico. Só é de uma gigantesca ingenuidade, acreditar nas possibilidades de se observar/estudar a história e a sociedade separadas do discurso.

Para Althusser (1985, p. 98) a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos, porém os indivíduos sempre já sujeitos, e exemplifica com o ritual do nascimento de uma criança ou a forma de ideologia forte e estruturada que lhe confere antecede seu nascimento “ele terá o nome de seu pai, terá, portanto uma identidade, e será insubstituível. Antes de nascer a criança é, portanto sujeito, determinada a sê-lo através de e na configuração ideológica familiar específica, na qual ele é esperado após ter sido concebido”.

O sujeito discutido em Althusser, já contará com uma língua específica e a mesma já virá carregada de valores. Ressaltando que tudo o que acontece na linguagem é inconsciente, em

nenhum momento esse “sujeito falante”, separa na memória as palavras que irá utilizar em momentos específicos. Essa “escolha” é automática e inconsciente, eles, os sentidos e os sujeitos: “se constituem em processos em que há transferências, jogos simbólicos do quais não temos o controle e nos quais o equívoco, o trabalho da ideologia e do inconsciente, estão largamente presentes”.

Isso significa que na concepção do autor, existem “uma pluralidade contraditória de filiações históricas”, que uma mesma palavra possui outros significados e que a mesma: “depende da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva”.

Para Orlandi (2010, p.60) cabe ao olhar/ouvido do analista essa identificação, desse sujeito e dessa relação que o mesmo possui com sua memória. A autora considera que o analista deve focar dois pontos da análise:

- a) Em um primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte do objeto da análise, isto é, o sujeito que fala, interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise;
- b) Em um segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação. Por isso é necessário introduzir-se um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entre meio da descrição com a interpretação.

Ou seja, na concepção de Orlandi (idem, p. 61), para que o analista atinja o ponto alvo da análise na fase interpretativa é preciso que ele:

Atravesse o efeito da transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito. Esse dispositivo vai assim investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, no equivoco, na falha e na materialidade. No trabalho da ideologia.

Todo esse processo interpretativo ocorrerá mantendo as “evidências” e mantendo-se dentro dessa/na história e dessa/na língua. Orlandi (2010, p.61) enfatiza que para que uma análise sustente o efeito desejado se faz necessário que:

O analista produz seu dispositivo teórico de forma a não ser vítima desses efeitos, dessas ilusões, mas a tirar proveito delas. E o faz pela mediação teórica. Para que, no funcionamento do discurso, na produção dos efeitos, ele não reflita apenas no sentido do reflexo, da imagem, da ideologia, mas reflita no sentido do pensar. Isto significa colocar em suspenso a interpretação. Contemplar. Que na sua origem grega, tem a ver com deus, com o momento em que o herói a pensa. Contempla antes da luta: ele encara sua tarefa. Ele pensa. Em nosso caso, trata-se da teoria, no sentido de que não há análise sem a mediação teórica permanente, em todos os passos da análise, trabalhando a intermitência entre descrição e interpretação que constituem ambas, o processo de compreensão do analista. É assim que o analista de discurso “encara” a linguagem.

Em se tratando do “*corpus*” na concepção de Orlandi (2010, p.62), poderá se distinguir como “experimental” ou de “arquivo”, a forma/natureza que se constitui a linguagem desse *corpus* poderá ser: imagem, som, letra, etc., e não se deve em momento algum pretender o esgotamento dessa análise, pois, segundo a autora se é sabedor que em: “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se pode recortar e analisar estados diferentes”.

Para isso o analista contara com a grande ajuda da teoria, pois é ela que irá: “reger a relação do analista com seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação”. (idem, p. 64)

O resultado/resposta se dará em diferentes formas, isso dependerá da “forma” de como “ele”, o analista, manuseou seus recortes e de como efetuou suas leituras e de quais são seus objetivos analíticos diante de seu “objeto de observação”, esse mesmo “objeto” que poderá ser observado de vários ângulos pelo mesmo analista ou por muitos outros.

De início o material coletado para análise dá-se o nome de “superfície linguística”. A partir do momento que o analista o averigua superficialmente (ou a primeira leitura com olhar científico) o mesmo “objeto” ocupará uma posição de discurso e passa a ser “reconhecido” como “objeto discursivo”. A este procedimento reconhece-se como de-superficializado ou materialização linguística.

No “movimento de compreensão”, podemos estar fora do alcance dos efeitos que podem afetar “linguística e ideologicamente”, tanto o sujeito/falante quanto o analista, para Orlandi (2010 p.67).

Nosso ponto de partida é o de que a análise de discurso visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos. A transformação da superfície linguística em um objeto discursivo é o primeiro passo para essa compreensão. Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho.

Observar é a parte primordial de análise, observar com o olhar científico, o de não crer ou de não se dizer satisfeito com a primeira resposta/hipótese, a construção, estruturação, de circulação, os gestos de leitura e tudo o que possa identificar sentido, todo e qualquer vestígio devem ser usufruído pelo analista, para que o mesmo tenha êxito sobre as questões ao/no processo discursivo.

Como se sabe a língua é um sistema sujeito a falhas e a ideologia é constitutiva do/no “sujeito” e da/na produção de sentidos e estão sempre ligadas, percorrem o mesmo caminho, juntas, acompanhando e adaptando-se ao sujeito e sua historicidade. E parafraseando Orlandi, o discurso é lugar de descoberta, e é esse lugar que o pesquisador e/ou analista do discurso deve percorrer em busca de prováveis evidências que possam suprir as expectativas da pesquisa.

Capítulo III. Análise dos dados

“O que temos como produto da análise, é a compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições”.

Orlandi (2010, p.72)

Diante de um processo discursivo amplo, inesgotável, aberto para diversos estados de análise, selecionou-se os enunciados (PÊCHEUX, 2002) abaixo, os quais abordam a discursividade (idem) de mulheres, na posição sujeito, (ORLANDI, 1999) e no que se refere à homossexualidade e ao termo família. E ao referencial de conceito ou preconceito que circula entre os mesmos em seus cotidianos, quais os discursos utilizados pelos mesmos para demonstrar seus medos e anseios, suas necessidades de compartilharem de um ambiente familiar sem conflitos.

Os discursos serão classificados apenas por uma questão metodológica, e não poderia ser diferente, já que para Orlandi (1999, p.10). “Todo discurso, fica incompleto, sem início absoluto nem ponto final definido”.

Diante desta incompletude do discurso mencionado pela autora, considera-se de fundamental importância a forma de leitura e de manuseio do objeto observado pelo analista. O apoio da teoria, o delinear de limites, os recortes dos enunciados, as idas e vindas constantes ao *corpus*, a teoria e a análise, percurso incansável em busca de evidências da significação, da história, da posição que ocupam esses sujeitos. Estes são pontos estratégicos utilizados para atingir os objetivos da análise.

Vejamos as análises dos enunciados, selecionados e agrupados em formas discursivas:

3.1. Discurso: A tensa descoberta

O primeiro grupo social ao qual o sujeito constitui confiabilidade é a família. As primeiras conversas sobre sexualidade acontecem ou deveriam acontecer junto ao grupo familiar, despertando assim, nos filhos, tranquilidade e segurança ao descobrirem-se sexualmente. De

acordo com Maio (apud Moura, 2011, p.27) é que a criança até os dez anos de idade já deve saber tudo sobre sexualidade e deve haver uma abertura para que dúvidas sejam sanadas sem mentiras e repressão e acrescenta que:

A autonomia de escolhas vem de uma parceria de intimidade, de diálogo e confiança. E os pais são as pessoas mais próximas para trazer esses valores [...] Mostrar a adequação, os valores familiares, a não discriminação sexual das pessoas, a não homofobia é um caminho que tem levado pais e mães a passarem por essa fase com mais segurança.

Vejamos os recortes selecionados:

(78) “Na minha adolescência, foi um momento de “n~ [não] entendimento” dos fatos, n~ [não] aceitação.” (qhf. f.06, p.03, q.07),⁵,

(79) “Desde criança eu já tinha um preferência diferente dos meus amigos, mas não entendia, eu me achava estranha por sentir diferente dos outros (rasura).” (qhf. f.07, p.03, q.07);

(84) “Aos 18 anos, foi difícil porque me preocupei como seria a reação da família.” (qhf. f.012, p.03, q.07);

(93) “Foi tranquilo pois achava que era algo encantador, como eu era muito pequena eu achava e sentia que era somente amizade, ou seja amor de amiga e mesmo quando eu percebi que me sentia atraída e tive medo da reação dos meus pais. “ (qhf. f.09, p.03, q.08);

(95) “Quando me envolvia com meninos mas me sentia atraída por meninas.” (qhf. f.011, p.03, q.08).

O enunciado (78) remete a observar a utilização das palavras (Pêcheux, 1997) “n~ [não] entendimento”, “n~ [não] aceitação”, transferindo o sentido de negar, considerando que essas negações se apresentam de modo abreviado (n~, todos os “não” se apresentam de forma abreviada), é como se o enunciador não o quisesse utilizar, este “não” sugere estar ali por imposição social e não por espontaneidade do mesmo.

A rasura também possui seu sentido, neste caso, do enunciado (79) o enunciador demonstra ter maiores informações, mas decide (talvez) não se expor, reescrevendo seu discurso.

Nos recortes do enunciado (79) “tinha uma preferência diferente”, “não entendia”, “me achava estranha”, e nos enunciados (84), “me preocupei como seria a reação da família”, e (93)

⁵ Identificando os enunciados: qhf = questionário homossexualismo feminino, f. 0 = ficha número, p.0 = página número, q.0 = questão número. = (qhf, f.0, p.0, q.0)

“tive medo da reação dos meus pais”, esses enunciados apresentam sentidos de que há uma predominância do discurso social dado de certa forma como hetero, preconceituoso e opressor. O estranhamento por sentir-se diferente, o medo, apresentado por Houaiss (2004, p.1879) como estado afetivo suscitado pela consciência do perigo e para Ferreira (p.357) é “sentimento de viva inquietação ante a noção de perigo real ou imaginário, de ameaça; pavor; temor”, esses sentidos geram conflitos nessa forma sujeito, na posição de homossexual feminino. A pressão do discurso social no momento de descoberta se apresenta para esse sujeito com uma realidade diferente da tradicional, daquela que está na memória social, perante suas famílias e perante os grupos sociais aos quais os enunciadores pertencem; apresenta-se com sentidos de cobrança, de questionamentos.

Dentro deste contexto os enunciados apresentam sentidos que se identificam entre si. Utilizando-se de paráfrases o discurso desses sujeitos na posição de homossexual feminino “foge” ao discurso da sociedade que é constituído dentro de um sentido de heterossexualismo. Há uma memória discursiva negativa sobre o homossexualismo feminino e de positivo perante o discurso de sujeitos hetero.

Na reflexão de Pêcheux (1999, p.51-56), abordando o papel da memória, expõe que a mesma:

Deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da memória ‘individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída do historiador. [...] Sob o ‘mesmo’ da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva... Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase [...]. É necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos.

Nos recortes do enunciado (93), as palavras, “tranquilo” e “algo encantador” remetem a sentidos de contentamento nesse sujeito descobrindo-se sexualmente. Em Ferreira (1989, p.542), tranquilo é “reinar a calma, o equilíbrio, que se efetua ou decorre de modo regular, estável e seguro”. E encantador (idem, p.205) é “lançar encantamento ou magia sobre, cativar, deliciar, maravilhar-se, extasiar-se [...]”. Observa-se que essas palavras possuem um sentido de deleite na descoberta sexual desse sujeito, observa-se também neste enunciado (93) “me sentia atraída” e no

enunciado (95) “me sentia atraída”, paráfrases, com sentido principal de atração, de sentir-se com desejos biológicos e/ou sexuais pelo outro, para Ferreira (p.54), é “inclinação natural”. Esse trajeto encantador da descoberta sexual desses sujeitos é afetado pela pressão do discurso social sobre o homossexualismo feminino.

O enunciado (95) “me envolvia com meninos”, a hipótese é que esse enunciatador na posição de sujeito homossexual feminino para ser reconhecida perante a sociedade e a família, como um sujeito de comportamento dentro das “normas” estabelecidas pela sociedade, ou por não reconhecer o que se passava em si, vai de encontro a um relacionamento heterossexual, deixando de lado o que se apresenta para esse sujeito com sentido do desconhecido, despertando medo e intranquilidade.

Em se tratando de confiabilidade e encontrando na família, muitas vezes, o silenciamento, e levando em consideração o fato desse sujeito estar em idade escolar, subentende-se que a posição sujeito “espera” obter informações e conhecimento sobre sexualidade na segunda instituição, à qual ele frequenta com assiduidade e deposita um grau elevado de confiabilidade, a escola. Porém, na concepção de Louro (2010, P. 131), mais uma vez essa não supre as expectativas desse sujeito, pois:

Há aqueles/as que negam que a educação sexual seja uma missão da escola, com o fundamento de que nela estão implicadas escolhas morais e religiosas e que ela cabe primordialmente às famílias. A pressão desses grupos vai na direção do silenciamento, possivelmente supondo que se não se tocar nessas questões elas não “entrarão” na escola. Uma suposição que se revela impossível. As questões referentes à sexualidade *estão*, queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão de fato nas salas de aula, assumidas ou não, nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes.

A autora (idem, p. 140), enfatiza que, ainda que se “fale” sobre sexualidade em algumas escolas, a temática é totalmente voltada para a prevenção de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, como por exemplo, a AIDS.

Por fim é importante referir de que hoje em dia as práticas de orientação ou educação sexual (escolares ou não) estão, muito frequentemente, relacionadas à prevenção da AIDS. Não há dúvidas de que informações sobre a prevenção desta e de outras doenças precisam, necessariamente, ser divulgadas e integrar as atividades educativas. No entanto, temos que prestar atenção se o cuidado com a manutenção da saúde não está sendo feito

de modo a rodear o exercício da sexualidade de uma aura de perigos e de doenças. Particularmente no caso da AIDS é importante notar, ainda, o quanto vem se associando a enfermidade a determinadas práticas sexuais, em especial à prática homossexual, e observar os efeitos dessas associações.

No processo sócio histórico e político, um tanto desconhecido, a posição sujeito homossexual feminino, de certa forma, percebem-se não preparados para administrar e/ou compreender os sentidos que se apresentam para os mesmos de diferentes formas. Sentidos esses que acontecem em decorrência do silenciamento e/ou do discurso negativo oferecido por ambas às instituições (família e escola) às quais esses sujeitos depositam confiabilidade e expectativas.

3.2. Discurso: O confronto de formações discursivas

Todo sujeito, de certa forma, busca ser visto, aceito e respeitado pelo outro, trabalha para realizar-se, sobressair-se para que o reconheçam no social. Quando essa forma sujeito na posição de homossexual feminino percebe-se diferente e correndo riscos de não ser admirável e/ou reconhecido como “normal” perante seu grupo social, surge o confronto, a pressão do discurso social que subverte o discurso. Nesse sentido há dois discursos, diferentes formações discursivas disputando sentidos: a) o de hetero histórico aceito como, único e verdadeiro, b) o de homossexual feminino, aquele que quer resignificar-se de negativo para positivo.

(86) “Nossa, foi muito estranho, quando eu percebi que gostava de menina me sentia a pior pessoa do mundo, eu mesma sentia preconceito de mim mesma mas depois fui me acostumando e me aceitando.” (qhf. f.02, p.03, q.08);

(87) “Foi estranho mas achei divertido mas depois de um tempo eu me rejeitei mas hoje já estou bem melhor.” (qhf. f.03, p.03, q.08);

(88) “De inicio bem difícil e frustrante, mais difícil ainda em pensar como minha família reagiria, Porém não tentei me forçar agir contra meu desejo.” (qhf. f.04, p.03, q.08);

(90) “foi muito difícil entender c/o [como] seria possível observar as meninas, n~ [não] aceitava aquela situação, sofria muito.” (qhf. f.06, p.03, q.08);

(91) “Eu tive um longo período de aceitação, porquê não era muito comum na minha época de adolescente, tive muitos confrontos comigo mesma por me achar diferente. E não conhecia o homossexualismo, então para mim era o cúmulo sentir atração por outras meninas.” (qhf. f.07, p.03, q.08);

(92) “Foi difícil porque me via como uma pessoa diferente, algo que não era “normal” perante a sociedade, até porque não tinha coragem de me abrir com os meus pais.” (qhf. f.08, p.03, q.08);

(94) “Aterrorizante, eu me sentia em pecado, fazendo algo ilícito, mas com a terapia tudo se resolveu.” (qh. f.010, p.03, q.08);

(100) “Minha família toda sabe, até porque minha “cara” não esconde muito minha opção sexual.” (qhf. f.04, p.03, q.09).

O discurso de confronto, disputa de sentidos que para Ferreira (1989, p.138) é “comparar, fazer face mutuamente, confrontar-se”, é uma luta pelos sentidos positivos desses sujeitos na posição de homossexual feminino, contra os sentidos sociais negativos sobre homossexualismo feminino, porém direcionado as leis comportamentais (entre tantas outras) definidas pela sociedade. Observa-se esse sentido nos recortes dos enunciados (86) “Nossa, foi muito estranho, quando eu percebi que gostava de meninas”, e (91) “tive muitos confrontos comigo mesma por me achar diferente, [...] era o cumulo sentir atração por outras meninas”, o enunciador (86) utiliza em seu discurso a palavra ‘nossa’, a mesma sugere sentido de exclamação, de intensificação no discurso desse sujeito, o enunciador (91) toma a palavra ‘confrontos’, que apresenta o sentido de luta desse sujeito com o seu eu biológico, que se apresenta em si e por si.

Os discursos se inscrevem em redes de memória em relação à orientação sexual. Identificam-se como parafrásticos no que se refere ao enunciado (90) “Foi muito difícil entender c/o [como] seria possível observar as meninas”. Esses recortes enunciativos entram em contradição com os sentidos sobre sexualidade ditos como “normais” pela sociedade, a posição sujeito homossexual feminino torna-se conhecedora desses sentidos, o que sugere que o mesmo apresente um estranhamento por sua orientação sexual, não estar inserida dentro desses parâmetros sociais de “normalidade”. Observa-se esse estranhamento nos enunciados (92), “Foi difícil porque me via como uma pessoa diferente”, (88) “De inicio bem difícil e frustrante”, e (94) “aterrorizante”. As palavras ‘frustrante’ no enunciado (88) sugere apresentar os sentidos sociais sobre sexualidade que vão contra as expectativas no que se refere à orientação sexual do enunciador, e ‘aterrorizante’ no enunciado (94) possibilita pensar o sujeito na posição de homossexual feminino, avaliando o momento que se descobre sexualmente, seu nível de medo é excessivo, pavoroso. Esses sentidos se constituem na materialidade discursiva pelo fato dos mesmos serem constituídos de um discurso social considerado negativo.

Nos enunciados, (86) “me sentia a pior pessoa do mundo [...] sentia preconceito de mim mesma”, (87) “Depois de um tempo eu me rejeitei”, (90) “não aceitava aquela situação”, (92) “algo que não era “normal” perante a sociedade”, e (94) “eu me sentia em pecado, fazendo algo

ilícito”. Os enunciados apresentam palavras variadas e diferentes sentidos, porém os sentidos dos discursos identificam-se entre si.

Nos enunciados (88) “mais difícil ainda em pensar como minha família reagiria”, e (92) “não tinha coragem de me abrir com meus pais”, para não apresentarem a palavra ‘medo’, utilizaram-se de paráfrase, ou seja, o enunciado (88) apresenta sentido de medo da reação dos pais e representa esse medo, com as palavras, ‘mais difícil ainda’. No enunciado (92) a palavra medo é representada por, ‘não tinha coragem’. Na concepção de Orlandi (2010, p.36) esse processo, parafrásticos, mantém estabilizado o sentido da mensagem, é o dizível, a memória.

A forma sujeito na posição de homossexual feminino expõem sentidos que remete a medo, que segundo o Doutor Varella (site do autor), medo é: “uma reação obtida do contato com algum estímulo físico ou mental (interpretação, imaginação, crença) que gera uma resposta de alerta no organismo”. E Varella adverte para as possibilidades desse medo provocar depressão e pânico. Os enunciados (86) e (87), remetem ao complemento apresentado por Varella:

Em matéria de comportamento, o resultado do impacto da experiência pessoal sobre os eventos genéticos, embora seja mais complexo e imprevisível, é regido por interações semelhantes. No caso da sexualidade, para voltar ao tema, uma mulher com desejo sexual por outras pode muito bem se casar e até ser fiel a um homem, mas jamais deixará de se interessar por mulheres. [...] Teoricamente, cada um de nós tem discernimento para escolher o comportamento pessoal mais adequado socialmente, mas não há quem consiga esconder de si próprio suas preferências sexuais. Até onde a memória alcança, sempre existiram maiorias de mulheres e homens heterossexuais e uma minoria de homossexuais. O espectro da sexualidade humana é amplo e de alta complexidade, no entanto; vai dos heterossexuais empedernidos aos que não tem o mínimo interesse pelo sexo oposto. Entre os dois extremos, em gradações variadas entre a hetero e a homossexualidade, oscilam os menos ortodoxos. Como o presente não nos faz crer que essa ordem natural vá se modificar, por que é tão difícil aceitarmos a riqueza da biodiversidade sexual de nossa espécie? Por que insistirmos no preconceito contra um fato biológico inerente à condição humana? Em contraposição ao comportamento adotado em sociedade, a sexualidade humana não é questão de opção individual, como muitos gostariam que fosse ela simplesmente se impõe a cada um de nós, Simplesmente, é!

No enunciado (94) há um jogo, efeitos de sentido com as palavras “pecado” que é o temor a Deus e/ou não agir de acordo com as Leis religiosas. A Bíblia diz em I João 3, 4: “Todo aquele que vive habitualmente no pecado também vive na rebeldia, pois o pecado é rebeldia”, e com a palavra, “ilícito”, que segundo Ferreira (1989, p.293) é, “o não lícito, proibido pela lei,

contrário a moral e/ou ao direito”. Ou seja, é dentro dessa perspectiva que esse sujeito na posição de homossexual feminino se apresenta para si mesmo, com temor as Leis religiosas e sociais.

Ressalta-se que esses sujeitos apresentam em seus discursos etapas de uma turbulenta trajetória, passando por descobertas, lutas, revoltas para que em contraposição ao sentido de “normalidade social”, obtivesse direitos para viver e ocupar o espaço adquirido. Os enunciados (86) “mas depois fui me acostumando e me aceitando”, (88) “não tentei me forçar, agir contra os meus desejos”, (91) “eu tive um longo período de aceitação”. Os referidos enunciados apresentam sentidos de que a forma sujeito na posição de homossexual feminino necessita de tempo para aceitar e viver sua orientação sexual, e que este foi um dos critérios aderido pelos mesmos. O enunciador (91) justifica esse período de aceitação, enunciando que: “não era muito comum na minha época de adolescente [...]. não conhecia o homossexualismo”. Para Louro (1997, p.139) essas instituições (família e escola) que nega e/ou omite conhecer essas informações, sobre sexualidade se apresenta com sentido de proteção para os jovens, a autora acrescenta que:

Assim quando alguém afirma – em geral altivamente – que não sabe nada sobre homossexualidade, na maior parte das vezes pretende dizer que essa é uma questão que não lhe diz respeito, que não lhe toca. No entanto, a ignorância sobre a homossexualidade é, seguramente, uma ignorância sobre a sexualidade (e, portanto, é *também* uma ignorância sobre a heterossexualidade). O que esta suposto nessa altiva ignorância é a ideia de que a sexualidade é uma questão do âmbito privado, sem “consequência publica”.

Sem as informações necessárias para compreender o sentido que se apresenta em si, esse jovem necessita de tempo para reconhecer sua orientação sexual. O enunciado (100) “minha cara não esconde muito minha opção sexual”, e (94) “com a terapia tudo se resolveu”. O enunciador (94) utilizou-se de ajuda profissional e o sujeito enunciador (100), apresenta a palavra ‘cara’, a hipótese e que se refere ao sentido de estranhamento, de sentir-se diferente. O enunciado (87) “Foi estranho, mas achei divertido”, o enunciador apresenta o momento de descoberta com sentido de aceitação sem conflitos e divertido. Divertido na concepção de Ferreira (1989, p.191) é, “que diverte ou gosta de divertir”, ou seja, divertido apresenta sentido de prazer, de viver algo bom.

Retomando o dizer (94), onde o mesmo buscou a ciência como ajuda, ressalta-se que o CFP (Conselho Federal de Psicologia) na Resolução nº 001/99, de 22 de março de 1999, deixa estabelecido que o psicólogo sendo um profissional da saúde, e este interpelado profissionalmente,

por questões voltadas a sexualidade, tendo em vista que a mesma faz parte da identidade dos sujeitos, considerando que a homossexualidade não constitui doença, distúrbio e/ou perversão e que há uma inquietação social no referente às praticas sexuais que se desviam das normas estabelecidas, sócio culturalmente, estabelece que:

Art. 1º- Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a aprovação e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2º- Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles comportamentos ou práticas homoeróticas.

Dentro destas perspectivas jurídicas, caberiam todos os dizeres deste grupo discursivo, onde em enunciados que se subtraem em um parágrafo, esses sujeitos na posição de homossexual feminino apresentam sua linha do tempo, trajetórias conflituosas, de descobertas de (não) aceitação, de busca por informação e conhecimento no referente à sua orientação sexual.

3.3. Discurso: (1) Negação e (2) ocultamento da/na e para com a família.

O artigo *Sequestro da Linguagem*, de Monteiro (2011), expõe reflexões sobre grandes sistemas estruturais de nosso país (entre eles a escola, a família e a igreja), a concepção de Monteiro apresenta bem essa prática discursiva de negar e/ou de ocultar a realidade, quando diz que:

A lacuna entre o símbolo e o entendimento costuma ser preenchida pela ideologia e pelos diversos sistemas de poder. Grandes pensadores como Foucault, e tantos outros, chamaram a atenção para a ordem do discurso, a ação controlada por coordenar o sentido que as palavras devem ter na busca da manutenção do sistema. Pensemos em algumas dessas grandes estruturas do nosso país. O sistema educacional, contando histórias que nem sempre se sustentam, ou simplesmente se omitindo (misteriosamente) ante a dramática demanda de um país que hoje sofre pela carência de conhecimento e preparação. A família, tentando sustentar-se com suas histórias sobre amor, sinceridade, fidelidade e união, inserida num cotidiano cada vez mais marcado pelo que não se fala (ou pelo que se fala parcialmente) ao interior dela. As religiões, tentando acompanhar o ritmo dos acontecimentos e da evolução, ocasionalmente perdendo-se entre as incoerências de suas instituições, e por vezes calando-se sobre temas que clamam esclarecimentos. [...] Outras organizações optam pela sedução de uma linguagem que declara a importância e prioridade do ser humano, o bom clima, os valores universais, quando a realidade entre suas paredes mostra algo bem diferente ao declarado [...].

3.3. 1. Negação

(31) “Mãe evangélica agora respeita mas não aceita.” (qhf. f.07, p.02, q.03);

(39) “Não, eles foge do assunto neste momento” (qhf. f.03, p.02, q.04);

(40) “Sim, principalmente pela minha mãe. Porém não é comentado com respeito. Apenas com aceita, garantido por mim com o tempo, é passado desde minha condição em ser homossexual”. (qhf. f.04, p.02, q.04);

(43) “Comenta-se a respeito dos outros” (qhf. f.07, p.02, q.04);

(97) “Desconfia. Ainda não me senti preparada para falar (rasura) pros meus pais.” (qhf. f. 01, p.03, q.09);

(61) “Completamente maquiado, mesmo desconfiando de mim, agem como se isso não fosse comigo.” (qhf. f.01, p.03, q.06);

O discurso (3) e em ambos os itens (3.3.1) e (3.3.2) apresentam essa complexidade mencionada por Monteiro. No enunciado (31) “agora respeita, mas não aceita”, na concepção de Ferreira (1989, p. 477) respeitar é acatar, honrar, considerar, e aceitar (idem, p.6) é consentir em receber algo, ter como bom ou certo e/ou concordar, ou seja, o dizer (31) se constitui em relação ao respeito de sua família. Independe de essa posição sujeito estar condizente ou não com a orientação sexual do mesmo. E toma-se a palavra ‘agora’ no sentido que o tempo foi um colaborador para essa conquista. O enunciado (40) “aceita, garantido por mim, com o tempo”, esse enunciador apresenta essa conquista de aceitação, sugerindo sentido de estabelecer respeito de outro, e tempo como componentes importantes para obter o respeito de seus familiares.

O diálogo ou a ausência do mesmo apresenta um sentido importante, considerando o enunciado (39) “eles foge [m] do assunto”, e (43) “comenta-se a respeito dos outros”, dialogar sobre algo e/ou qualquer assunto, é opinar, é posicionar-se a respeito do mesmo, o enunciador (39) apresenta a palavra ‘foge’, apontando desta forma à ausência de diálogo com seus familiares no que se refere à orientação sexual do mesmo. No dizer (43) o diálogo sobre homossexualidade entre seus familiares e uma questão em pauta, porém a orientação sexual não é mencionada e/ou inserida ao assunto. O dizer (40) “não é comentado com respeito”, apresenta nas distintas formulações a relação entre a posição sujeito e família reclama sentidos de deboche e/ou desrespeito ao dirigirem o assunto ao sujeito na posição de homossexual feminino.

Em (61) “mesmo desconfiando de mim, agem como se isso não fosse comigo” e o enunciado (97) “Desconfia. Ainda não me senti preparada para falar”, as famílias (61) e (97)

supõem a homossexualidade, mas predomina o silêncio. O dizer (97) ao utilizar as palavras “não preparada”, que é oposto de pronto, seguro e confiante, esse sujeito na posição de homossexual feminino apresenta a hipótese de não encontrar perante a família um sentido de confiabilidade e/ou espaço para um diálogo aberto, sem medos e repressões, a hipótese pode se aplicar ao enunciador (61) por apresentar no início de seu enunciado as palavras, “completamente maquiado” e finaliza com “agem como se isso não fosse comigo”, apresentando sentido de silenciamento no referente a orientação sexual desse sujeito na posição de homossexual feminino por seus familiares e pelo mesmo. Na concepção de Louro (2010, p.133) a sexualidade é uma área onde, fora do científico, sempre se buscou cautela para abranger o assunto, além disso, a autora acrescenta que:

Para muitos adultos, esses sempre foram temas que se conversavam em voz baixa, com reservas e com poucas pessoas. O silêncio, o segredo e a discrição eram os comportamentos adequados no trato com a sexualidade. Em voz alta, alardeadas ou proclamadas sem censura, tais questões ganhavam o caráter de gozação, deboche, malícia ou grosseria. Essas representações não são alheias a vários/as responsáveis pela elaboração e efetivação das práticas de educação sexual.

Diante deste contexto, observa-se que esses discursos marcam sentidos de negar, que para Ferreira (1989, p.380) é “não admitir a existência, não reconhecer como verdadeiro, recusar e recusar-se”, ou seja, no silenciamento e/ou no discurso camuflado/maquiado há pistas com sentido de negação no referente à orientação sexual desses sujeitos na posição de homossexual feminino.

3.3. 2. Ocultamento

(49) “4 primos, porém (rasuras) novos de mais para se assumir.” (qhf. f.01, p.02, q.05);

(51) “Sim minha sobrinha e prima mas não são assumida” (qhf. f.03, p.02, q.05);

(52) “Sim, tenho um primo assumido, porém ele é adotado. Outro que esconde da família e se mantém no “ao meio” e uma prima que também não se assume.” (qhf. f.04. p.02, q.05);

(57) “(rasuras) Creio que não, o único caso sou eu por enquanto.” (qhf. f.09, p.02, q.05);

Os recortes dos enunciados (49) “4 primos”, (51) “sobrinha e prima” e (52) “primo e prima”, inscrevem os sujeitos na posição de homossexual, com proximidade de parentesco. A

sequência desses enunciados apresentam sentidos de um discurso de ocultar a orientação sexual desses sujeitos na posição de homossexual. Em (49) ”novos demais para se assumirem”, (51) “não são assumida”, (52) “esconde da família [...] não se assume”. Esses enunciados se apresentam com sentidos que implicam no ocultar, que para Ferreira (1989, p.389) é “encobrir, esconder, esconder-se, não revelar”, ou seja, a orientação sexual desses sujeitos permanece oculta, encoberta pelo silêncio perante seus familiares. Dentro desse contexto apresenta-se o sentido desse sujeito na posição de homossexual não estar seguro, confiante para aderir uma “luta” contra os discursos opressores da família e da sociedade. A hipótese é que, esses sujeitos, acreditem na possibilidade de ser mais fácil para todos, substituindo o dialogar pelo silenciar, porém, o silêncio nem sempre é indicador de concordância, podendo apresentar sentidos que o sujeito não deseja revelar.

No enunciado (52) “tenho um primo assumido, porém ele é adotado”, este enunciador ao apresentar esse sujeito (o primo) como “não legítimo” da/na família, demonstra haver uma facilidade maior para o mesmo revelar sua orientação sexual para seus familiares, já que não há neste caso a ligação consanguínea.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, subseção IV (Da Adoção) Artigo 41, consagra que: “A adoção atribui a condição de filho ao adotado, com os mesmos direitos e deveres, inclusive sucessórios, desligando-o de qualquer vínculo com pais e parentes, salvo os impedimentos matrimoniais”. A palavra “porém”, no discurso, sugere uma justificativa para seu discurso anterior. Na concepção de Almeida (2012, p. 303), “porém”, faz parte das conjunções adversativas, e: “Expressam oposição, contraste ou ressalva em relação ao fato anterior. São introduzidas por, mas, porém, todavia, contudo, entretanto...”.

O enunciado (57) “(rasura). Creio que não, o único caso sou eu por enquanto”, a rasura no enunciado remete a Pêcheux (1975) que diz sobre gestos que intervêm no real do sentido, ou seja, a rasura tem um efeito na formulação. Esta entre o dizer e o não dizer/se resignificar. Apresenta sentido de ocultamento, pois a resposta rasurada (no início do enunciado) apresenta sentido de resposta positiva. A escrita dá preferência ao não comprometimento de expor a real situação, reescrevendo seu discurso. E toma-se da palavra ‘por enquanto’ remete o enunciado a paráfrase dos enunciados acima, ou seja, apresenta no final do enunciado uma releitura do

discurso rasurado e reescrito, considerando que a rasura não impossibilita que a leitura seja efetuada.

Os referidos enunciados apresentam sentidos de que as famílias encontram dificuldades e/ou tabus para introduzir e debater temas que envolvem homossexualidade, fato esse que pode ser apresentado como um referencial para o provável adiamento desses sujeitos na posição de homossexuais revelarem sua orientação sexual.

3.4. Discurso: O confronto com a família.

A família, pequeno grupo social que de certa forma compartilham do mesmo espaço, dos mesmos valores e concepções cada um dentro de sua singularidade. Sentidos que não isola a existência de uma hierarquia histórica familiar, onde na família dita como "normal", o "sustento" da mesma é de responsabilidade do genitor (pai) e é dada a genitora (mãe), a "função" de educar e cuidar dos filhos. Se a família identifica-se dentro dos parâmetros de tradicionalismo, torna-se árdua a tarefa de inserir, debater e defender novas concepções e valores. Apresentar novos sentidos de abertura para conquistar novos caminhos para o diálogo é confrontar-se com os mesmos.

(63) "Minha mãe (rasura) fala que estou com o capeta no corpo, mas meus irmoes (irmãos) não acha nada acha normal." (qhf. f.03, p.03, q.06);

(64) "Minha irmã, aceita respeita e me aconselha. Meu pai não toca no assunto, minha mãe, hoje, aprendeu a aceitar, porém trata o assunto com certa ignorância, e abominação, minha sobrinha tem apenas 1 aninho de idade." (qhf. f.04, p.03, q.06);

(67) "Ninguém fala nada minha mãe por ser evangélica, não aceita, mas respeita só pelo fato de ter uma filha homossexual." (qhf. f.07, p.03, q.06);

(104) "Sim, foi bem difícil não aceitavam cheguei escutar da minha mãe, que preferia me ver solteira e o que fosse, mas não aceitava eu gostar de outra mulher, mas hoje é normal tenho uma ótima convivência com todos." (qhf. f.08, p.03, q.09);

(110) "Quando eles descobriram foi muito chato, eu fui muito discriminada fui até espusa (expulsa) de minha casa, minha mãe ficou sem falar comigo por um bom tempo, depois de um bom foi melhorando eles foram me aceitando, hoje me sinto muito bem com minha família." (qhf. f.02, p.04, q.010);

(112) “Me assumi ainda com 15 anos, foi nada aceitável de início, meus pais, queriam que eu mudasse, me levaram a psicólogo, pra conversar com padres, e outras pessoas que eles imaginavam poder me ajudar. Hoje o andamento é muito diferente, não me forçam e nem esperam uma mudança minha.” (qhf. f.04, p.04, q.010);

(115) “A reação foi das piores, minha mãe me bateu, me mandou ir embora, mas depois se arrependeu. Ficou convivendo bem com a situação e na época ela não era evangélica, mas depois sofreu um derrame, virou evangélica e começou a me abominar.” (qhf. f.07, p.04, q.010);

(120) “Na época foi conturbada, hoje eles respeitam minha opinião.” (qhf. f.012, p.04, q.010);

(122) “Bom minha mãe e alguns tios não conversam comigo e nem me olham, mais meu pai e minha irmã me apoiaram muito.” (qhf. f.02. p.04, q.011);

(128) “Por eu ter saído da casa deles para estudar, cortaram todos os meus créditos, mesadas e para eu ter tudo de volta tinha que desistir do meu relacionamento e voltar a morar na casa de meus pais, mas não fiz isso.” (qhf. f.08, p.04, q.011).

Quebrar o silêncio é apresentar sentidos de “estar pronto para a luta”, contra o discurso opressor da família e da sociedade no referente à posição de homossexual feminina.

Na concepção de Rodrigues (2011, p.107) “é importante ressaltar que quem enuncia o faz porque é autoridade ou autorizado”. No item (63) “Minha mãe fala que estou com o capeta no corpo”, (64) “Minha mãe, hoje aprendeu a aceitar, porém trata o assunto com certa ignorância e abominação”, (104) “não aceitavam cheguei escutar da minha mãe que preferia me ver solteira e o que fosse”, (110) “eu fui muito discriminada fui até espusa [expulsa] de minha casa minha mãe ficou sem falar comigo por um bom tempo”, (115) “A reação foi das piores, minha mãe me bateu, me mandou ir embora [...] virou evangélica e começou a me abominar”, (122) “Bom, minha mãe e alguns tios não conversam comigo nem me olham”, e (128) “cortaram todos os meus créditos, mesadas”.

Os enunciados se inscrevem em formações discursivas de encorajamento, apresentando palavras e atitudes, (praticadas por familiares). Perante “as leis” são consideradas crimes, violência contra a criança e o adolescente e contra a mulher. Considerando a faixa-etária⁶, a qual compete esse enunciatador no momento da pesquisa e a que o mesmo usufruía na época em que os fatos relatados aconteceram. A hipótese é que, a referencial idade justifique o mesmo não ter

⁶ Poderá se ter acesso a essas informações (idade das colaboradoras) no item tabelas, expostas no capítulo direcionado ao questionário, deste trabalho.

procurado (na época) seus direitos garantidos como prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990, p.17.

Capítulo I - Das disposições preliminares:

Art. 1 – Esta lei dispõe sobre a proteção integral a criança e ao adolescente.

Art. 2 – Considera-se criança para os efeitos desta Lei, a pessoa com até doze anos de idade incompleto, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único: Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Art. 5 – Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

O enunciador (63) apresenta a palavra “capeta” que para Ferreira (1989, pp. 99, 184) é referente a diabo, chefe dos demônios [...] coisa indeterminada ou desconhecida, [...], o (64) apresenta a palavra “abominação”, para Ferreira (2009, p.12), abominar vem do latim *abominare*, que é sentir horror a, detestar, aborrecer. O termo “abominação” é apresentado na Bíblia em (Levítico, 18: 22. 29) e diz: “Não te deitarás com um homem, como se fosse mulher: isso é uma abominação. [...] Uma mulher não se prostituirá a um animal: isso é uma abominação. [...] Todos aqueles, com efeito, que cometerem qualquer dessas abominações, serão cortados do meio de seu povo”. Essa família e em particular a posição sujeito mãe, de certa forma, afetada ideologicamente pela religiosidade exposta nos discursos dos sujeitos colaboradores, busca sentidos para seus valores e temores em suas crenças.

Os enunciados (112), (122), considerando que a posição sujeito hoje, na fase adulta, são conhecedores dessas leis apresentam através de seus discursos, as ações de familiares com sentidos de violência psicológica, negligência, discriminação, crueldade e opressão, conforme se pode observar o Art. 5, do Estatuto. O mesmo Estatuto da Criança e do Adolescente no Capítulo II, (p.18) esclarece que:

Do Direito à Liberdade, ao Respeito e a Dignidade:

Art. 15 – A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito, à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 16 – O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

I – Ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários ressalvados as restrições legais;

II – Opinião e expressão;

- III - crença e culto religiosos;
- IV – brincar, praticar esportes e divertir-se;
- V – participar da vida familiar e comunitária sem discriminação;
- VI – participar da vida política na forma da lei;
- VII – buscar refúgio, auxílio e orientação.

Art. 17 – O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18 – É de dever de todos, zelar pela dignidade da criança e do adolescente pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

A criança e/ou adolescente são/estão providos de direitos, os avanços em termos jurídicos estão explícitos, porém, “ainda”, se faz necessário sua total efetivação.

Os enunciados (110) e (115) trazem os recortes “fui expulsa de casa” e “me mandou ir embora”, apresentando atitudes com sentido adverso ao Art. 17 da Lei nº 8069, já que o mesmo dá a criança e ao adolescente o direito (entre outros) de usufruir do espaço adquirido junto aos seus, dentro e fora do lar. No enunciado (115) apresenta o recorte “Minha mãe me bateu” e no enunciado (128) “cortaram todos os meus créditos, mesadas”, esses enunciados remetem sentido a Lei Maria da Penha. Lei nº 11.340 decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, em 7 de agosto de 2006, a mesma proíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher, oferecendo prevenção, assistência e proteção à vítima, além de punição ao agressor. A Revista profissão e beleza (2010, p.96) apresentam alguns dos artigos direcionados a esta Lei que consagra:

Disposições Gerais da Lei

Art. 5º – Para os efeitos desta Lei configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial; [...]

Parágrafo único: As relações pessoais enunciados neste artigo independem de orientação sexual.

Das Formas de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher;

Art. 7º - Cap. III – a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

Art. 7º - Cap. IV – a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de

trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

Diante desses dizeres do jurídico surgem possibilidades de esse sujeito não buscar as Leis para proteger-se desses conflitos, com sentido violento perante sua família e especificamente pela genitora da família, a mãe, apresentada pela maioria dos enunciadores como um ponto de fundamental importância. A opinião e/ou reação da posição sujeito mãe, e é essa que de certa forma não concorda/aceita com a orientação sexual, um sentido de apresentação de poder hierárquico dessa instituição exercido sobre seus filhos. As leis existem para proteger e defender os direitos adquiridos, mas só o sujeito pode buscá-la e fazê-la cumprir.

3.5. Discurso: Reflexivo e mudança de conceito.

O que é desconhecido geralmente causa estranhamento. Valores se elevam quando se busca olhar, conhecer e/para compreender esse desconhecido, refletir, ponderar sobre o mesmo, é apresentar um novo sentido. Sentidos estes como apresentados nos enunciados abaixo:

(62) “Há respeito por eles agora, mas antes eles tinham muito preconceito e não respeitavam, discriminavam muito, mas depois de tudo que aconteceu comigo, eles tem o respeito por homossexual.” (qhf. f.02, p.03, q.06);

(116) “Na época muito difícil vários questionamentos, mas hoje normal aceitam muito bem.” (qhf. f.08, p.04, q.10);

(117) “Na época foi bem difícil meu pai me apoia, mas minha mãe tinha medo. Hoje é muito tranquilo porque eles aceitam e respeitam com (rasura) amor e é verdadeiro, e não sentem vergonha de mim.” (qhf. f.09, p.04, q.010);

(130) “Minha mãe me abraçou muito e me apoiou, me dando suporte emocional e meu pai levou um tempo e minha irmã, também mas hoje temos uma ótima convivência.” (qhf. f.010, p.04, q.011).

O enunciado (62) “mas antes eles tinham muito preconceito e não respeitavam, discriminavam muito”, o enunciador apresenta a palavra “preconceito” que para Ferreira (1993, p. 437) é: “Ideia preconcebida, suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos, religiões, etc.”, a palavra “discriminar”, (idem, p.189) que é distinguir, separar, apartar, apresentada pelo enunciador (como passado, ‘discriminavam’) dentro dessas condições de produção, essas palavras apresentam sentido direcionado à orientação sexual deste sujeito enunciador, ou seja a

homossexualidade, e segue no enunciado justificando a mudança de conceito de seus familiares, “mas depois de tudo que aconteceu comigo, eles tem respeito por homossexuais”, esse recorte enunciativo apresenta sentido de que “algo”, como ser expulsa de casa (f. 02, p. 04, resposta/discurso 10), motivou-os a refletir ocasionando mudança e novos conceitos no referente a homossexualidade.

O enunciado (116), “Na época muito difícil vários questionamentos”, demonstra que a família o “questionou” referente à orientação sexual, o gesto de questionar não se apresenta necessariamente com um sentido negativo, pois questionar tem sua carga semântica. Para Ferreira (1993, p.456) é fazer ou levantar questões sobre um assunto, é discutir sobre o mesmo, diante desses paradigmas esse ato, de certa forma, auxilia no diálogo familiar sobre sexualidade, assunto ao qual, muitas famílias apresentam dificuldades de abordar. O (117) “Na época foi bem difícil meu pai me apoia, mas minha mãe tinha medo”, o “medo” apresentado no enunciado sugere ser um medo com sentido de proteção, ou seja, este sujeito na posição mãe, de certa forma é conhecedor do discurso social opressor e hetero.

O enunciado (130) “Minha mãe me abraçou [...] me dando suporte emocional e meu pai levou um tempo e minha irmã também”, a formulação apresenta sentido de que cada um tem seu “tempo” para compreender, conhecer e aceitar o que de certa forma apresenta-se como desconhecido. Os referidos enunciados apresentam sentidos de tempo passado, ou o confronto da descoberta, o momento imediato à revelação. O tempo é apresentado como um referencial na história desses sujeitos e coube à família observar e perceber esse sujeito dentro de sua singularidade, para Louro (2010, p.63), o sujeito passa por um processo de “fabricação”, continuada e sutil e:

Antes de tentar percebê-lo pelas leituras das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentidos), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamentos e, em especial, de *desconfiança*.

Os recortes dos enunciados (62) “Há respeito por eles agora”, (116) “mas hoje normal aceitam muito bem”, (117) “Hoje é muito tranquilo porque eles aceitam e respeitam com (rasura)

amor e é verdadeiro”, e (130) ”hoje temos uma ótima convivência”, apresentam a fase tranquila e/ou o momento atual, a posição sujeito de homossexual feminino. Os discursos ao apresentarem a palavra “hoje”, apresentam sentido de medida temporal e probabilidade de que o tempo culminando com o conhecimento/informação sobre o tema, tenha sido o aplicativo utilizado para a adesão de um novo conceito sobre homossexualidade aderido por esses familiares. O tempo e a reflexão podem ter colaborado para que essas famílias pudessem ultrapassar fronteiras e limites, modificando sua forma de olhar e onde olhar, dizendo “não” a conformidade de um discurso hetero e opressor.

Ou ainda, novo sentido sobre a orientação sexual no século XXI, novo sentido da posição de homossexual feminino aderido por seus familiares, estaria ligado ao amadurecimento nas mudanças políticas. Outro fator é a não dependência desse sujeito junto aos seus familiares, ou seja, essas mulheres, já não dependem (no momento atual) financeiramente de seus pais, podendo, assim tomar suas próprias decisões e caminharem sozinhas, culminado com o fato de que a economia e a grande responsável pelas transformações, adaptações e crescimento social. Os enunciados vieram sem justificativas e diante da ausência do discurso da família, só restam hipóteses.

3.6. Discurso: Valores e religião na/da família.

O sujeito acredita de certa forma, que ao ser julgado (se assim o fizer necessário) que o referido julgamento aconteça levando-se em consideração a conduta moral do mesmo, independente de gênero, etnia, posição social, religião e/ou orientação sexual. Mas a quem cabe o direito de julgar? Existem possibilidades de dividir valores religiosos e morais? Qual seria a diferença entre os dois? O que é religião e porque estão/são divididas em tantas? Existem deuses ou Deus? O que buscam e no que creem os sujeitos vistos como fiéis? Como interpretar o texto bíblico sem levantar questões referentes à época e condições em que o mesmo foi escrito?

Althusser (1985, p.68) apresenta (entre outras) duas instituições designada pelo nome de Aparelhos Ideológicos do Estado: AIE religiosos (o sistema de diferentes Igrejas) e AIE familiar. O autor dispõe que:

Os Aparelhos Ideológicos do Estado funcionam principalmente através da ideologia, e secundariamente através da repressão seja ela bastante atenuada, dissimulada, ou mesmo simbólica. (Não existe aparelho puramente ideológico). Desta forma, a Escola, as Igrejas “moldam” por métodos próprios de sanções, exclusões, seleção, etc... Não apenas seus funcionários, mas também suas ovelhas. E assim a família... Assim o Aparelho IE Cultural (a censura, para mencionar apenas ela) etc..

São outros tempos, outros conceitos de certo e/ou errado, o sentido e a estrutura familiar transformando-se e tentando adequar-se a essa nova realidade social. Essas mudanças teria atingido o conceito de valores e religião nessas famílias?

(25) “Minha família tem um valores religiosos básicos, (duas rasura) / Quanto ao valores morais, fui criada com muito vigias, cobranças e carinho” (qhf. f.01, p.02, q.03);

(26) “Minha mãe, pai e irmã são católicos e eu sou espírita, eles valorizam muito a fé e sempre frisam muito a questão de amor ao próximo e o respeito” (qhf. f.02, p.02, q.03);

(30) “Minha família preza pela moral e os bons costumes, vida religiosa assídua às missas.” (qhf. f.06, p.02, q.03);

(33) “Os valores são bem abertos, há uma boa base, minha família respeita todos os valores e todas as formas religiosa. Cada um possui a sua religião e a escolha é respeitada, meu pai é ateu, minha irmã católica, eu sou espírita e minha mãe é do candomblé.” (qhf. f.09, p.02, q.03);

(94) “Aterrorizante, eu me sentia em pecado, fazendo algo ilícito, mas com a terapia tudo se resolveu.” (qhf. f.010, p.03, q.08);

(106) “Sim, todos sabem, menos meus avós, preferi poupá-los pela criação ser outra.” (qhf. f.010, p.03, q.09);

(112) “Me assumi ainda com 15 anos, foi nada aceitável de início, meus pais, queriam que eu mudasse, me levaram a psicólogo, pra conversar com padres, e outras pessoas que eles imaginavam poder me ajudar. Hoje o andamento é muito diferente, não me forçam e nem esperam uma mudança minha.” (qhf. f.04, p.04, q.010);

(115) “A reação foi das piores, minha mãe me bateu, me mandou ir embora, mas depois se arrependeu. Ficou convivendo bem com a situação e na época ela não era evangélica, mas depois sofreu um derrame, virou evangélica e começou a me abominar.” (qhf. f.07, p.04, q.010);

(127) “Minha mãe ficou uns três dias de cara virada pra mim, depois disse que queria me ajudar e se eu aceitava ajuda. Eu disse que sim e ela me levou pra conversar com um padre, ele me fez varias perguntas e disse que não podia mais ver a minha namorada (usa a página seguinte) 11- e quando eu sai de lá minha mãe perguntou se algo tinha mudado, eu disse que não e que eu continuava a gostar da pessoa que estava comigo. Então ela resolveu me levar para Campo Grande em uma mulher que fazia cura interior o que também não mudou minha “opção”, ai ela me fez ir ao psicólogo por dois meses então ela viu que não mudaria nada e ela resolveu aceitar.” (qhf. f.07, p.04, q.011).

Os questionamentos são suportes importantíssimos para o crescimento humano. Esses discursos apresentam sentido de busca para compreender qual o teor de influência que a religião

exerce sobre o sujeito, em seu comportamento e em seus conceitos no referente à sexualidade de seus filhos.

Os recortes dos enunciados (112) “me levaram a psicólogo, pra conversar com padres”, e o recorte do enunciado (127) “ela me levou para conversar com um padre”, o enunciado (30) “vida religiosa assídua às missas”. Remete-nos a questão do poder que as diversas religiões e crenças podem de certa forma, exercer sobre seus fiéis.

As palavras padre⁷ e missa⁸ apontam para uma religião específica, a Católica. Na concepção de Filoramo⁹, o Catolicismo é:

No seu sentido mais estreito, o termo é usado para referir-se à Igreja Católica Romana, formada por 23 igrejas *sui iuris* que estão em comunhão total com o Papa, e possui mais de um bilhão de fiéis (ou seja, mais de um sexto da população mundial e mais da metade de todos os cristãos). As suas características distintivas são a aceitação da autoridade e primado do Papa, o Bispo de Roma. No entanto, outras igrejas também afirmam ser “católicas”, como a ortodoxa, e as igrejas não-calcedonianas, a Igreja Assíria do Oriente, a Velha Igreja Católica, as igrejas da Comunhão Anglicana e, mesmo que pouco utilizado, as Igrejas Presbiterianas. Existem ainda as igrejas nacionais, principalmente no continente americano, do Norte, Central e Sul, que não estão vinculadas a Roma, são em suas maiorias descendentes da Igreja Católica Apostólica Brasileira, uma dissidência da Igreja de Roma surgida em 1945 e que hoje está presente em muitos países, inclusive na Ásia e África.

O recorte do enunciado (115) “virou evangélica e começou a me abominar”, o enunciador apresenta em seu discurso, sentido imediato relativo à possibilidade de controle/poder que a religião exerce sobre esse sujeito na posição de “mãe”, no referente à orientação sexual. A palavra “abominar”, na formulação tem sentido de reprovação, (como visto anteriormente). Na palavra

⁷ Padre é o título com que, nas línguas ibéricas, são chamados os fiéis católicos cuja função é, em primeiro lugar, segundo o concílio Vaticano II, pregar a Palavra de Deus contida, pelo cristianismo de denominação católica, na coleção de setenta e dois (ou setenta e três, conforme a divisão) livros à qual dão o nome de "Bíblia", "Testamento" ou "Escritura", e dessa forma entendido como "protetor/pai, da palavra da Bíblia, Testamento ou Escritura", segundo entendimento de uma maioria de teológico católicos e não católicos. . (universocatólico.com.br)

⁸ Missa, ou celebração da eucaristia, é a principal celebração religiosa da Igreja Católica e da Igreja Ortodoxa. Para estas igrejas, a missa é o cumprimento do mandamento de Cristo de fazer o que Ele mesmo fez na Última Ceia e é o sacramento em que se recebe o Corpo e o Sangue de Cristo sob a forma de pão e vinho, atualizando o supremo sacrifício de Cristo na cruz (o Mistério Pascal) e tornando assim presente a salvação. (santamissa.com.br)

⁹ A ausência de identificação de páginas (nas citações) referentes às concepções de Filoramo sobre religiões e crenças, justifica-se pelo fato das mesmas terem sido coletadas através do site (cienrelfi.org.br).Endereço eletrônico no item direcionado as referencias bibliográficas.

“virou” do enunciado (115) apresenta sentido de que esse sujeito fazia parte de outra religião ou crença e que houve mudanças no referente aos conceitos e decisões do mesmo, ao tornar-se evangélico. Na concepção de Ferreira, (1989, p.235) evangélico é relativo ao evangelho, a Doutrina de Cristo, ou pertencente a certos grupos religiosos não ligados ao protestantismo histórico, e que afirmam seguir os evangelhos.

O Protestantismo citado por Ferreira no conceito de Filoramo é:

Um dos principais ramos (juntamente com a Igreja Romana e a Igreja Ortodoxa) do Cristianismo. Este movimento iniciou-se na Europa Central no início do século XV como uma reação contra as doutrinas e práticas do catolicismo romano medieval. Os protestantes também são conhecidos pelo nome de evangélicos. No entanto, no contexto brasileiro, o nome ‘protestante’ deve ser usado mais corretamente para se referir às igrejas oriundas da Reforma Protestante, como a Presbiteriana, a Luterana, Anglicana e Batista, e o termo ‘evangélico’ mais utilizado para se referir aos pentecostais e neopentecostais.

Essa apresentação referente a algumas religiões não apresenta sentido de avaliar e ou classificar como certas ou não certas, mas apresenta sentido de reflexão de quão essas famílias se identificam com as mesmas. Os enunciados (26) “Minha mãe, pai e irmã são católicos e eu sou espírita”, (33) “meu pai é ateu, minha irmã católica, eu sou espírita e minha mãe é do candomblé.”, esses enunciados apresentam sentidos de conciliação dessas famílias dentro do mesmo lar compartilhando e convivendo com diferentes religiões e/ou crenças. O recorte do enunciado (127) “ela resolveu me levar para Campo Grande em uma mulher que fazia cura interior”, o enunciador ao apresentar a palavra “cura interior” remete a sugestão de “cura espiritual”. Diante desses enunciados e das religiões e/ou crenças, apresentadas pelos mesmos, sugere apresentar Filoramo e suas concepções na crença espírita, no candomblé e na não crença dos ateus. Sobre o espiritismo o autor ressalta que é uma:

Doutrina espírita, Espiritismo ou Kardecismo é a doutrina codificada pelo pedagogo francês *Hippolyte Léon Denizard Rivail*, usando o pseudônimo Allan Kardec. Esta é baseada em cinco obras básicas, escritas por ele, através da observação de fenômenos que o mesmo atribuía a manifestações de inteligências incorporais ou imateriais, denominadas espíritos. A codificação Espírita está presente em: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e Gênese. O termo *Espiritismo* foi cunhado por Kardec em 1857, para definir especificamente o corpo de ideias por ele reunidas e codificadas no “O Livro dos Espíritos”. Também é

compreendido como uma doutrina de cunho científico-filosófico-religioso voltado para o aperfeiçoamento moral do homem, que acredita na possibilidade de comunicação com os espíritos através de médiuns. Na publicação do livro *O Que É o Espiritismo?* O codificador a define como “uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos Espíritos, e das suas relações com o mundo corporal”.

Ressalta-se que as informações disponibilizadas não satisfazem a necessidade de apresentar ao todo as religiões ou crenças aqui mencionadas, mas sim como apoio para reflexão sobre as mesmas com o mínimo de conhecimento. Na concepção do autor o Ateísmo num sentido amplo é:

A rejeição ou ausência da crença na existência de divindades e outros seres sobrenaturais. O ateísmo é contrastado com o teísmo, que em sua forma mais geral é a crença de que existe pelo menos uma divindade. Num sentido mais restrito, o ateísmo é precisamente a posição de que não existem divindades. O termo ateísmo, proveniente do grego clássico *atheos*, que significa “sem Deus” foi aplicado com uma conotação negativa àqueles que se pensava rejeitarem os deuses adorados pela maioria da sociedade. Com a difusão do pensamento livre, do ceticismo científico e do conseqüente aumento do criticismo à religião, a aplicação do termo foi reduzida em seu escopo. Os primeiros indivíduos a identificarem-se como “ateus” surgiram no século XVIII. Ademais, o ateísmo também aparece em certos sistemas religiosos e de crenças espirituais, como o jainismo, budismo e hinduísmo.

Para Filoramo um dos pontos principais no que se refere ao Candomblé é que o mesmo não seja confundido com Umbanda ou Macumba, o Candomblé é:

Uma religião derivada do animismo africano onde se cultuam os orixás, Voduns, Nkisis dependendo da nação. Sendo de origem totêmica e familiar, é uma das religiões afro-brasileiras praticadas principalmente no Brasil, pelo chamado povo do santo, mas também em outros países como Uruguai, Argentina, Venezuela, Colômbia, Panamá, México, Alemanha, Itália, Portugal e Espanha. Cada nação africana tem como base o culto a um único orixá. A junção dos cultos é um fenômeno brasileiro em decorrência da importação de escravos onde, agrupados nas senzalas nomeavam um zelador de santo também conhecido como babalorixá no caso dos homens e iyalorixá no caso das mulheres. A religião que tem por base a alma (alma) da Natureza, sendo, portanto chamada de anímica, foi desenvolvida no Brasil com o conhecimento dos sacerdotes africanos que foram escravizados e trazidos da África, juntamente com seus Orixás/Nkisis/Voduns, sua cultura, e seus idiomas, entre 1549 e 1888.

Estes enunciadores apresentam suas famílias em relação à orientação sexual dos mesmos, o exposto sobre as religiões e crenças citadas e declaradas nos discursos desses sujeitos, apresentam sentidos de possibilidades de mudança de posição dessas famílias com influência religiosa, porém, não se tem uma avaliação de qual a intensidade de interferência da mesma nas decisões e atitudes desses sujeitos. O enunciado (106) “menos meus avós, preferi poupá-los pela criação ser outra”, esse enunciado apresenta a possibilidade de constatar que a temática envolvendo homossexualidade é recente e de certa forma restrito, porém o discurso social opressor já possui um longo caminho percorrido, o que mudou foi apenas o alvo a ser atingido, um alvo que talvez, ainda seja desconhecido para muitos. Diante da complexidade cultural de outras décadas, o enunciador (106) acredita que o silenciar, para amearhar os avós, seja a alternativa mais coerente. O enunciado (25) “Minha família tem valores religiosos básicos”, e (94) “eu me sentia em pecado”, esses enunciadores não identificam a religião e ou crença aderido pelos familiares, porém, ao utilizarem as palavras “valores religiosos” e “pecado”, apresentam sentidos voltados para a religiosidade.

O enunciador (94) “com a terapia tudo se resolveu”, e (127) “me fez ir ao psicólogo”, os referidos enunciados apresentam sentidos que essas famílias utilizaram-se, de diferentes formas de suas crenças e religiosidade com sentido de interferir na orientação sexual de seus filhos e não atingindo o objetivo desejado, utilizou-se da ciência, ou seja de provável “ajuda” de terapeutas e psicólogos.

3.7. Discurso: Gesto de dizer/calar na/da família

O falar sobre algo é posicionar-se sobre o mesmo, isso não se faz diferente no calar, na concepção de Maio, (2011, p.29) “o silêncio também é uma opção. O problema é que ele pode acabar ‘dizendo’ aquilo que não queremos”.

(37) “Antes esse assunto não fazia parte dos nossos diálogos. Depois que a minha mãe passou a desconfiar da minha homossexualidade é um assunto mais presente em casa.” (qhf. f.01, p.02, q.04);

(38) “Sim, é muito comentado e falado, principalmente quando há alguma reportagem em televisão que aborda isso. Fala-se muito sobre o preconceito e o respeito.” (qhf. f.02, p.02, q.04);

- (46) “Sim, se fala, porém, mais sobre a feminina, (três rasuras seguidas) e meu pai não participa das conversas” (qhf. f. 010, p.02, q.04);
- (50) “Sim, existe vários casos na família primos, primas e tios” (qhf. f.02, p.02, q.05);
- (55) “Sim, tenho três primos, um homem e duas mulheres.” (qhf. f.07, p.02, q.05);
- (57) “(rasuras) Creio que não, o único caso sou eu por enquanto.” (qhf. f.09, p.02, q.05);
- (58) “Sim 03 ou 04 primos do lado de minha mãe, porém, não temos muito contato.” (qhf. f.010, p.02, q.05).

No enunciado (37), “depois que a minha mãe passou a desconfiar da minha homossexualidade é um assunto mais presente”, o enunciador utiliza a palavra “desconfiar”, apresentando sentido da não confirmação e/ou conhecimento no referente à orientação sexual desse sujeito enunciador, ou a ausência de um diálogo aberto e verdadeiro sobre o tema, fala-se sobre o assunto, mas dentro de um contexto não declarado, o discurso antecede, informando que “antes esse assunto não fazia parte dos nossos diálogos”, ou seja, o assunto é recente entre esse grupo familiar, é de haver possibilidades desse sujeito (ainda) não sentir-se seguro e/ou confiante para assumir sua sexualidade perante seus familiares.

O discurso (57) “(rasuras) Creio que não, o único caso sou eu por enquanto”, ou mais propriamente “a rasura” do mesmo, ou seja, o que se deixou por dizer remete ao “ato de silenciamento”, o discurso desse enunciador apresenta sentido de um lapso de “arrependimento”, de “voltar atrás” no que já havia dito, de “melhor calar”. É perceptível (através da rasura) um discurso que identifica outros sujeitos na posição de homossexual pertencente ao mesmo grupo familiar do enunciador. A rasura oferece espaço para um questionamento, qual a predominância que levou esse sujeito a silenciar? A hipótese apresentada é que os mesmos ainda não tenham assumido suas orientações sexuais perante seus familiares e socialmente. O enunciador ao utilizar as palavras “por enquanto”, reforça a hipótese, sugerindo que, para que os mesmos possam assumir sua orientação sexual, necessitam de tempo.

Nos enunciados (50) “Sim, existe vários casos na família primos, primas e tios”, (55) “Sim, tenho três primos, um homem e duas mulheres” e (58) “Sim 03 ou 04 primos do lado de minha mãe”, os enunciadores apontam haver na família outros sujeitos na posição homossexual, o que remete sentido da existência de um diálogo maduro e seguro junto a essas famílias, dando suporte emocional e encorajando esses sujeitos a vivenciarem sua sexualidade, apresentando

sentido da importância do falar sobre o assunto, que na maioria das vezes é debater, opinar, é apresentar os (pré) conceitos sobre a “temática” (Rodrigues, 2011) pré-estabelecida, é o surgimento de um espaço oportuno para a reflexão.

O enunciado (38) “é muito comentado e falado [...] quando há alguma reportagem em televisão”, levando em consideração as dificuldades encontradas pelas famílias para abordar o assunto sobre homossexualidade, os mesmos utilizam-se da “abertura” oferecida por reportagens televisionadas para darem início ao assunto. O enunciador (46) “se fala, porém, mais sobre a feminina”, o enunciado apresenta sentido de que se fala sobre o assunto dentro do “quadro”, ao qual apresenta sentidos para a mesma. O enunciador complementa, “e meu pai não participa das conversas”, dentro deste contexto a hipótese é que de certa forma o “papel” da mãe é educar os filhos e para o pai fica a responsabilidade de prover o sustento da família.

3.8. Discurso: De enfrentamento e conflitos com o tempo/idade

Para o Estado e/ou para as Leis que governam toda uma sociedade e/ou a forma como a mesma é analisada e/ou medida temporalmente (idade), divide-se em “três fases” e/ou faixa-etárias, a infância, a adolescência e a fase adulta: Para Ferreira (1989, p.304), infância é o período de desenvolvimento físico e psicológico e vai do nascimento até o décimo segundo ano de vida e/ou a puberdade, a adolescência (idem, p.12) caracteriza-se por mudanças corporais e psicológicas, estendendo-se até os vinte anos, e finalmente a fase adulta (idem, p.13), que é o ser que atingiu o máximo do seu desenvolvimento.

(145) “Na infância: foi a parte da descoberta, não entendia (rasura) o que se passava tudo era (rasura) não. Adolescência: é mais dramático eu não queria ser quem eu sou, não assumia o fato de não gostar de homem. Adulta: É mais complicado, ainda não encarei meus pais, mesmo sabendo que (rasura) eles sabem sobre mim, é hora de falar a verdade.” (qhf. f.01, p.05, q.013);

(146) “Nossa sem duvida nenhuma foi a minha adolescência, pois foi a minha fase de descoberta de mim mesma.” (qhf. f.02, p.05, q.013);

(148) “Na adolescência, pois quando criança não me importava e tudo era natural. Foi difícil na adolescência, porque não tinha certeza do que queria. Hoje, lido muito bem com minha opção sexual.” (qhf. f.04, p. 05, q.013);

(149) “Depois de adulta, pois nunca entendia esse tipo de sentimento olhava os homens de maneira diferente, como amigos, parentes, etc, já as mulheres tinha “algo mais”, tinha um sentimento mais sensível, carinhoso, me atraia mais.” (qhf. f. 05, p.05, q.013);

(150) “Foi difícil na minha adolescência, as pessoas na rua adoravam fazer “gracinhas”, me machucavam c/ (com) palavras, porém eu dava o “troco”. Pra aceitar “ser diferente” tive um conflito muito gde (grande), sofri bastante”. (qhf. f. 06, p.05, q.013);

(151) “Na infância era estranho por não saber o que significava o que eu sentia, pois não se ouvia falar desse assunto. Mas na adolescência depois do meu primeiro beijo em uma menina tive grandes conflitos comigo mesma e com minha mãe depois que ela soube.” (qhf. f.07, p.05, q.013);

(155) “-Na infância Foi normal, foi ou estava me descobrindo e achava que era apenas uma fase. – Na adolescência foi um pouco mais conturbada, pois existiam alguns preconceitos embora eu ainda não era assumida e na Adulta Foi a pior, pois passei por problemas onde não podia desabafar com ninguém pelo fato de ninguém saber.” (qhf. f.011, p.05, q.013).

Sexualidade, quem, onde, como e quando dialogar sobre a temática? Na concepção de Maio (2011) a criança até os dez anos de idade tem que saber tudo sobre sexualidade, e a autora emprega esse papel à família. A mesma família apresentada por Althusser (1985, p.81), como Aparelho Ideológico de Estado, que em outros tempos contava com a parceria de outro Aparelho Ideológico de Estado, a Igreja, que foi substituída. O autor conclui que: “De fato, a Igreja foi substituída pela Escola em seu papel de Aparelho Ideológico de Estado dominante. Ela forma com a Família um par, assim como outrora a Igreja o era [...]”. Diante desses paradigmas a família de certa forma, reconhece a escola como parceira para que juntas possam apresentar soluções para os questionamentos das crianças sobre sexualidade.

Em (145) “Na infância: foi a parte da descoberta, não entendia (rasura) o que se passava tudo era (rasura) não”, (148) “quando criança não me importava e tudo era natural”, o (151) “Na infância era estranho por não saber o que significava o que eu sentia, pois não se ouvia falar desse assunto” e o (155) “-Na infância Foi normal, foi ou estava me descobrindo e achava que era apenas uma fase”. As palavras “não entendia (rasura) o que se passava”, “não me importava”, “era estranho por não saber o que significava”, “não se ouvia falar desse assunto”, apresentam sentidos de desconhecimento, apontam para algo ainda não apresentado aos mesmos.

Parafraseando Louro (1997), a sexualidade está presente em todos os dispositivos de escolarização, mas a mesma, ainda não trata desta temática abertamente. Acreditando com

ingenuidade, que se não se tratar do assunto o mesmo ficará fora da escola. A autora (p.70) também apresenta outro ‘instrumento’ que oferece apenas o que é reconhecido como “normal”, os livros didáticos e paradidáticos, explicitando que: “A ampla diversidade de arranjos familiares e sociais, a pluralidade de atividades exercidas pelos sujeitos, o cruzamento das fronteiras, as trocas, as solidariedades e os conflitos são comumente ignorados ou negados”. Essa falta de complemento nos diálogos familiares, ou nas vozes dos educadores e nos conteúdos pedagógicos expostos nos livros oferecidos às crianças, apresentam-se com sentido de silenciamento. Esse silenciamento ou ausência de fala, para a autora (idem): “aparece como uma espécie de garantia da “norma”. A ignorância (chamada por alguns de inocência) é vista como a mantenedora dos valores ou dos comportamentos “bons” e confiáveis”.

No referente à homossexualidade a autora (idem, p.68) especifica que este silenciamento apresenta-se com maior complexidade, pois: “A negação dos homossexuais no espaço legítimo da sala de aula acaba por confiná-los às “gozações” e aos “insultos” dos recreios e dos jogos, fazendo com que deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejáveis ou ridículos”.

Ou seja, esses enunciados implicam que esse sujeito, agora na puberdade carrega consigo as frustrações da infância, somando-se com os dramas da descoberta e os conflitos comuns da fase de adolescência. Sentidos esses apresentados nos enunciados (145), “Adolescência é mais dramático eu não queria ser quem sou”, o (146), “a minha adolescência [...] fase de descoberta”, o (148), “na adolescência [...], foi difícil na adolescência”, o (150), “foi difícil na minha adolescência”, o (151), “na adolescência [...] tive grandes conflitos comigo mesma”, e (155), “na adolescência foi um pouco conturbado”. Os enunciados se repetem de forma parafrástica, apresentam a adolescência como a fase mais conflituosa. Vários fatores podem colaborar para que essa fase da vida seja turbulenta, é uma passagem de “nível temporal” e essa não vem com data específica, não se deixa de ser adolescente e torna-se adulto, assim, repentinamente, é algo mais amplo e complexo. E se faz importante ressaltar que nos referidos enunciados, observa-se um confronto pessoal, independente de aceitação e/ou negação de familiares e da sociedade em si.

O momento em que os dizeres apresentam a fase adulta como sendo a fase conflituosa, deixam vestígios que indicam haver o silêncio ou a falta de um diálogo aberto com os familiares,

fator principal para essa fase conflituosa permanecer estável, como apresentam os enunciados (145), “Adulta. É mais complicado, ainda não encarei meus pais”, (155) “Adulta. Foi a pior, pois passei por problemas, onde não podia desabafar com ninguém pelo fato de ninguém saber”, e (149), “Depois de adulta, pois nunca entendia esse tipo de sentimento”. Esse último dizer apresenta sentido de enfrentamento constante consigo mesmo, pois com retomada ao *corpus* averígua-se que a posição homossexual feminino, ocupa “posições” relevantes no que se refere à família, a realização pessoal, intelectual e religiosa perante a sociedade. Fatores esses que favorece a sociedade acreditar serem suficientes para que o ser humano seja ou sinta-se “livre” em suas escolhas, sem sentir-se julgado.

Na concepção de Tafarello (2011, p.155): “Historicamente, as práticas sexuais sempre foram “polêmicas”. Houve sociedades que a entenderam – e há as que ainda a entendem – de formas diversas, com bases em valores e crenças culturais”. Ou seja, de certa forma há um enfrentamento contínuo desse sujeito na posição de homossexual feminino com ele mesmo, onde o desenvolvimento físico, intelectual e financeiro não “muda” o que está/foi arraigado no mesmo pelo discurso social que negativa sua orientação sexual.

As formulações apresentam sentidos da desigualdade, das diferenças que são silenciadas, na maioria das vezes ultrapassando as faixas-etárias e adentrando os ambientes públicos e/ou familiar.

3.9. Discurso: Mídia e a (não) coautoria/reflexão

A mídia obteve perante a Constituição de 1988, a liberdade e/ou o poder, para transmitir toda ou qualquer informação para sociedade. Um fator, de certa forma, considerado importante no despertar da reflexão de uma sociedade. É através da mídia que a população mundial se aproxima uns dos outros, ou da realidade social do outro. Diante deste cenário seria possível identificar a mídia como coautora dos sujeitos dentro de diferentes grupos sociais? Para Ferreira (1989, p. 126) denomina-se coautor, aquele que participa que faz junto, sendo assim, pode-se considerar de certa forma, a mídia como coautor das coletas informativas no cotidiano do ser humano, em qualquer “espaço” que o mesmo esteja ocupando no momento, e é essa informação que leva o mesmo a refletir sobre as mudanças e avanços da/na sociedade, apresentando espaço para reflexão.

(266) “Hum eu acho que não mas acho também que faria a sociedade entender varias coisas, como o respeito a ter mais educação pelos gays e saber que não é opção e sim aceitação pela nossa classe.” (qhf. f.02, p.08, q.023);

(267) “Acho que não porque sempre vai existir o preconceito, por que o preconceito já começa da dentro de casa então sempre vai ter não vai governantes nem Ongs que vai acabar. Vai diminuir.” (qhf. f.03, p.08, q.023);

(268) “Sim, acredito que sim, pois quanto mais a sociedade toma conhecimento, abre a cabeça para novas escolhas de vida.” (qhf. f.04, p.08, q.023);

(269) “- As pessoas “rotulam” muito, talvez sim. Quando discute-se muito sobre o assunto, é mais fácil se falar, talvez ameniza mais.” (qhf. f.05, p.08, q.023);

(270) “Sim, tudo q (que) vem p/ (para) contribuir p/ (para) a diminuição do preconceito é bem vindo, estas propaganda ajudam as pessoas refletirem q (que) acima de tudo são seres humanos, e q (que n~ (não) é por vontade nossa q (que)0 isto acontece. Penso q (que) abrem as mentes das pessoas.” (qhf. f.06, p.08, q.023);

(274) “Não, o que diminui o preconceito é a criação quando pequeno, caso contrario não diminui, mas ajuda a conscientizar de outra forma...” (qhf. f.010, p.08, q.023).

De imediato os enunciados apresentam sentido de negação quanto à colaboração da mídia no que se refere a possibilitar a reflexão sobre homossexualidade no sujeito na posição de internauta, ouvinte, leitor e/ou telespectador (formas e meios de comunicação, utilizados pela mídia), como apresentam os enunciados, (266) “Hum eu acho que não”, (267) “Acho que não”, (274) “Não”, esses enunciadores complementam e justificam suas respostas/discursos, (267) “porque sempre vai existir o preconceito [...] o preconceito já começa dentro de casa”, e (274) “o que diminui o preconceito é a criação quando pequeno, caso contrario não diminui”, apresentando sentido de que de certa forma, a família é amenizadora desse discurso social negativo, ou seja, é o discurso da família que definirá e/ou irá preparar o sujeito na posição de filho, para que o mesmo tenha discernimento para distinguir o que vem a ser o discurso opressor negativo. O enunciador (269) “as pessoas rotulam muito”. Para Ferreira (1993, p.487), rotular é classificar, reputar, ou etiquetar o sujeito.

Os enunciadores negam haver colaboração por parte da mídia com a reflexão social sobre homossexualidade, porém essa negação é apenas de imediato e acabam por complementar seus discursos, apresentando outra posição. O dizer (266) “mas acho também que faria a sociedade entender”, o (267) “sempre vai existir o preconceito, [...]. Vai diminuir”, e (274) “mas ajuda a conscientizar de outra forma...”, apresentando sentidos de haver de certa forma, uma coautoria com a mídia, porém, de forma moderada.

Em contrapartida os dizeres seguintes já apresentam essa coautoria de forma mais completa, o enunciado (269) “talvez sim”, e justifica “quando discute-se muito o assunto é mais fácil de falar”, o (268), “Sim, acredito que sim”, e reforça, “quanto mais a sociedade toma conhecimento, abre a cabeça”, e o (270), “Sim, tudo que vem pra contribuir [...] Essas propagandas ajudam as pessoas refletirem[...] abrem as mentes das pessoas”. Os enunciados parafrásticos, apresentam sentido de que esses sujeitos na posição de homossexuais femininos acreditam na participação positiva da mídia para com a sociedade, acreditam que conscientizar é um dos caminhos que levará aos resultados positivos e a mídia cumpre com esse papel.

3.10. Discurso: A conquista de igualdade e espaço

Toda conquista requer de “luta”, de necessidade de conquistar, de perseverar. Pela Lei de 1948, Declaração Universal dos Direitos Humanos, (A/RES/217) a partir do momento em que o ser humano é concebido, ali já está por “direito adquirido” seu espaço, tanto no que se refere ao espaço geográfico, quanto ao espaço de liberdade de ir e vir, e quanto ao que se refere aos direitos e deveres de cidadão comum, esse já é garantido, porém existem os direitos conquistados, e é aqui que adentra as diversas lutas por diversas mudanças, inclusive a “luta” desse sujeito na posição de homossexual feminino, pela conquista de igualdade e de espaço.

(134) “Nossa mudou tudo, me senti mais eu, sem ter medo de nada, fiquei mais feliz, mais tudo.” (qhf. f.02, p.04, q.012);

(135) “Hoje eu estou bem mais tranquila em relação eles saber, e estou muito feliz com minha vida nova e com minha namorada com eles sabendo agente ta bem melhor.” (qhf. f.03, p.04, q.012);

(136) “Todo meu tratamento, responsabilidade e cobranças surgiram com mais frequência, de inicio era rejeição eu sofri pelos meus pais. Hoje posso dizer que tenho tratamento “vip”, com minha cobrança por carinho, hoje tenho sem pedir.” (qhf. f.04, p.04, q.012);

(139) “Depois que a minha mãe me aceitou eu passei a ser eu mesma, a viver minha vida sem precisar me esconder ou fingir ser alguém que eu não era. Me tirou um grande peso das costas.” (qhf. f.07, p.04, q.012);

(140) “Por eu não voltar depois de tudo que aconteceu, amadurecimento, conquistar minhas coisas com meu próprio trabalho e reconhecer que sou como todos, capaz de conquistar meus objetivos.” (qhf. f.08, p.04, q.012);

(141) “Eu passei a me aceitar mais, a respeitar mais as pessoas, não julgar independente de raça, religião ou orientação sexual.” (qhf. f.09, p.04, q.012).

Pode-se observar uma reflexão amadurecida na busca dessa conquista de igualdade nos enunciados (134), “Nossa mudou tudo”, o enunciador apresenta a palavra “nossa” com sentido de expressar intensidade, satisfação, e complementa seu discurso “sem ter medo de nada [...] mais feliz, mais tudo”, essa ausência de medo sendo revertido em felicidade é de certa forma, justificada em relação ao dialogo aberto com a família (f.02, p.03, q. 09). O enunciado (135) “Hoje eu estou bem mais tranquila em relação eles saber”, e complementa e/ou reforça o sentido de quão importante e necessário foi para o mesmo, nessa conquista de igualdade e de espaço ter dado inicio no lar, junto aos familiares, “feliz, [...], vida nova, [...], eles sabendo [...] ta bem melhor”. O enunciado (136), “Hoje, posso dizer que tenho tratamento ‘vip’”, o enunciador apresenta a palavra “vip”, com sentido de apresentar o quão é importante para seus familiares. VIP, provém do inglês *Very Important Person* é uma expressão que designa uma pessoa e/ou local muito importante.

No dizer (139) “Me tirou um grande peso das costas”, a palavra “peso” apresentada pelo enunciador sugere um sentido de missão cumprida, de estar liberto e o mesmo justifica, acrescentando que “depois que minha mãe me aceitou eu passei a ser eu mesma [...] sem precisar me esconder ou fingir ser alguém que eu não era”, nesse discurso o enunciador, de certa forma, apresenta sentido de haver predominância para sua conquista, o dialogo aberto com os familiares e em especifico com a mãe. (140), “Reconhecer que sou como todos, capaz de conquistar meus objetivos”, essa conquista mencionada pelo enunciador, onde o mesmo se reconhece ser capaz de conquistar seus objetivos é complementada “conquistar minhas coisas com meu próprio dinheiro”, o discurso desse enunciador é apresentado com sentido de justificativa, pois o mesmo apresenta (retomando ao corpus, f.08, p.04, q.11) que foram cortados todos os créditos, mesadas e o mesmo não aderiu a postura da família, buscando seus próprios recursos. No dizer aponta de certa forma, que se obteve essa conquista de igualdade e espaço de uma forma diferenciada dos demais enunciadores em questão, pois o mesmo complementa seu discurso, ”por eu não voltar depois de tudo que aconteceu”.

Em (141) “Eu passei a me aceitar mais”, essa aceitação apresentada nesse enunciado apresenta sentido de amadurecimento desse sujeito na posição de homossexual, o mesmo complementa que passou a respeitar e a não julgar “passei [...] a respeitar mais as pessoas, não julgar independente de raça, religião ou orientação sexual”.

Diante desses discursos e com uma retomada ao *corpus* é de certa forma, perceptível que essas “mudanças”, ocorreram por alguns fatores que se cruzam, como: o amadurecimento desse sujeito, deixando a fase da adolescência e adquirindo não apenas aquela idade considerada (pelo Estado) adulta, mas adquirindo poder e coragem para lutar, para buscar essa conquista e culminando com um passo importante que foi um diálogo aberto com seus familiares, quebrando assim aquele silêncio que pairava e bloqueava a força desse sujeito.

3.11. Discurso de encorajamento ao outro

Encorajar é a forma de explicitar que toda ação e/ou atitude, gera uma reação e/ou uma atitude no outro. O sujeito na posição de homossexual feminino apresentam fatos de sua história para que outros sujeitos reflitam e busquem suas conquistas. Uma conquista que para acontecer terá que haver um desligamento do que se considera estar arraigado nesse sujeito, como apresentado pela concepção de Louro (1997, p.83), quando afirma que:

Há ainda uma difícil barreira de sentido a superar: para que um/a jovem possa vir a se reconhecer como homossexual será preciso que ele/ela consiga desvincular gay e lésbica dos significados a que aprendeu a associá-los, ou seja, será preciso deixar de percebê-los como desvios, patologias, formas não-naturais e ilegais de sexualidade. Como se reconhecer em algo que se aprendeu a rejeitar e a desprezar? Como estando imerso/a nesses discursos normalizadores, é possível articular sua (homo) sexualidade com prazer, com erotismo, com algo que pode ser exercido sem culpa? Questões como essas sem dúvidas nos remetem para a temática da diferença, das desigualdades, do poder. Os vários exemplos servem apenas como uma referência para sugerir onde olhar e como olhar tais diferenças e desigualdades.

(254) “Eu diria que o primeiro momento vai ser muito difícil, tanto p/ (para) a família como para você, mais depois ela vai se sentir melhor como mulher mais realizada.” (qhf. f.02, p.08, q.022);

(256) “Pra ter o máximo de paciência para se assumir, e adiar ao máximo essa descoberta. Deixei exemplos de minha vida e ajudaria no que fosse possível.” (qhf. f.04, p.08, q.022);

(257) “-Seja sincera, pois nenhum crime há nisso, pois há casos que não se tem culpa. Está dentro de nós, gestação. Não podemos mudar nosso sentimento. Converse (com respeito/educação), pois é difícil para os familiares (pais) aceitarem.” (qhf. f.05, p.08, q.022);

(258) “Q` N~ (Que não) adianta bater de frente, o melhor sempre é o dialogo, mostrando q (que) o importante é o caráter, as coisas boas q (que) consegue oferecer às pessoas, o bem q (que) é capaz de fazer independente de qualquer orientação sexual.” (qhf. f.06, p.08, q.022);

(259) “Pra ter calma e não afrontar a família porque todos tem um tempo de aceitação diferente. Se você bate de frente só vai provocar reações ruins.” (qhf. f.07, p.08, q.022);

(261) “Que tudo na vida é questão de respeito e muito dialogo. Respeitar o espaço do próximo é fundamental.” (qhf. f.09, p.08, q.022);

(262) “Respeite, para ser respeitado, cada um tem seu tempo, mas não se ofusque pela opinião alheia.” (qhf. f.010, p.08, q.022);

(263) “Tudo se resolve com o tempo, A Família passa a nos aceitar depois que percebe q/ (que) somos Felizes da Forma q/ (que) somos.” (qhf. f.011, p.08, q.022);

(281) “Muitas mulheres não tem discrição, gostam de “fazer propaganda” sobre sua orientação sexual, às vezes chocando as pessoas. Temos que respeitar, pois nem todos aceitam. O preconceito ainda é muito grande. Não comungo com esse comportamento, temos que conquistar nosso espaço com dignidade. Agradeço esta oportunidade.” (qhf. f.05, p.09, q.024).

O discurso de sujeitos na posição de homossexual feminino apresenta sentido de que em suas trajetórias, já ultrapassaram as fronteiras onde se estabelece os conflitos maiores, como apresentados acima na concepção de Louro, e sugerem os melhores caminhos a serem percorridos por aqueles sujeitos que estão iniciando a difícil tarefa de se reconhecer sexualmente.

No enunciado (254), “o primeiro momento vai ser muito difícil, tanto p/ a família como para você”, o enunciado alerta que a luta não será fácil, e que a fase para essa “aceitação” não trará apenas conflitos pessoais, mas a família também necessitará de tempo para compreender e reconhecer o fato como algo “normal”. Desta forma poderá estar “revendo” seus discursos. Na sequência esse enunciador segue na proposta dos enunciados seguintes, ”mais depois ela vai se sentir melhor”, apresentando sentido de que a luta traz consequências positivas. O enunciado (256), “pra ter o máximo de paciência, [...] adiar ao máximo essa descoberta”, ou seja, o enunciado apresenta sentido de que esse sujeito para assumir sua orientação sexual e partir para a “luta”, deverá primeiramente obter a certeza do que pretende conquistar, aguardar o momento certo, o amadurecimento, e o enunciador reforça seu discurso, “deixei exemplos de minha vida”. Nesse recorte de certa forma, interação sentidos do quão é importante para a sociedade e para o sujeito na posição de homossexual, obter conhecimento dos fatos para poder posicionar-se, e o quanto é difícil discutir sobre um assunto ao qual se tem como desconhecido.

No dizer (257) retoma os fatores, dialogo com a família, do respeito e da compreensão para com esses familiares, pois cada um tem seu tempo, “Seja sincera, pois nenhum crime há nisso [...] Converse (com respeito/educação), pois é difícil para os familiares”, o enunciador apresenta a

palavra “sincera” que para Ferreira (1993, p.506) é, expressar-se sem a intenção de enganar, dentro deste contexto, o enunciador complementa seu discurso “há casos que não se tem culpa. Está dentro de nos, gestação”, apresentando sentido de encorajamento para com esse sujeito na posição de homossexual para que o mesmo esteja “preparado” para assumir sua orientação sexual perante seus familiares e perante a sociedade, ao utilizar a palavra “gestação” o enunciador de certa forma refere-se á algo voltada para a parte biológica, gestação para Ferreira (1993, p.273) é o “tempo de desenvolvimento do embrião no útero, desde a concepção ate o nascimento” o contexto mencionado pelo enunciador (257) é complementado “Não podemos mudar nosso sentimento”.

As paráfrases apresentam nos dizeres, o reforço à importância do diálogo, da espera pelo momento ideal, como apresenta o enunciador (258), “Q n~ adianta bater de frente, o melhor sempre é o dialogo [...]mostrando (que) [...] q é capaz [...] independente de qualquer orientação sexual”, o (259), “Ter calma e não afrontar a família [...] todos tem seu tempo de aceitação”, os enunciadores utilizaram as palavras e/ou expressões popular como “bater de frente” e “afrontar” que de certa forma apresentam sentidos de “forçar” a família a aceitar a orientação sexual do mesmo de imediato, ultrapassando os limites do dialogo e do respeito, sem que os mesmos possam usufruir do tempo que necessitam para “desvendar” o que se apresenta para esses com estranhamento.

Os enunciadores (261), “Que tudo na vida é questão de respeito [...], dialogo”, (262), “Respeite para ser respeitada, cada um tem seu tempo [...] não se ofusque pela opinião alheia”, (263), “Tudo se resolve com o tempo”, e (281), “Temos que respeitar, pois nem todos aceitam [...], temos que conquistar nosso espaço com dignidade”, apresentam sentido de que o tempo é designado como um colaborador assíduo com esses sujeitos e com seus familiares, porém o que se destaca nesses discursos e nos discursos disponibilizados no *corpus* é a palavra e/ou a ação de “respeitar”, que na concepção de Ferreira (1993, p.477) é: “tratar com reverência ou acatamento, honrar, considerar, [...] impor-se ao respeito do outrem.” Com uma retomada ao *corpus*, observa-se que a ação de respeitar e impor o respeito foi apresentado por 49 (quarenta e nove) vezes, num grupo de 12 (doze) colaboradores.

Outro fator que apresenta uma reflexão nesse grupo de enunciados é que além de sentidos idênticos, observa-se não haver rasuras, esse fator pode remeter a possibilidade de haver exatidão

nas palavras utilizadas pelos enunciadores para que obtivessem o efeito positivo na mensagem que o sujeito na posição de homossexual feminino pretendia para atingir os objetivos desejados, que ficaram explícitos. A medida certa na escolha das palavras, como: sinceridade, conversar com respeito e educação, não deixando de apresentar as dificuldades encontradas pelos familiares no momento imediato ao diálogo, sugerindo calma e sabedoria para aguardar o momento certo, respeitar e aceitar o tempo que o outro necessita para a aceitação, mas, sobretudo que não deixe de lutar pela e com dignidade e não se ofusque nem se deixe ofuscar pela opinião alheia. Nesse grupo discursivo se acentua como um referencial na forma mais acertada de minimizar o conflito interior, familiar e social.

3.12. Discurso: O Eu centrado no tema

Uma Lei engloba a sociedade em um todo, ou um grupo específico dessa sociedade. As formas como essas Leis são aplicadas pode atingir o sujeito de uma forma e não surtir o mesmo efeito no outro. Os direitos que são garantidos pela Lei, muitas são ignorados e/ou desrespeitados pela sociedade, assim se faz necessário buscar conquistar que essa seja cumprida e respeitada. Todos têm garantido os direitos como apresentados no Título II, dos Direitos e Garantias Fundamentais. Capítulo I, dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos. O Artigo 5º, que assegura:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e a propriedade, nos termos seguintes:
Inciso X: São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.

A pretensão de buscar esse “eu no tema” é que cada um (dos colaboradores) possa apresentar como essa “luta” em busca de fazer valer seus direitos, fluiu em si e do que resultou para o mesmo.

(278) “Eu sou homossexual eu gosto de ser gay, não tenho vergonha de mim e me axo (acho) muito mais eu depois que eu mesma me assumi p/ (para) mim mesma. Não é uma vida fácil, cheia de preconceito mais vale a pena tudo isso.” (qhf. f.02, p.09, q.024);

(279) “A eu não tenho nada a dizer. Acho que se a pessoa é feliz não importa o que ela é só importa ter Deus no coração amor paz e o mais importante e se aceitar.” (qhf. f.03, p.09, q.024);

(282) “Não sofro devido a minha orientação sexual, vivo c/ (com) responsabilidade e c/ (com) a certeza de q (que) sou uma pessoa especial, e capaz de cativar as pessoas e deixando marcas de coisas boas por onde passo. Vivo feliz c/ (com) minha companheira e nosso filho.” (qhf. f.06, p.09, q.024);

(283) “Sou feliz agora que não tenho que esconder nada de ninguém. Tenho trabalho, amigos vida social e o mais importante um filho companheiro, amigo apesar dos seus nove anos.” (E acrescenta no final da página) “De nada Luiza meu amor, conte sempre comigo.” (qhf. f.07, p.09, q.024);

(286) “Em nenhum momento me arrependo, nem da fase mais difícil e sei que o apoio da minha mãe foi de fundamental importância.” (qhf. f.010, p.09, q.024);

(287) “Para mim tá ótimo, e se soubesse q/ (que) seria bem mais fácil lidar com as pessoas de q/ (que) me assumir eu teria me assumido bem antes.” (qhf. f.011, p.09, q.024).

Neste grupo de enunciados a mensagem é única, espontânea e com intensidade suficiente para despertar a reflexão do que representa a conquista por espaço, respeito e dignidade perante a família e a sociedade e isso fica explícito na escolha das palavras dos referidos enunciados, (278) “Não tenho vergonha de mim [...]. Não é uma vida fácil, cheia de preconceito mais vale a pena tudo isso”, o (279) “Se a pessoa é feliz não importa o que ela é [...] o mais importante é se aceitar”, o (282) “Não sofro devido a minha orientação sexual, [...] Vivo feliz”, o (283) “Sou feliz agora que não tenho que esconder nada de ninguém”, o (286) “Em nenhum momento me arrependo”, e o (287) “Para mim tá ótimo”. Esses sujeitos na sua posição de homossexual feminino, não obtiveram essa “conquista” sem esforços e retomando o *corpus*, depara-se com dicas como: jamais desistir da conquista pela qual está lutando; buscar apoio e carinho de familiares e amigos, acreditar na capacidade que existe dentro de cada um, comportar-se com respeito e dignidade e, sobretudo se faz necessário ter paciência para aguardar a resposta que o tempo oferece, mas sem se ofuscar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos. A atribuição da diferença é sempre historicamente contingente - ela é dependente de uma situação e de um momento particulares.” (Louro, 2001, p.50).

O presente trabalho teve por objetivo analisar o discurso de um grupo de sujeitos na posição homossexual feminino e através deste deixar uma lacuna para despertar a reflexão. O discurso desses sujeitos partiu de um contexto com sentido de tensão social, no âmbito dito como “anormal”.

Os discursos apresentados aferiram sentidos, de que, discute-se direto ou indiretamente sobre o direito a orientação sexual, e que predomina certa facilidade para se abordar o assunto sobre sexualidade. Porém, quando esta, está voltado para a área científica, do contrário se impõe a mesma, muita cautela. Desta forma, negar, recusar, ocultar, etc. e a forma mais eficaz de “fugir” do assunto. Apresentam que os maiores conflitos são deste sujeito com ele mesmo, ficando a família com a segunda instância conflituosa, já que a mesma não consegue passar pela desestabilização de valores históricos sociais.

E aquelas primeiras conversas sobre sexualidade que deveriam e/ou devem acontecer dentro do lar, juntamente aos familiares, até os dez anos de idade (ficando designada com um compromisso maior para esta tarefa a mãe), este não é apresentado pelos enunciadores, ou seja, essa conversa (na maior parte das famílias) não acontece. Assim, essa descoberta sexual apresenta-se para esse sujeito com estranhamento. Estranhamento esse que em se tratando de um sujeito na posição de homossexual, apresenta-se com sentidos de negação, de inquietação e medo, despontando no mesmo, de imediato, um autodessentendimento. Esses conflitos imediatos referem-se em primeiro plano a autoaceitação, ou a uma luta com seu eu biológico, que se apresenta em si e para si, estendendo-se à família e em especial no referente à reação imediata da mãe. Esta mãe, que de certa forma é afetada ideologicamente por seus valores e temores religiosos e sociais, buscando sentidos em sua crença. Ficando esse fator (a ausência do diálogo) como o principal responsável pelo silenciamento desse sujeito.

Independentemente de esse sujeito apresentar sentido de deleite na descoberta, esse sentido não será apresentado no absoluto, predominando o medo. Medo esse que é atribuído pelo não reconhecimento desse sujeito dentro de uma realidade dita pela sociedade como “normal”, onde o mesmo é afetado pelo preconceito que produz como consequência a opressão familiar e/ou social, o que podemos denominar de materialidade dos discursos sociais negativos.

Quando esse papel (de informar, de dialogar) não é atendido dentro do lar, esse sujeito espera ser atendido em outro ambiente, que o mesmo ocupa com assiduidade, a escola. Porém, as escolas também são atingidas por esse silenciamento e quando esse silêncio é quebrado, a temática é totalmente voltada para os perigos da gravidez e em especial para as doenças sexualmente transmissíveis, entre elas, a AIDS. As escolas que silenciam são as mesmas que segundo Louro (2001, p.57), produziram e produzem as:

Diferenças, distinções e desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos - tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. Concebida inicialmente para acolher alguns - mas não todos - ela foi lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/as quais havia sido negada. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações, que iriam, explícita ou implicitamente, “garantir”- e também produzir - as diferenças entre os sujeitos.

Esses sentidos apresentados por Louro e os sentidos apresentados nos discursos dos sujeitos colaboradores, apontam um sentido que: a absorção de uma transformação social, a independência financeira adquirida com a maturidade, a autodeterminação, novos valores e conceitos experimentados e adaptações para entender as exigências sociais, juntos alavancam esse sujeito na posição de homossexual feminino para buscar o respeito e a liberdade que já os pertencem.

Estas são estratégias para amenizar essas diferenças que ainda predominam. Uma predominância tão perceptível, quanto se faz perceptível a existência de dois diferentes discursos: a) um discurso das formações do imaginário social, que acredita em um comportamento familiar

liberto dos padrões patriarcais, heterossexuais e opressores, b) uma discursividade vivida e sentida pelo sujeito na posição de homossexual feminino. Desta forma requer que, os efeitos produzidos por esses discursos façam uma junção com o que se estabelece e aferi o discurso jurídico que designa o que o sujeito homossexual busca incansavelmente, que é ressignificar-se de negativo para positivo, no discurso social e familiar. Perceber que se faz necessário, disposição para buscar informações, conhecimento, provocar questionamentos e inquietações, e assim, apontar possibilidades de respostas, mobilizar os sujeitos, olhar para os mesmos como sujeitos de direitos. Dessa forma apreende-se que as temáticas da diferença, da desigualdade, do poder, requerem uma estratégia de intervenção, e por isso se faz necessário reconhece-las, percebe-las.

Outro referencial de grande importância é a internet e/ou outros meios de comunicação social, que mudaram o conceito de vida, informando, divulgando atos e ações do nosso cotidiano, que podem fomentar gerar atitudes, procedimentos e conceitos significativos para conscientização da sociedade no referente a esse grupo social e de tantos outros.

Há de certa forma uma junção da ficção com o real vivido por esses sujeitos. Os efeitos negativos produzidos pelo discurso social, apresentado incessantemente pela mídia, no que se refere às questões sobre homossexualidade é o que referenciam e culminam a mesma e outros meios de comunicação social a pesquisa. Esta apresenta sentidos de como as famílias absorvem o assunto homossexualidade presente nesses canais de informação. E de buscar informação do quão as personagens homossexuais fictícios e ou reais em situações de conflitos interferem no comportamento familiar e levando em consideração que a mídia está sempre em um processo ininterrupto de busca pelo já produzido, debatido e questionado, apresentando com variações, oferecendo novos argumentos, novos sentidos ao sujeito receptor, ao lidar com a mensagem enviada por esse canal de informações.

No referente à religião e ao homossexualismo, a pesquisa apresenta sentidos de que os mesmos passam continuamente por mudanças, adaptações e sofrem influências culturais e geográficas. O conceito sobre o homossexualismo não é uno, cada religião apresenta um conceito próprio sobre o assunto. O número de instituições religiosas é grande e nem todas são adversas ao relacionamento amoroso com parceiros do mesmo sexo, porém algumas dessas instituições silenciam sobre essas considerações. Com o silêncio, as mesmas não veem necessariamente

necessidade de se posicionar ao referente à orientação sexual de seus seguidores. Quanto ao seguimento religioso dos sujeitos participantes e de seus familiares, os enunciados analisados, e confirmados após a retomada do *Corpus*, tem-se a possibilidade de observar que se predomina (entre os colaboradores e suas famílias) a religião Católica e uma grande parcela (no caso mães) fazem parte da religião evangélica e que dentro deste grupo de mães, encontram-se as que não aceitam a orientação sexual de seu filho, não comentam sobre o assunto e/ou ainda não sabem sobre a orientação sexual dos mesmos, outro fato a se considerar é a mudança de religião e/ou crença de algumas colaboradoras, optando pela religião evangélica ou espiritismo.

Os discursos apresentam como sentidos principais que não basta discutir ou teorizar o valor do respeito pela orientação sexual, mas o respeito e a harmonia entre todos os seres humanos devem prevalecer em primeiro plano e esse ato apresenta maior sentido quando se refere à família.

Para finalizar, ressalta-se que, de fato, o contexto é apresentado com sentido de pressão social e, de certa forma não se apresenta nenhuma possibilidade ingênua de transformação sem interferências, na reflexão de Louro (1997, p.86), para intervir se faz necessário: “uma atitude vigilante e contínua, no sentido de procurar desestabilizar as divisões e problematizar a conformidade com o ‘natural’; isso implica disposição e capacidade para interferir nos jogos de poder”. A esse intervir e a essa vigilância citada pela autora, pode-se culminar a informação, a conscientização para fomentar a situação e condição, para que o preconceito diminua e que a harmonia dentro dos lares aconteça. Cabe a todos, fazer valer e caminhar para alcançar essa finalidade. Porém se faz necessário abrir novos questionamentos e/ou tornar essa busca por respostas infundável e se faz necessário abrir espaço para que o discurso da família também seja analisado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Nilson Teixeira de. *Gramática da Língua Portuguesa para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares*. 9ª edição revista e atualizada. São Paulo: Saraiva 2009/2012

ANDRADE, F. A. *A discursividade sobre a estética feminina: o tamanho dos seios em questão*, in: *Linguagem, Identidade, Gênero, História*. (Org.) RODRIGUES, M. L. Rio de Janeiro: Ed. Quártica Premium, 2011. P. 175-201.

ALLOCHI, A. R. *Psicologia Transpessoal Fenomenológica*. Florianópolis-SC, 2012. Disponível em: <http://alejandroalochi.blogspot.com.br/2010/07/homossexualidade_21.htm> acesso em: 23/06/2012 às 15h30.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)* / Louis Althusser; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985/2001, 2ª edição.

BÍBLIA Sagrada. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 101ª edição. Editora Ave-Maria, São Paulo, 1996.

CAMARGO, M. L. *Interrogação sobre literatura gay (?)*. In: *Linguagem, Identidade, Gênero, História*. (Org.) RODRIGUES, M. L. Rio de Janeiro: Ed. Quártica Premium, 2011. p. 237-258.

CFP – (Conselho Federal de Psicologia)

<http://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf> acesso: 27/01/2013 às 21h00

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Biblioteca Brasileira de Filologia, Livraria Acadêmica, 6ª Edição, 5ª impressão, volume 4, Rio de Janeiro, 1972. p.172

DUBOIS, Jean. *Dicionário de Linguística*: Editora Cultrix- SP. Ed. 7-14. Ano 1999-2004.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da família, da propriedade Privada e do Estado*: trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan. 16. Edição. . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. PDF

ESTATUTO da Criança e do Adolescente – (Exemplar fornecido por) Prefeitura Municipal de Nova Andradina, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.

FERREIRA, A. B. H. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1989.

_____. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Coordenação: Maria Bird Ferreira, Margarida dos Anjos – 4ª edição, Curitiba: Ed. Positivo, 2009. p.1135.

FILORAMO, G. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Ed. Paulus, 1999. <<http://cienrelfi.org.br>> acesso: 28/01/2013 às 18h43. (por: Fernando Gregianin Testa)

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Trad. De Maria Thereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. PDF

HALL, S. *A Questão da Identidade Cultural*. (Revisão técnica) ARANTES, A. A., 3ª edição, n.º 18, 2003.

HOUAISS, Antônio Villar, SALLES, de Mauro. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexocografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: objetiva, 2001.

LEI MARIA DA PENHA, Lei 11.340/2006 (Lei Ordinária) 07/08/2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm> acesso: 27/01/2013 às 19h05

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 4ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

MAIO, E. R. *Sexo é assunto de Família*: por Diocsiane Moura: REVISTA A& E, Curitiba-PR. Atividades e Experiências: especial família. Ed. Positivo, ano 11, n. 16, setembro, 2011, p.27.

MELLO, L. *Familismo (Anti) homossexual e Regularização da Cidadania no Brasil*. Revista Estudos Feminista. Florianópolis-SC. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a10v14n2.pdf>> acesso em 23/06/2012 às 15h20.

MONTEIRO, P. *O Sequestro da Linguagem*. ABRH, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:<<http://www.abrhj.org.br/typo/index.php?id=629>>: acesso 27/01/2013 às 09h59.

MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. *Introdução á Lingüística: domínios e fronteiras*, v.2, 4ª. Edição. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Introdução á Lingüística: fundamentos epistemológicos*, v.3 São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Ana M. Domingues de. *Notas para a história das mulheres: lesbianismo*: Disponivelem: <<http://www.brevesdesaude.com.br/ed05/lesbianismo.htm>> Acesso em: 03/09/2012 às 09h58.

OLIVEIRA, H. *Análise do Discurso: linguagem como prática social* - publicado 11/10/2009, disponível em: <<http://www.webartigos.com/>> Acesso em: 25 agosto. 2010.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 1999 / 2010.

PECHÊUS, M. *Semântica e Discurso: uma critica a afirmação do óbvio*; tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 3ª ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*; tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 3ª ed. Campinas-SP: Pontes, 2002.

PONTES, M. F. *Maternidades Homossexuais; Reflexão sobre vínculos não-biológicos e não-legais com filhos*. PUC. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/1278285645_arquivo> acesso em: 23/06/2012 às 15h00.

Prefeitura Municipal de Nova Andradina < <http://www.pmna.ms.gov.br/>>: acesso 11/03/2013, às 18h55.

REVISTA BRAVO, São Paulo. Editora Abril, nº 170, outubro de 2011. p. 96-98.

REVISTA CRIATIVA, São Paulo. Editora Globo, Ano XV, nº 173, setembro de 2003. p. 40-49.

REVISTA PROFISSÃO e BELEZA, São Paulo. Pancrom Indústria Gráfica, ano XI, nº 62, publicação bimestral julho/agosto, 2010. p.96.

REVISTA VEJA, São Paulo, Editora Abril, Edição 2244, ano 44, nº 47 de novembro de 2011 p.169-170.

ROCHA, E. G. *Discurso sobre Identidade: Homossexualismo Feminino*. UEMS, Nova Andradina-MS, 2009. Disponível em:<<http://www.cepad.net.br/linguisticaelinguagem>> acesso em: 23/06/2012 às 20h00.

RODRIGUES, M. L. *Complexo de Objetos e de Temas: condições de produção do discurso*, in: Linguagem, Identidade, Gênero, História. (Org.) RODRIGUES, M. L. Rio de Janeiro: Ed. Quártica Premium, 2011. p. 49-63.

_____. *Introdução ao Estudo da Ideologia que sustenta o MST*. Dourados-MS: Editor Nicanor Coelho, 2011.

_____. *Questão das cotas: uma questão de identidade (afirmação e/ou negação)* in: Linguagem, Identidade, Gênero, História. (Org.) RODRIGUES, M. L. Rio de Janeiro: Ed. Quártica Premium, 2011. p.13-47.

_____. *Discurso sobre a Representação Identitária do Negro Cotista da UEMS*. Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem – Campinas, SP. 2011, em MIMED

SGARBI, N. M. F. de Q. *Conversa sobre autoria: Foucault e a Análise do Discurso*, in: Linguagem, Identidade, Gênero, História. (Org.) RODRIGUES, M. L. Rio de Janeiro: Ed. Quártica Premium, 2011. p. 203-211.

SOUZA, M. I. *Avaliação da Personalidade em Mulheres Homossexuais*. São Paulo: Ed. Vetor, 2002.

TAFARELLO, P. C. *Nambla: da resignificação da identidade do pedófilo*, in: Linguagem, Identidade, Gênero, História. (Org.) RODRIGUES, M. L. – Rio de Janeiro: Ed. Quártica Premium, 2011, p. 155-174.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*, São Paulo: editora Atlas, 1987.

VARELLA, Drauzio. *Síndrome do Pânico*. Disponível em:

<<http://drauziovarella.com.br/wiki-saude/sindrome-do-panico/>> acesso: 11/03/2013, às 19h44.

<http://www.santamissa.com.br/missa_explicada/missa_explicada2.asp>: acesso em 11/03/2013, às 19h50.

<<http://www.universocatolico.com.br/index.php?/o-que-e-um-padre.html>>: acesso 11/03/2013, às 19h45.

Anexo I

Questionário I

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
MESTRADO EM LETRAS

Projeto de Pesquisa
O Discurso do Homossexualismo Feminino

Questionário 01

Ficha: _____

Data de Aplicação: ____/____/2012

Obs.: Todas as respostas deste questionário irão compor o *corpus* para o projeto de pesquisa de minha pesquisa de mestrado. Por questões éticas nenhuma resposta será vinculada ao seu autor. Caso o autor após responder o questionário queira desistir da participação, ele poderá fazê-lo no prazo de três (03) meses.

Orientanda: Maria Luiza Santos Castelari

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Nome: _____ Idade: _____ Sexo: _____

Profissão: _____ Grau de instrução: superior: () completo / () incompleto, ensino médio: completo (), incompleto (), ensino básico: completo (), incompleto ().

01. Quantas pessoas fazem parte do seu grupo familiar?
02. Qual o grau de parentesco do grupo familiar? Especifique cada um deles.
03. Em relação aos tipos de valores morais e religiosos da sua família, como é? Comente os casos.
04. Na sua família se comenta sobre homossexualismo masculino ou feminino? Se sim ou não comente.
05. Há caso de homossexualismo na sua família? Se sim ou não comente.
06. De forma geral como a sua família vê o homossexualismo? Comente.
07. Quando você sentiu que gostava mais de menina do que de menino? Comente.
08. Quando você percebeu que sentia atração por meninas, como foi para você? Comente.
09. A sua família sabe ou desconfia de sua orientação sexual? Se sim ou não comente.
10. Caso a sua família saiba, como foi a reação na época e como é hoje? Comente.
11. Que tipo de atitude sua família tomou quando soube? Comente.
12. O que mudou na sua vida após seus familiares aceitarem ou não sua orientação sexual? Comente.
13. Em que parte da vida foi mais difícil para você? Na infância, na adolescência ou depois de adulta? Comente sobre cada uma delas.

14. Em relação aos seus amigos e amigas que sabem de sua orientação, como é o seu relacionamento com eles?

Comente.

15. Há membros de sua família que possui amizades com outras pessoas de sua orientação sexual? Comente.

16. Você no momento atual possui parceira de relacionamento estável? Comente.

17. Você possui algum relacionamento heterossexual para disfarçar sua orientação perante sua família e perante a sociedade? Se sim ou não comente.

18. Você sofre algum preconceito no âmbito familiar? Se sim ou não comente.

19. Você sofre algum tipo de preconceito no trabalho e no grupo social? Se sim ou não comente.

20. Você recebe ajuda financeira de sua família? Se sim ou não responda:

A) Sim. O tipo de ajuda financeira (quantitativa) tem alguma relação com a sua orientação sexual? Comente.

B) Não. O tipo de ajuda financeira (quantitativa) tem alguma relação com a sua orientação sexual? Comente.

21. Quando você dependia financeiramente de sua família, o tipo de ajuda tinha alguma relação com sua orientação sexual? Se sim ou não comente.

22. O que você teria a dizer para uma jovem de sua orientação sexual quanto o relacionamento familiar?

(23) Você acredita que Propagandas Governamentais ou de ONGs, podem contribuir para diminuir o preconceito sobre a homossexualidade feminina? Se sim ou não comente.

(24) Caso você tenha alguma coisa a dizer sobre sua orientação sexual, utilize este espaço.

Obrigada pela participação.

Maria Luiza Santos Castelari.

Anexo II

Índice de Enunciados

- (1) “sete pessoas” (qhf. f.01, p.01, q.01);
- (2) “quatro comigo” (qhf. f.02, p.01, q.01);
- (3) “10 comigo” (qhf. f.03, p.01, q.01);
- (4) “Pai, Mãe, Irmã e Sobrinha” (qhf. f.04, p.01, q.01);
- (5) (não respondeu) (qhf. f.05, p.01, q.01)
- (6) “Biológico – 9 Relacionamento – 3” (qhf. f.06, p.01,q.01);
- (7) “duas” (qhf. f.07, p.01, q.01);
- (8) “Uma” (qhf. f. 08, p.01, q.01);
- (9) “4 Pessoas” (qhf. f.09. p.01, q.01);
- (10) “06” (qhf. f.010, p.01, q.01);
- (11) “3” (qhf. f.011, p.01, q.01);
- (12) “moro sozinha” (qhf. f.012, p.01, q.01)
- (13) “Dois sobrinhos, avó, Pai, Mãe, Irmão, cunhado” (qhf. f.01, p.01, q.02);
- (14) “Roselene = Mãe, Milton = Pai, Tamires = Irmã” (qhf. f.02, p.01, q.02);
- (15) “Zenita: Mãe, Silvio: Pai, Klemia: irmã, Cenira (idem), Celmiro: irmão, Silvio: (idem), Edono; (idem)” (qhf. f.03, p.01, q.02);
- (16) “Pai, mãe, Irmã e Sobrinha” (qhf. f.04, p.01, q.02);
- (17) “-Mãe; sobrinhos (28; 26; 24), uma casada e três solteiros; irmã / cunhado. – companheira / Filho (Tenho guarda de um menino de 9 anos – Lindo)” (qhf. f.05, p.01, q.02);
- (18) “Pai, Mãe, irmãos, Eu. Eu, minha companheira, nosso filho.” (qhf. f.06, p.01, q.02);
- (19) “Mãe, Filho” (qhf. f.07, p.01, q.02);
- (20) “Namorada” (qhf. f.08, p.01, q.02);
- (21) “Pai, Mãe, Irmã, e eu” (qhf. f.09, p.01, q.02);
- (22) “- Pai, - mãe, - Irmã, - Sobrinha, - Noiva, - Amiga de faculdade” (qhf. f.010, p.01, q.02);
- (23) “Mãe E Padrasto” (qhf. f. 011, p.01, q.02);
- (24) (Não respondeu), (qhf. f.012, p.01, q.02);
- (25) “Minha família tem um valores religiosos básicos, (duas rasura) / Quanto ao valores morais, fui criada com muito vigias, cobranças e carinho” (qhf. f.01, p.02, q.03);
- (26) “Minha mãe, pai e irmã são católicos e eu sou espírita, eles valorizam muito a fé e sempre frisam muito a questão de amor ao próximo e o respeito” (qhf. f.02, p.02, q.03);
- (27) “católicos e minha (rasura) mãe evangélica” (qhf. f.03, p.02, q.03);
- (28) “Meu pai não é o home religioso, minha mãe é evangélica de direita. A religião está sempre muito a frente... Irmã e sobrinha não são tão ligadas a religião” (qhf. f.04, p.02, q.03);
- (29) “Fazemos parte da religião católica, praticante” (qhf. f.05, p.02, q.03);

- (30) “Minha família preza pela moral e os bons costumes, vida religiosa assídua às missas.” (qhf. f.06, p.02, q.03);
- (31) “Mãe evangélica agora respeita mas não aceita.” (qhf. f.07, p.02, q.03);
- (32) “Meus pais evangélicos, mas é uma relação normal respeitando o espaço de cada um.” (qhf. f.08, p.02, q.03);
- (33) “Os valores são bem abertos, há uma boa base, minha família respeita todos os valores e todas as formas religiosas. Cada um possui a sua religião e a escolha é respeitada, meu pai é ateu, minha irmã católica, eu sou espírita e minha mãe é do candomblé.” (qhf. f.09, p.02, q.03);
- (34) “Quando era criança a minha família era evangélica, porém, no decorrer da minha adolescência, saímos da igreja e agora somos espíritas.” (qhf. f. 10, p.02, q.03);
- (35) “Normal – eu sou evangélica e minha mãe, também, meu padrasto é católico, mas cada um respeita o espaço dos outros.” (qhf. f.011, p.02, q.03);
- (36) “São católicos” (qhf. f.012, p.02, q.03);
- (37) “Antes esse assunto não fazia parte dos nossos diálogos. Depois que a minha mãe passou a desconfiar da minha homossexualidade é um assunto mais presente em casa.” (qhf. f.01, p.02, q.04)
- (38) “Sim, é muito comentado e falado, principalmente quando há alguma reportagem em televisão que aborda isso. Fala-se muito sobre o preconceito e o respeito.” (qhf. f.02, p.02, q.04);
- (39) “Não, eles foge do assunto neste momento” (qhf. f.03, p.02, q.04);
- (40) “Sim, principalmente pela minha mãe. Porém não é comentado com respeito. Apenas com aceita, garantido por mim com o tempo, é passado desde minha condição em ser homossexual”. (qhf. f.04, p.02, q.04);
- (41) “Não, nada se comenta na casa de minha mãe, bem com (rasura) familiares” (qhf. f.05, p.02, q.04);
- (42) “Não, o assunto não é abordado” (qhf. f.06, p.02, q.04);
- (43) “Comenta-se a respeito dos outros” (qhf. f.07, p.02, q.04);
- (44) “Sim, no meu caso feminino tranquilo a relação com todos da família, até por que me assumi já faz 4 anos.” (qhf. f.08, p.02, q.04);
- (45) “Sim, sempre as relações e no dialogo familiar é super tranquilo e muito natural.” (qhf. f.09, p.02, q.04);
- (46) “Sim, se fala, porém, mais sobre a feminina, (três rasuras seguidas) e meu pai não participa das conversas” (qhf. f. 010, p.02, q.04);
- (47) “Sim – sobre os dois casos” (qhf. f.011, p. 02, q.04);
- (48) “Sim, eu sou a única da família homossexual” (qhf. f.012, p.02, q.04);
- (49) “4 primos, porém (rasuras) novos de mais para se assumir.” (qhf. f.01, p.02, q.05);
- (50) “Sim, existe vários casos na família primos, primas e tios” (qhf. f.02, p.02, q.05);
- (51) “Sim minha sobrinha e prima mas não são assumida” (qhf. f.03, p.02, q.05);
- (52) “Sim, tenho um primo assumido, porém ele é adotado. Outro que esconde da família e se mantém no “ao meio” e uma prima que também não se assume.” (qhf. f.04. p.02, q.05);
- (53) “-Não, não se comenta sobre o assunto, assim como não há outros casos (que eu saiba)” (qhf. f.05, p.02, q.05);
- (54) “Sim, tenho uma prima.” (qhf. f.06, p.02, q.05);
- (55) “Sim, tenho três primos, um homem e duas mulheres.” (qhf. f.07, p.02, q.05);
- (56) “Sim, eu e um primo de 1 grau.” (qhf. f.08, p.02, q.05);
- (57) “(rasuras) Creio que não, o único caso sou eu por enquanto.” (qhf. f.09, p.02, q.05);
- (58) “Sim 03 ou 04 primos do lado de minha mãe, porém, não temos muito contato.” (qhf. f.010, p.02, q.05);
- (59) “Sim, porém com um grau de parentesco mais distante.” (qhf. f.011, p.02, q.05);

- (60) “Sim,” (qhf. f.012, p.02, q.05);
- (61) “Completamente maquiado, mesmo desconfiando de mim, agem como se isso não fosse comigo.” (qhf. f.01, p.03, q.06);
- (62) “Há respeito por eles agora, mas antes eles tinham muito preconceito e não respeitavam, discriminavam muito, mas depois de tudo que aconteceu comigo, eles tem o respeito por homossexual.” (qhf. f.02, p.03, q.06);
- (63) “Minha mãe (rasura) fala que estou com o capeta no corpo, mas meus irmoes (irmãos) não acha nada acha normal.” (qhf. f.03, p.03, q.06);
- (64) “Minha irmã, aceita respeita e me aconselha. Meu pai não toca no assunto, minha mãe, hoje, aprendeu a aceitar, porém trata o assunto com certa ignorância, e abominação, minha sobrinha tem apenas 1 aninho de idade.” (qhf. f.04, p.03, q.06);
- (65) “- nunca presenciei nenhum comentário.” (qhf. f.05, p.03, q.06);
- (66) “Minha família apesar de n~ (não) fazer comentários, aceita as pessoas c/o (como) elas são, o q (que) vale é o caráter e tudo de bom q (que) elas possam oferecer.” (qhf. f.06, p.03, q.06);
- (67) “Ninguém fala nada minha mãe por ser evangélica, não aceita, mas respeita só pelo fato de ter uma filha homossexual.” (qhf. f.07, p.03, q.06);
- (68) “hoje é bem normal, mas a preocupação sempre foi eu sofrer preconceito pela sociedade em geral.” (qhf. f.08, p.03, q.06);
- (69) “Ve (vê) de forma tranquila, minha família me aceita e me respeita, tanto meus pais quanto tios, avós e primos.” (qhf. f.09, p.03, q.06);
- (70) “A maioria encara de forma natural não influência caráter, mas alguns não comentam sobre o assunto.” (qhf. f.010, p.03, q.06);
- (71) “Até o presente momento são imparciais.” (qhf. f.011, p.03, q.06);
- (72) “Alguns falam que odeiam, normal” (qhf. f.012, p.03, q.06);
- (73) “Quando beijei uma menina pela primeira vez. [“Senti vontade porque eu andava com pessoas que eram homossexuais apartir (ver)].” (qhf. f.01.p.03, q.07);
- (74) “Quando eu senti atração por uma amiga minha, ai caiu a minha fixa (ficha) que eu gostava de menina, e já não sentia mais vontade de ficar com meninos.” (qhf. f.02, p.03, q.07);
- (75) “Senti (rasura) aos 16 anos. Quando percebi que uma menina dá mais valor na outra do que um homem.” (qhf. f. 03, p.03, q.07);
- (76) “Aos 15 anos, comecei a me envolver com uma garota, que me despertou o interesse, foi assim que percebi minha preferencia por meninas, pois elas sempre me chamam mais atenção do que os homens.” (qhf. f. 04, p.03, q.07);
- (77) “- Desde sempre, sempre via os meninos com o “mesmo olhar”, já as meninas elas são mais sensíveis, graciosas, etc.” (qhf. f.05, p.03, q.07);
- (78) “Na minha adolescência, foi um momento de “n~ (não) entendimento” dos fatos, n~ (não) aceitação.” (qhf. f.06, p.03, q.07);
- (79) “Desde criança eu já tinha um preferência diferente dos meus amigos, mas não entendia, eu me achava estranha por sentir diferente dos outros (rasura).” (qhf. f.07, p.03, q.07);
- (80) “Foi desde criança já quando comecei a conhecer melhor sentimentos que ia além de amizade.” (qhf. f.08, p.03, q.07);
- (81) “Naturalmente (rasura) sempre tive mais atração por mulheres do que por homens mas (rasura)isso ocorre desde os 4 anos.” (qhf. f.09, p.03, q.07);
- (82) “Aos meus 13 anos, quando conheci uma menina que era homossexual e logo me interessei, me encantei e já contei para minha mãe.” (qhf. f.010, p.03, q.07);

- (83) “Desde os 12 anos de idade, sempre tive preferência de estar mais próxima a meninas.” (qhf. f.011, p.03, q.07);
- (84) “Aos 18 anos, foi difícil porque me preocupei como seria a reação da família.” (qhf. f.012, p.03, q.07);
- (85) “Senti vontade de beijar uma (rasura) a menina porque eu andava com meninas que gostavam de meninas. Quando fiquei logo de cara me apaixonei e vi que me sentia mais feliz.” (qhf. f.01, p.03, q.08);
- (86) “Nossa, foi muito estranho, quando eu percebi que gostava de menina me sentia a pior pessoa do mundo, eu mesma sentia preconceito de mim mesma mas depois fui me acostumando e me aceitando.” (qhf. f.02, p.03, q.08);
- (87) “Foi estranho mas achei divertido mas depois de um tempo eu me rejeitei mas hoje já estou bem melhor.” (qhf. f.03, p.03, q.08);
- (88) “De inicio bem difícil e frustrante, mais difícil ainda em pensar como minha família, Porém não tentei me forçar agir contra meu desejo.” (qhf. f.04, p.03, q.08);
- (89) “- foi de repente, nunca provoquei, sempre fui provocada, dai então me despertei, foi muito bom (excelente). Eu tinha 18 anos de idade. Foi muito excitante, com muito respeito/sofrimento. Um amor terno. Um sentimento diferente, mas muito gostoso.” (qhf. f.05, p.03, q.08);
- (90) “foi muito difícil entender c/o (como) seria possível observar as meninas, n~ (não) aceitava aquela situação, sofria muito.” (qhf. f.06, p.03, q.08);
- (91) “Eu tive um longo período de aceitação, porquê não era muito comum na minha época de adolescente, tive muitos confrontos comigo mesma por me achar diferente. E não conhecia o homossexualismo, então para mim era o cúmulo sentir atração por outras meninas.” (qhf. f.07, p.03, q.08);
- (92) “Foi difícil porque me via como uma pessoa diferente, algo que não era “normal” perante a sociedade, até porque não tinha coragem de me abrir com os meus pais.” (qhf. f.08, p.03, q.08);
- (93) “Foi tranquilo pois achava que era algo encantador, como eu era muito pequena eu achava e sentia que era somente amizade, ou seja amor de amiga e mesmo quando eu percebi que me sentia atraída e tive medo da reação dos meus pais. “ (qhf. f.09, p.03, q.08);
- (94) “Aterrorizante, eu me sentia em pecado, fazendo algo ilícito, mas com a terapia tudo se resolveu.” (qhf. f.010, p.03, q.08);
- (95) “Quando me envolvia com meninos mas me sentia atraída por meninas.” (qhf. f.011, p.03, q.08);
- (96) “Quando tinha 15 anos, foi muito difícil porque sentia medo da família descobrir.” (qhf. f.012, p.03, q.08);
- (97) “Desconfia. Ainda não me senti preparada para falar (rasura) pros meus pais.” (qhf. f. 01, p.03, q.09);
- (98) “Sabe sim, sou assumida para minha família toda.” (qhf. f.02, p.03, q.09);
- (99) “Sim eles sabem mas pouco tempo.” (qhf. f.03, p.03, q.09);
- (100) “Minha família toda sabe, até porque minha “cara” não esconde muito minha opção sexual.” (qhf. f.04, p.03, q.09);
- (101) “- com certeza sabem, mas não comentam nada a respeito, nem sobre outras pessoas.” (qhf. f.05, p.03, q.09);
- (102) “Todos sabem, mas n~ (não) comentam.” (qhf. f.06, p.03, q.09);
- (103) “Sabe sim, minha mãe tinha mania de mexer nas minhas coisas e um dia achou um bilhete da namorada que eu tinha na época, então ela me perguntou e eu confirmei.” (qhf. f.07, p.03, q.09);
- (104) “Sim, foi bem difícil não aceitavam cheguei escutar da minha mãe, que preferia me ver solteira e o que fosse, mas não aceitava eu gostar de outra mulher, mas hoje é normal tenho uma ótima convivência com todos.” (qhf. f.08, p.03, q.09);
- (105) “Sim sabem, e me aceitam e respeitam.” (qhf. f.09, p.03, q.09);
- (106) “Sim, todos sabem, menos meus avós, preferi poupá-los pela criação ser outra.” (qhf. f.010, p.03, q.09);

- (107) “Sim, mas no momento pelo fato de terem descoberto recentemente preferem não tocar no assunto.” (qhf. f.011, p.03, q.09);
- (108) “Toda a minha família sabe.” (qhf. f.012, p.03, q.09);
- (109) (Não respondeu) (qhf. f.01, p.04, q.10);
- (110) “Quando eles descobriram foi muito chato, eu fui muito discriminada fui até espusa (expulsa) de minha casa, minha mãe ficou sem falar comigo por um bom tempo, depois de um bom foi melhorando eles foram me aceitando, hoje me sinto muito bem com minha família.” (qhf. f.02, p.04, q.10);
- (111) “No começo minha mãe ficou muito magoada mas falo que me ama do mesmo jeito (jeito) mas de um tempo pra cá ela esta se conformando. Mas os outros da familia reagiu normal.” (qhf. f.03, p.04, q.10);
- (112) “Me assumi ainda com 15 anos, foi nada aceitável de inicio, meus pais, queriam que eu mudasse, me levaram a psicólogo, pra conversar com padres, e outras pessoas que eles imaginavam poder me ajudar. Hoje o andamento é muito diferente, não me forcaram e nem esperam uma mudança minha.” (qhf. f.04, p.04, q.10);
- (113) “Nunca conversamos sobre o assunto.” (qhf. f.05, p.04, q.10);
- (114) “A reação foi tranquila, sem nenhum comentário, aceitaram naturalmente, hoje da mesma forma.” (qhf. f.06, p.04, q.10);
- (115) “A reação foi das piores, minha mãe me bateu, me mandou ir embora, mas depois se arrependeu. Ficou convivendo bem com a situação e na época ela não era evangélica, mas depois sofreu um derrame, virou evangélica e começou a me abominar.” (qhf. f.07, p.04, q.10);
- (116) “Na época muito difícil vários questionamentos, mas hoje normal aceitam muito bem.” (qhf. f.08, p.04, q.10);
- (117) “Na época foi bem difícil meu pai me apoia, mas minha mãe tinha medo. Hoje é muito tranquilo porque eles aceitam e respeitam com (rasura) amor e é verdadeiro, e não sentem vergonha de mim.” (qhf. f.09, p.04, q.10);
- (118) “Na época minha mãe me apoiou muito mas meu pai levou alguns anos para aceitar e/ou respeitar, sem nenhuma complicação.” (qhf. f.010, p.04, q.10);
- (119) “Na época ficaram surpresos, mas hoje respeitam minha opção.” (qhf. f.011, p.04, q.10);
- (120) “Na época foi conturbada, hoje eles respeitam minha opinião.” (qhf. f.012, p.04, q.10);
- (121) (Não respondeu), (qhf. f.01, p.04, q.11);
- (122) “Bom minha mãe e alguns tios não conversam comigo e nem me olham, mais meu pai e minha irmã me apoiaram muito.” (qhf. f.02, p.04, q.11);
- (123) “Nenhum, só pergunto se eu queria um psicólogo só isso.” (qhf. f.03, p.04, q.11);
- (124) “resposta junto o numero 10.” (qhf. f.04, p.04, q.11);
- (125) “-idem a resposta 10.” (qhf. f.05, p.04, q.11);
- (126) “Nenhuma atitude, ou comentários à respeito.” (qhf. f.06, p.04, q.11);
- (127) “Minha mãe ficou uns três dias de cara virada pra mim, depois disse que queria me ajudar e se eu aceitava ajuda. Eu disse que sim e ela me levou pra conversar com um padre, ele me fez varias perguntas e disse que não podia mais ver a minha namorada (usa a página seguinte) 11- e quando eu sai de lá minha mãe perguntou se algo tinha mudado, eu disse que não e que eu continuava a gostar da pessoa que estava comigo. Então ela resolveu me levar para Campo Grande em uma mulher que fazia cura interior o que também não mudou minha “opção”, ai ela me fez ir ao psicólogo por dois meses então ela viu que não mudaria nada e ela resolveu aceitar.” (qhf. f.07, p.04, q.11);
- (128) “Por eu ter saído da casa deles para estudar, cortaram todos os meus créditos, mesadas e para eu ter tudo de volta tinha que desistir do meu relacionamento e voltar a morar na casa de meus pais, mas não fiz isso.” (qhf. f.08, p.04, q.11);
- (129) “Meus pais conversaram, mas disseram que me amavam mesmo assim.” (qhf. f.09, p.04, q.11);

- (130) “Minha mãe me abraçou muito e me apoiou, me dando suporte emocional e meu pai levou um tempo e minha irmã, também mas hoje temos uma ótima convivência.” (qhf. f.010, p.04, q.11);
- (131) “Disseram que não concordam mas que me apoiam e me amam de qualquer forma.” (qhf. f.011, p.04, q.11);
- (132) “Nenhuma, eu que resolvi sair de casa.” (qhf. f.012, p.04, q.11);
- (133) (Não respondeu) (qhf. f. 01, p.04, q.12);
- (134) “Nossa mudou tudo, me senti mais eu, sem ter medo de nada, fiquei mais feliz, mais tudo.” (qhf. f.02, p.04, q.12);
- (135) “Hoje eu estou bem mais tranquila em relação eles saber, e estou muito feliz com minha vida nova e com minha namorada com eles sabendo agente ta bem melhor.” (qhf. f.03, p.04, q.12);
- (136) “Todo meu tratamento, responsabilidade e cobranças surgiram com mais frequência, de inicio era rejeição eu sofri pelos meus pais. Hoje posso dizer que tenho tratamento “vip”, com minha cobrança por carinho, hoje tenho sem pedir.” (qhf. f.04, p.04, q.12);
- (137) “Sou independente, moro em (rasura) endereço diverso à minha família, nada mudou frequentam minha casa normalmente.” (qhf. f.05, p.04, q.12);
- (138) “Pra mim é tranquilo c/o (como) já escrevi, minha família aceita, n~ (não) comenta.” (qhf. f.06. p.04, q.12);
- (139) “Depois que a minha mãe me aceitou eu passei a ser eu mesma, a viver minha vida sem precisar me esconder ou fingir ser alguém que eu não era. Me tirou um grande peso das costas.” (qhf. f.07, p.04, q.12);
- (140) “Por eu não voltar depois de tudo que aconteceu, amadurecimento, conquistar minhas coisas com meu próprio trabalho e reconhecer que sou como todos, capaz de conquistar meus objetivos.” (qhf. f.08, p.04, q.12);
- (141) “Eu passei a me aceitar mais, a respeitar mais as pessoas, não julgar independente de raça, religião ou orientação sexual.” (qhf. f.09, p.04, q.12);
- (142) “Mudou tudo me senti mais leve, mais tranquila e de certa forma mais segura.” (qhf. f.010, p.04, q.12);
- (143) “não mudou nada, sou tratada da mesma forma q/ (que) antes e as vezes recebo até mais amor e atenção.” (qhf. 011, p.04, q.12);
- (144) “mudou (rasura) no quesito responsabilidade.” (qhf. f.012, p.04, q.12);
- (145) “Na infância: foi a parte da descoberta, não entendia (rasura) o que se passava tudo era (rasura) não. Adolescência: é mais dramático eu não queria ser quem eu sou, não assumia o fato de não gostar de homem. Adulta: É mais complicado, ainda não encarei meus pais, mesmo sabendo que (rasura) eles sabem sobre mim, é hora de falar a verdade.” (qhf. f.01, p.05, q.13);
- (146) “Nossa sem duvida nenhuma foi a minha adolescência, pois foi a minha fase de descoberta de mim mesma.” (qhf. f.02, p.05, q.13);
- (147) “Nenhuma parte! Não sei adulta porque não cheguei lá ainda.” (qhf. f.03, p.05, q.13);
- (148) “Na adolescência, pois quando criança não me importava e tudo era natural. Foi difícil na adolescência, porque não tinha certeza do que queria. Hoje, lido muito bem com minha opção sexual.” (qhf. f.04, p. 05, q.13);
- (149) “Depois de adulta, pois nunca entendia esse tipo de sentimento olhava os homens de maneira diferente, como amigos, parentes, etc, já as mulheres tinha “algo mais”, tinha um sentimento mais sensível, carinhoso, me atraia mais.” (qhf. f. 05, p.05, q.13);
- (150) “Foi difícil na minha adolescência, as pessoas na rua adoravam fazer “gracinhas”, me machucavam c/ (com) palavras, porém eu dava o “troco”. Pra aceitar “ser diferente” tive um conflito muito gde (grande), sofri bastante”. (qhf. f. 06, p.05, q.13);
- (151) “Na infância era estranho por não saber o que significava o que eu sentia, pois não se ouvia falar desse assunto. Mas na adolescência depois do meu primeiro beijo em uma menina tive grandes conflitos comigo mesma e com minha mãe depois que ela soube.” (qhf. f.07, p.05, q.13);

- (152) “– Infância: um pouco conturbado nem eu entendia o que estava acontecendo comigo. – Adolescência: muito medo de assumir e sofrer rejeição das pessoas e ate mesmo da minha família. – Adulta: Um alívio, de poder ser quem eu realmente sou assumindo a minha realidade.” (qhf. f. 08, p.05, q.13),
- (153) “Na infância, pois eu não entendia o que eu sentia e tinha medo das pessoas me magoarem. Na adolescência eu tinha medo de perder os amigos. E na (rasura) fase adulta é bem tranquilo.” (qhf. f.09, p.05, q.13);
- (154) “A minha infância fui criada pela minha avó materna pelo convívio da cidade grande, na adolescência foi mais tranquilo em relação a vida da cidade pequena, mas foi muito conturbado comigo mesmo, e a fase adulta está sendo bem tranquilo.” (qhf. f.010, p.05, q.13);
- (155) “-Na infância Foi normal, foi ou estava me descobrindo e achava que era apenas uma fase. – Na adolescência foi um pouco mais conturbada, pois existiam alguns preconceitos embora eu ainda não era assumida e na Adulta Foi a pior, pois passei por problemas onde não podia desabafar com ninguém pelo fato de ninguém saber.” (qhf. f.011, p.05, q.13);
- (156) “Infância foi tranquila. Adolescência foi tranquila. Adulta eu sai de casa.” (qhf. f.012, p.05, q.13);
- (157) “Muito Bom à (há) muito Respeito entre nós.” (qhf. f. 01, p.05, q.14);
- (158) “Muito bom, todos os meus amigos são gays me dou muito bem e aqueles que não são me dou muito bem.” (qhf. f.02, p.05, q.14);
- (159) “Eles todos são gays então foi normal.” (qhf. f.03, p.05, q.14);
- (160) “Amigos todos sabem, me respeitam, brincam com o assunto e lido muito bem com a situação.” (qhf. f.04, p.05, q.14);
- (161) “-excelente, nunca falei abertamente, me respeita, bem como minha companheira e “nosso filho”. Nunca fomos privados a nada, sempre fomos convidadas a eventos.” (qhf. f.05, p.05, q.14);
- (162) “Tudo certo, me aceitam e me respeitam... Relacionamento normal c/ (com) elas.” (qhf. f.06, p.05, q.14);
- (163) “O relacionamento com meus amigos continuou o mesmo, eu os respeito e eles me respeitam. Acho até que hoje tenho mais amigos sinceros e que me ajudam quando há uma situação ruim em minha vida.” (qhf. f.07, p.05, q.14);
- (164) “Ótimo, mas sou de poucas amizades.” (qhf. f.08, p.05, q.14);
- (165) “Há um respeito muito grande pois eu respeito muito as pessoas como elas são e se são meus amigos pois tenho algo de bom e uma amizade saudável.” (qhf. f.09, p.05, q.14);
- (166) “Ótimo, nunca tive problemas.” (qhf. f.010, p.05, q.14);
- (167) “Muito bom, pois todos me Tratam com Respeito, carinho e Respeitam meu Espaço.” (qhf. f.011, p.05, q.14);
- (168) “Todos me respeitam.” (qhf. f.012, p.05, q.14);
- (169) “Sim, primos ou primas que tem amigos homossexuais.” (qhf. f. 01, p.05, q.15);
- (170) “Sim meus pais, depois que souberam de mim fizeram muita amizade com gays e minha casa e cheia deles meus pais adoram eles.” (qhf. f. 02, p.05, q.15);
- (171) “Sim meu irmão conversa com minhas amiga tudo.” (qhf. f.03, p.05, q.15);
- (172) “Sim, minha mãe tem amizades no serviço dela e até mesmo com algumas amigas minhas.” (qhf. f. 04, p.05, q.15);
- (173) “-Com certeza, minha mãe (com professor de dança), meus sobrinhos, com seus amigos (as).” (qhf. f.05, p.05, q.15);
- (174) “Sim, a minha família convive tranquilamente c/ (com) meus amigos homos.” (qhf. f. 06, p.05, q.15);
- (175) “Sim, minha mãe tem amizades com meus amigos gays e minhas amigas lésbicas e as vezes dá até conselhos.” (qhf. f 07, p.05, q.15);
- (176) “Sim, normal não há preconceito não.” (qhf. f.08, p.05, q.15);

- (177) “Sim, essa relação é muito tranquila pois meus amigos vai em casa e são homossexuais e dentro da minha casa meus pais são amigos dos meus amigos.” (qhf. f.09, p.05, q.15);
- (178) “Não sei informar.” (qhf. f.010, p.05, q.15);
- (179) “Sim, todos eles encaram como algo normal e não são preconceituosos, só não imaginam q/ (que) possa acontecer com alguém da própria família.” (qhf. f.011, p.05, q.15);
- (180) “Não sei.” (qhf. f.012, p.05, q.15);
- (181) “Sim.” (qhf. f.01, p.06, q.16);
- (182) “Sim namoro com a Michele há algum tempo.” (qhf. f.02, p.06, q.16);
- (183) “sim namoro com a Tamara Scarlart.” (qhf. f.03, p.06, q.16);
- (184) “Não, tenho uma pessoas sempre presente, porem não é estável.” (qhf. f.04, p.06, q.16);
- (185) “-Sim, temos um relacionamento desde 07/09/1991, portanto 21 anos. Há mais ou menos 2 anos moramos em casa separada, mas nos frequentamos diariamente. Dormimos um dia em uma casa, outro em outra casa.” (qhf. f.05, p.06, q.16);
- (186) “Sim, vivo com minha mulher à 21 anos.” (qhf. f.06, p.06, q.16);
- (187) “Sim tenho uma namorada há 6 meses.” (qhf. f.07, p.06, q.16);
- (188) “Sim, já tem 6 meses e agora fazemos planos de morar definitivamente juntas.” (qhf. f.08, p.06, q.16);
- (189) “Sim, namoro a 3 meses, meus pais sabem e tratam ela como minha namorada.” (qhf. f.09, p.06, q.16);
- (190) “Sim, uma noiva.” (qhf. f.010, p.06, q.16);
- (191) “Sim, tenho namorada fazem 3 meses, mas já fui casada com uma antes mulher por 6 anos.” (qhf. f.011, p.06, q.16);
- (192) “Sim, uma pessoa maravilhosa”. (qhf. f.012, p.06, q.16);
- (193) “Não, não acho justo com minha companheira”. (qhf. f.01, p.06, q.17);
- (194) “Não, graças a Deus não preciso disso”. (qhf. f.02, p.06, q.17);
- (195) “Antigamente sim... Hoje não.” (qhf. f.03, p.06, q.17);
- (196) “Não tenho, nunca tive, desde que me descobri, fiz minha escolha e me mantive firme nela, sem esconder ou melhor me esconder.” (qhf. f.04, p.06, q.17);
- (197) “-Não, pois não consigo sentir nenhuma atração pelos homens, somente amizade e respeito.” (qhf. f.05, p.06, q.17);
- (198) “Não, isto nunca aconteceu.” (qhf. f.06, p.06, q.17);
- (199) “Hoje em dia não mais, mas na adolescência eu tinha”. (qhf. f.07, p.06, q.17);
- (200) “hoje, graças a Deus não mais.” (qhf. f.08, p.06, q.17);
- (201) “Não, (rasura), mas já fiz isso, e não vale a pena.” (qhf. f.09, p.06, q.17);
- (202) “Não, nunca tive.” (qhf. f.010, p.06, q.17);
- (203) “Não, nunca passei por isso, e nem faria isso p/ (para) disfarçar.” (qhf. f.011, p.06, q.17);
- (204) “Sim, quando tinha 16 anos.” (qhf. f. 012, p.06, q.17);
- (205) “Sim, porem eles agem como se (rasura) eu não fosse gay.” (qhf. f.01, p.06, q.18);
- (206) “Não, sou aceita por todos e respeitada também.” (qhf. f.02, p.06, q.18);
- (207) “Não meus familiares me respeita.” (qhf. f.03, p.06, q.18);
- (208) “Algumas vezes, sofro com a ignorância que vem da parte de minha mãe.” (qhf. f.04, p.06, q.18);

- (209) “- Não, nunca, pois sempre me posicionei e fiz por onde ser respeitada.” (qhf. f.05, p.06, q.18);
- (210) “nenhum preconceito, minha família me aceita.” (qhf. f.06, p.06, q.18);
- (211) “Não consigo perceber nenhum tipo de preconceito.” (qhf. f.07, p.06, q.18);
- (212) “Não, logico que nem todos aceitam, mas respeitam.” (qhf. f.08, p.06, q.18);
- (213) “Não, como eu disse anteriormente meus pais me amam como eu sou.” (qhf. f.09, p.06, q.18);
- (214) “Não, (rasura) Se possuem não expressam.” (qhf. f.010, p.06, q.18);
- (215) “Não, todos respeitam a minha decisão e meu espaço.” (qhf. f.011, p.06, q.18);
- (216) “Não.” (qhf. f.012, p.06, q.18);
- (217) “Ainda não passei por isso.” (qhf. f.01, p.07, q.19);
- (218) “Não, porque eu não sai gritando pro mundo todo que sou gay acho que certos tipos de coisas podem ser evitado, e quando sabem me respeitam.” (qhf. f.02, p.07, q.19);
- (219) “Não, no meu setor a maioria dos funcionário são gay.” (qhf. f.03, p.07, q.19);
- (220) “Não, todos sabem e respeitam.” (qhf. f.04, p.07, q.19);
- (221) “-Não, sou chefe no meu setor e meus colegas me respeitam. Sou discreta e não comentamos sobre o assunto. Me relaciono bem com eles. Estou sempre solicita aos colegas, ao que precisam, sempre à disposição deles e suas necessidades.” (qhf. f.05, p.07, q.19);
- (222) “Não, no meu trabalho me respeitam e aceitam c/o (como) sou, tenho um relacionamento c/ (com) meus colegas extra trabalho, nos reunimos sempre em jantares, churrascos, cervejinhas, festas... Na escola, faço meu trabalho c/ (com) responsabilidade e compromisso; isto facilitou (penso) a aceitação dos meus colegas.” (qhf. f.06, p.07, q.19);
- (223) “Eu penso que quando você se da o respeito todos te respeitam e eu também não saio por ai escancarando a minha opção para todos.” (qhf. f.07, p.07, q.19);
- (224) “Não, mas também não dou liberdade para minha vida pessoal, no trabalho é tudo muito profissional.” (qhf. f.08, p.07, q.19);
- (225) “Não sofro, ou (rasura) se sofro não sei pois o preconceito esta na cabeça das pessoas.” (qhf. f.09, p.07, q.19);
- (226) “Não, porem no trabalho não especifico nada da minha vida pessoal por eu ser da área da saúde e lidar diretamente com pessoas de todas as crenças.” (qhf. f.010, p.07, q.19);
- (227) “Não, já sofri bastante, mas tudo ficou mais fácil depois q/ (que) me (rasura) assumi, as pessoas passaram a aceitar pelo fato de ser a verdade e não mentira ou algo q/ (que) fica oculto.” (qhf. f.011, p.07, q.19);
- (228) “Não.” (qhf. f.012, p.07, q.19);
- (229) “(B) Não tem nada com a minha orientação sexual, trabalho com todos e ganho meu dinheiro como todos.” (qhf. f.01, p.07, q.20);
- (230) “(B) Não, axo (acho) que dinheiro não volga (voga) em nada de orientação sexual.” (qhf. f.02, p.07, q.20);
- (231) “(B) Não... Dinheiro não tem nada aver (haver) com orientação sexual.” (qhf. f.03, p.07, q.20);
- (232) “(A) Recebo, do meu pai, quantia não estipulada, porem é apenas uma ajuda, nada relacionado a minha orientação sexual.” (qhf. f.04, p.07, q.20);
- (233) (Iniciou a resposta no A e indicou com seta para a B) “-Não. Sou concursada desde os 18 anos de idade, portanto sou totalmente independente.” (qhf. f.05, p.07, q.20);
- (234) (Respondeu na opção A, porém, indicou com seta para a opção B) “Não recebo ajuda no dia-a-dia, se me aperto financeiramente recorro às minhas irmãs e meu pai, não tem nada a ver c/ (com) minha orientação sexual.” (qhf. f.06, p.07, q.20);

- (235) “(A) Moro com a minha mãe e não pago nada em casa então pode ser considerar uma ajuda. Mas não tem a ver com a minha orientação sexual.” (qhf. f.07, p.07, q.20);
- (236) (Respondeu igualmente as duas opções e indicou com seta a opção B) “Não recebo. Pois eu trabalho e o que tenho é suficiente para mim.” (qhf. f.08, p.07, q.20);
- (237) “(A), (rasura), Sim recebo ajuda para estudar faço faculdade fora e (rasura) uma coisa não tem nada a ver com a outra.” (qhf. f.09, p.07, q.20);
- (238) “(A) Sim, mas por eu estudar fora, mas não (rasura) pela minha homossexualidade.” (qhf. f.010, p.07, q.20);
- (239) (Respondeu na opção A, porém indicou e identificou com seta a opção B) “(rasura) Somente quando necessário, mas é muito difícil isso acontecer, mas quando acontece é por minha mãe querer ajudar e não tem nada (rasura) relacionado com a orientação sexual, pois trabalho, sou profissional e independente.” (qhf. f.011, p.07, q.20);
- (240) “(A), Não.” (qhf. f.012, p.07, q.20);
- (241) “Não, trabalho desde muito cedo e ajudo em casa.” (qhf. f.01, p.08, q.21);
- (242) “Não, nunca pensei nisso.” (qhf. f.02, p.08, q.21);
- (243) “Não, minha mãe sempre me deu dinheiro normal.” (qhf. f.03, p.08, q.21);
- (244) “Recebo ate hoje, porém não tem nada relacionado a minha orientação.” (qhf. f.04, p.08, q.21);
- (245) “-Não, pois trabalho desde criança (adolescente), bem antes de descobrir e assumir minhas responsabilidades, aliás, me “despertei”, no trabalho.” (qhf. f.05, p.08, q.21);
- (246) “Não, nunca existiu esta relação.” (qhf. f.06, p.08, q.21);
- (247) “Eu ainda dependo da minha mãe para morar e comer.” (qhf. f.07, p.08, q.21);
- (248) “Tinha porque quando ficaram sabendo não me ajudaram mais.” (qhf. f.08, p.08, q.21);
- (249) “Não, eu ainda dependo financeiramente, mas é porque estudo.” (qhf. f.09, p.08, q.21);
- (250) “Não.” (qhf. f.010, p.08, q.21);
- (251) “Não – Quando eu dependia Financeiramente da minha Família eu não era homossexual ainda.” (qhf. f.011, p.08, q.21);
- (252) “Não.” (qhf. f.012, p.08, q.21);
- (253) “Primeiro eu não opinaria isso, porque esse mundo que Vivemos é muito complicado. Porém não sei oque falar porque ainda não encarei essa realidade de enfrentar meus familiares.” (qhf. f.01, p.08, q.22);
- (254) “Eu diria que o primeiro momento vai ser muito difícil, tanto p/ (para) a família como para você, mais depois ela vai se sentir melhor como mulher mais realizada.” (qhf. f.02, p.08, q.22);
- (255) “Eu não ia fala nada acho que cada uma sabe hora certa de falar.” (qhf. f.03, p.08, q.22);
- (256) “Pra ter o máximo de paciência para se assumir, e adiar ao máximo essa descoberta. Deixei exemplos de minha vida e ajudaria no que fosse possível.” (qhf. f.04, p.08, q.22);
- (257) “-Seja sincera, pois nenhum crime há nisso, pois há casos que não se tem culpa. Está dentro de nós, gestação. Não podemos mudar nosso sentimento. Converse (com respeito/educação), pois é difícil para os familiares (pais) aceitarem.” (qhf. f.05, p.08, q.22);
- (258) “Q` N~ (Que não) adianta bater de frente, o melhor sempre é o dialogo, mostrando q (que) o importante é o caráter, as coisas boas q (que) consegue oferecer às pessoas, o bem q (que) é capaz de fazer independente de qualquer orientação sexual.” (qhf. f.06, p.08, q.22);
- (259) “Pra ter calma e não afrontar a família porque todos tem um tempo de aceitação diferente. Se você bate de frente só vai provocar reações ruins.” (qhf. f.07, p.08, q.22);
- (260) “De que não é fácil, mas desde que você respeite, vai receber o mesmo respeito.” (qhf. f.08, p.08, q.22);

- (261) “Que tudo na vida é questão de respeito e muito dialogo. Respeitar o espaço do próximo é fundamental.” (qhf. f.09, p.08, q.22);
- (262) “Respeite, para ser respeitado, cada um tem seu tempo, mas não se ofusque pela opinião alheia.” (qhf. f.010, p.08, q.22);
- (263) “Tudo se resolve com o tempo, A Família passa a nos aceitar depois que percebe q/ (que) somos Felizes da Forma q/ (que) somos.” (qhf. f.011, p.08, q.22);
- (264) “Para que tenham respeito, e aguarde a oportunidade para ter uma vida estável.” (qhf. f.012, p.08, q.22);
- (265) “Sim, Quanto mais informação mais maleável fica (rasura) lidar com esse assunto.” (qhf. f.01, p.08, q.23);
- (266) “Hum eu acho que não mas acho também que faria a sociedade entender varias coisas, como o respeito a ter mais educação pelos gays e saber que não é opção e sim aceitação pela nossa classe.” (qhf. f.02, p.08, q.23);
- (267) “Acho que não porque sempre vai existir o preconceito, por que o preconceito já começa da dentro de casa então sempre vai ter não vai governantes nem Ongs que vai acabar. Vai diminuir.” (qhf. f.03, p.08, q.23);
- (268) “Sim, acredito que sim, pois quanto mais a sociedade toma conhecimento, abre a cabeça para novas escolhas de vida.” (qhf. f.04, p.08, q.23);
- (269) “- As pessoas “rotulam” muito, talvez sim. Quando discute-se muito sobre o assunto, é mais fácil se falar, talvez ameniza mais.” (qhf. f.05, p.08, q.23);
- (270) “Sim, tudo q (que) vem p/ (para) contribuir p/ (para) a diminuição do preconceito é bem vindo, estas propaganda ajudam as pessoas refletirem q (que) acima de tudo são seres humanos, e q (que n~ (não) é por vontade nossa q (que)0 isto acontece. Penso q (que) abrem as mentes das pessoas.” (qhf. f.06, p.08, q.23);
- (271) “Acredito que a informação é a melhor maneira de combater o preconceito.” (qhf. f.07, p.08, q.23);
- (272) “Sim, pois ainda tem muitas pessoas com a cabeça super fixada para este assunto.” (qhf. f.08, p.08, q.23);
- (273) “Não ninguém conscientiza ninguém, o preconceito esta nas pessoas, e as propagandas, (rasura) as vezes poderia piorar a situação.” (qhf. f.09, p.08, q.23);
- (274) “Não, o que diminui o preconceito é a criação quando pequeno, caso contrario não diminui, mas ajuda a conscientizar de outra forma...” (qhf. f.010, p.08, q.23);
- (275) “Depende da Forma q/ (que) são Realizadas essas propagandas, net, etc.” (qhf. f.011, p.08, q.23);
- (276) “Não”. (qhf. f.012, p.08, q.23);
- (277) (Não respondeu, apenas assinalou com um X) (qhf. f. 01, p.09, q.24);
- (278) “Eu sou homossexual eu gosto de ser gay, não tenho vergonha de mim e me axo (acho) muito mais eu depois que eu mesma me assumi p/ (para) mim mesma. Não é uma vida fácil, cheia de preconceito mais vale a pena tudo isso.” (qhf. f.02, p.09, q.24);
- (279) “A eu não tenho nada a dizer. Acho que se a pessoa é feliz não importa o que ela é só importa ter Deus no coração amor paz e o mais importante e se aceitar.” (qhf. f.03, p.09, q.24);
- (280) “Tenho orgulho de minha orientação e acho bem “interessante” ela, com a esitação (excitação) diferente dos casais heterossexuais (Risos).” (qhf. f.04, p.09, q.24);
- (281) “Muitas mulheres não tem discrição, gostam de “fazer propaganda” sobre sua orientação sexual, às vezes chocando as pessoas. Temos que respeitar, pois nem todos aceitam. O preconceito ainda é muito grande. Não comungo com esse comportamento, temos que conquistar nosso espaço com dignidade. Agradeço esta oportunidade.” (qhf. f.05, p.09, q.24);
- (282) “Não sofro devido a minha orientação sexual, vivo c/ (com) responsabilidade e c/ (com) a certeza de q (que) sou uma pessoa especial, e capaz de cativar as pessoas e deixando marcas de coisas boas por onde passo. Vivo feliz c/ (com) minha companheira e nosso filho.” (qhf. f.06, p.09, q.24);

(283) “Sou feliz agora que não tenho que esconder nada de ninguém. Tenho trabalho, amigos vida social e o mais importante um filho companheiro, amigo apesar dos seus nove anos.” (E acrescenta no final da página) “De nada Luiza meu amor, conte sempre comigo.” (qhf. f.07, p.09, q.24);

(284) “Que depois que eu me assumi perante à todos sou muito feliz.” (qhf. f.08, p.09, q.24);

(285) “Acredito que sempre fui assim, tenho Apoio dos meus Amigos e dos Meus Familiares e me sinto muito bem e ser assumida como homossexual.” (qhf. f.09, p.09, q.24);

(286) “Em nenhum momento me arrependo, nem da fase mais difícil e sei que o apoio da minha mãe foi de fundamental importância.” (qhf. f.010, p.09, q.24);

(287) “Para mim tá ótimo, e se soubesse q/ (que) seria bem mais fácil lidar com as pessoas de q/ (que) me assumir eu teria me assumido bem antes.” (qhf. f.011, p.09, q.24);

(288) (Não respondeu) (qhf. f.012, p.09, q.24).